

A photograph of a long, dark tunnel with a bright light at the far end, creating a strong sense of perspective and hope. The light is a warm, golden-yellow color, and the tunnel walls are dark and textured. The overall mood is one of mystery and enlightenment.

Vida após a Vida

Dr. Raymond Moody Jr.

VIDA APÓS A VIDA

Dr. Raymond Moody Jr.

Publicação original (1976):
LIFE AFTER LIFE

Editora Nórdica

www.luzespirita.org.br

2013 – Brasil



Vida
após a *Vida*

Dr. Raymond Moody Jr.

Sumário

A experiência de morrer — pág. 7

Agradecimentos — pág. 8

Prefácio — pág. 9

Introdução — pág. 11

1. O fenômeno da morte — pág. 14
2. A experiência de estar morrendo — pág. 19
3. Paralelos — pág. 64
4. Perguntas — pág. 73
5. Explicações — pág. 84
6. Impressões — pág. 97

Posfácio — pág. 100

O que acontece quando uma pessoa morre? Uma pesquisa séria e impressionante do fenômeno da sobrevivência à morte física.

Nos últimos anos o Dr. Raymond Moody Jr. Conduziu um estudo envolvendo mais de uma centena de indivíduos que experimentaram a morte clínica e reviveram.

Os relatos de suas experiências são espantosamente semelhantes em seus detalhes e fornecem uma prova incontestável da sobrevivência do espírito humano depois da morte. Este livro vem confirmar o que nós temos pensado durante dois mil anos: que existe vida depois da morte!

Para George Ritchie e, através dele, para Aquele a quem sugeriu.

A experiência de morrer

"Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou toque de campainhas e, ao mesmo tempo, sente-se movendo muito rapidamente através de um túnel longo e escuro. Depois disso, encontra-se repentinamente fora do seu corpo físico... Logo outras coisas começam a acontecer.

Outros vêm ao seu encontro e ajudam. Vê de relance os espíritos de parentes e amigos já mortos, e aparece diante dele um espírito amigo de uma espécie que nunca encontrou antes — um espírito de luz."

Agradecimentos

Muitas pessoas me auxiliaram e encorajaram durante a pesquisa e redação deste livro e eu não poderia ter completado este projeto sem o seu auxílio. Meu bom amigo John Ouzts foi quem me convenceu a fazer minha primeira conferência pública sobre este assunto. John Egle, da Mockingbird Books, foi quem primeiro me incentivou a reunir minhas descobertas por escrito e forneceu apoio e estímulo. Leonard, Mae, Becky e Scott Brooks forneceram-me alojamento, alimentação e condução em muitas ocasiões, quando precisei deles. Kathy Tabakian acompanhou-me em várias entrevistas, e eu me beneficieei de longos debates com ela. Russ Moores, Richard Martin e Ed McCranie, do Medicaí College, da Geórgia, deram-me valiosas sugestões e indicaram-me literatura muito relevante a respeito do assunto. Minha esposa passou longas horas relendo o manuscrito e as provas tipográficas. Finalmente, gostaria, acima de tudo, de agradecer a todos aqueles que me contaram seus encontros com a morte. Apenas posso esperar que este livro seja digno de toda a confiança que cada uma das pessoas acima mencionadas depositou em mim.

Prefácio

Tive o privilégio de ler, antes da publicação, uma cópia do livro do Dr. Moody, *Vida depois da vida*, e fiquei contente por este jovem estudioso ter tido a coragem de reunir suas descobertas e tornar acessível ao grande público este novo tipo de pesquisa.

Como durante os últimos vinte anos tenho trabalhado com pacientes vítimas de doenças incuráveis, tenho me preocupado cada vez mais em encarar o próprio fenômeno da morte. Já aprendemos muita coisa sobre o processo de morrer, mas ainda faltam muitas respostas em relação ao momento da morte e às experiências que os nossos pacientes têm quando se diz que estão clinicamente mortos.

A pesquisa, como a que o Dr. Moody nos apresenta no seu livro, é que nos esclarecerá muitas questões e confirmará o que nos tem sido ensinado há dois mil anos: que há vida depois da morte.

Embora o Dr. Moody não pretenda ter estudado a própria morte, fica evidente, pelas suas descobertas, que o paciente moribundo continua a ter informação consciente do seu ambiente depois de ter sido declarado clinicamente morto. Isso coincide em muito com a minha própria pesquisa, que utilizou relatos de pacientes que morreram e vieram de volta, totalmente contra nossas expectativas e muitas vezes para surpresa de alguns médicos bem conhecidos, altamente especializados e certamente competentes.

Todos esses pacientes experimentaram o ato de flutuar para fora de seus corpos físicos, associado com uma grande sensação de paz e totalidade. Muitos estavam cômicos de outra pessoa que os ajudava' em sua transição para outro plano de existência. A maioria foi saudada por pessoas amadas que tinham morrido antes, ou por alguma figura religiosa que tinha sido significativa durante suas vidas e que coincidia, naturalmente, com suas próprias crenças religiosas. Foi esclarecedor ler o livro do Dr. Moody no momento em que me preparo para pôr no papel os resultados de minha própria pesquisa.

O Dr. Moody deve estar preparado para um bocado de críticas, vindas principalmente de duas áreas. Haverá membros do clero que ficarão

perturbados por quem quer que ouse pesquisar uma área supostamente tabu. Alguns representantes de uma seita religiosa já expressaram seu descontentamento diante de estudos como este.

Um sacerdote referiu-se a "vender barato a graça". Outros sentem simplesmente que a questão da vida depois da morte deve permanecer uma questão de fé cega, não posta em dúvida por ninguém. O segundo grupo de pessoas do qual o Dr. Moody pode esperar que reajam ao seu livro com preocupação são os cientistas e os médicos que encaram estudos deste tipo como algo "não-científico".

Penso que alcançamos uma era de transição em nossa sociedade. É preciso ter a coragem de abrir novas portas e admitir que nossos instrumentos científicos atuais são inadequados para muitas dessas novas investigações. Penso que este livro abrirá essas novas portas para pessoas capazes de manter a mente aberta, e que lhes dará esperanças e coragem de avaliar novas áreas de pesquisa. Elas saberão que este relato do Dr. Moody é verdadeiro, e que foi escrito por um investigador autêntico e honesto. É também corroborado pela minha própria pesquisa e pelos resultados de outros que pensam com seriedade: cientistas, eruditos e membros do clero que têm tido a coragem de investigar este novo campo de pesquisa na esperança de ajudar aqueles que precisam saber mais do que acreditar.

Recomendo este livro a qualquer um que tenha a mente aberta, e congratulo o Dr. Moody pela coragem de publicar seus resultados.

Elisabeth Kubler-Ross,
doutora em medicina.
Flossmoor, Illinois.

Introdução

Este livro, escrito como foi por um ser humano, reflete as opiniões, os preconceitos e o passado de seu autor. Por isso, embora eu tenha tentado ser objetivo e direto tanto quanto possível, certos fatos acerca de mim mesmo podem ser úteis na avaliação de algumas das afirmações extraordinárias que são feitas a seguir.

Em primeiro lugar, nunca estive eu mesmo próximo da morte, e portanto não estou apresentando um relato de experiências de primeira mão que eu mesmo tenha tido. Nem por isso posso reivindicar uma objetividade total, uma vez que as minhas emoções acabaram por ficar envolvidas neste projeto. Ao ouvir tantas pessoas relatarem as experiências fascinantes de que trata este volume, cheguei a sentir quase como se as tivesse vivido eu próprio.

Só posso esperar que essa atitude não tenha comprometido a racionalidade e o equilíbrio de minha abordagem. Em segundo lugar, escrevo como alguém que não está muito familiarizado com a vasta literatura sobre fenômenos paranormais e ocultos. Não digo isso para diminuí-la, e tenho confiança em que uma familiaridade maior com ela possa aumentar minha compreensão dos eventos que estudei. Na verdade, pretendo agora olhar mais de perto alguns desses escritos e ver em que extensão as investigações de outros são confirmadas pelos meus resultados.

Em terceiro lugar, minha educação religiosa merece algum comentário. Minha família frequentava a Igreja Presbiteriana; entretanto, meus pais nunca tentaram impor suas convicções religiosas ou crenças aos seus filhos. De modo geral tentaram, à medida que eu crescia, encorajar quaisquer interesses que eu tivesse desenvolvido por mim mesmo, e proporcionavam oportunidades para que eu lhes desse continuidade. Assim, cresci tendo uma "religião" que não era um conjunto de doutrinas fixas, mas sim uma preocupação com doutrinas espirituais e religiosas, com ensinamentos e questões. Acredito que todas as grandes religiões do homem têm muitos conhecimentos para nos dar e que nenhum de nós tem todas as respostas quanto às verdades profundas e fundamentais de que a religião trata. Em termos de organização, sou membro da Igreja Metodista.

Em quarto lugar, meu passado acadêmico e profissional é algo diversificado — alguns diriam fraturado. Frequentei os cursos de pós-graduação em filosofia da Universidade da Virgínia e recebi meu doutoramento na matéria em 1969. Áreas de meu especial interesse em filosofia são ética, lógica e filosofia da linguagem.

Depois de ensinar filosofia por três anos em uma universidade do leste da Carolina do Norte, decidi fazer medicina em uma faculdade, e pretendo tornar-me psiquiatra e ensinar filosofia da medicina em uma escola de ciências médicas. Todos esses interesses e experiências contribuíram necessariamente para moldar a abordagem que adotei neste estudo.

Minhas expectativas em relação a este livro são chamar a atenção para um fenômeno que é ao mesmo tempo muito amplo e muito bem escondido e, simultaneamente, ajudar a criar uma atitude pública mais receptiva. Pois é minha firme convicção que este fenômeno tem grande significado, não só para muitas disciplinas acadêmicas e práticas — especialmente psicologia, psiquiatria, medicina, filosofia, teologia e o sacerdócio —, mas também para a maneira como conduzimos a nossa vida cotidiana.

Seja-me permitido dizer desde o começo que, com base no que explicarei bem mais tarde, não estou tentando provar que existe vida depois da morte. Nem creio que "prova" disso seja possível no presente. Em parte por essa razão, evitei usar nomes reais e alterei alguns detalhes identificadores das histórias, deixando ao mesmo tempo seus conteúdos inalterados. Isso foi necessário, tanto para proteger a intimidade das pessoas implicadas como, em muitos casos, para obter a permissão de publicar a experiência inicialmente a mim relatada.

Haverá muitos que acharão incríveis as afirmações deste livro e cuja primeira reação será descartá-las sem mais aquela. Não tenho nenhum argumento para censurar quem quer que se encontre nesta categoria; eu próprio teria exatamente a mesma reação apenas há alguns anos. Não estou pedindo a ninguém que aceite o conteúdo deste volume e acredite nele com base apenas na minha autoridade.

Com efeito, como um lógico que desaconselha o caminho da crença que procede de inválidos apelos à autoridade, peço especificamente que ninguém o faça. Tudo o que peço a alguém que desacredite do que lê é que investigue um pouco aqui e ali por conta própria. Já há algum tempo venho lançando este desafio repetidamente. Dos que o aceitaram, houve muitos que, céticos de início, chegaram a partilhar minha perplexidade diante destes eventos.

De outro lado, haverá sem dúvida muitos que ao ler isto sentirão um grande alívio, pois terão descoberto que não estão sozinhos no ter tido tais experiências. A esses — especialmente se, como a maioria, esconderam sua

história, exceto de umas poucas pessoas de confiança — só posso dizer isto: tenho a esperança de que este volume possa encorajá-los a falar com um pouco mais de liberdade, de modo que uma das mais intrigantes facetas da alma humana possa ser mais claramente elucidada.

1

O fenômeno da morte

Como é que é morrer?

Essa é uma questão sobre a qual a humanidade se tem debruçado desde que existem seres humanos. Durante os últimos anos tive oportunidade de levantar essa questão diante de um número considerável de audiências. Esses grupos incluíam desde classes de psicologia, filosofia e sociologia, passando por organizações religiosas, clubes cívicos e audiências de televisão, até sociedades profissionais de medicina. Com base nessa experiência, posso afirmar com segurança que este tópico excita os mais poderosos sentimentos em gente com os mais diversos tipos emocionais e modos de vida.

Entretanto, a despeito de todo esse interesse, ainda permanece verdade afirmar que é muito difícil para a maioria de nós falar sobre a morte. Há pelo menos duas razões para isso. Uma delas é antes de tudo psicológica e cultural: o assunto morte é tabu. Sentimos, talvez apenas subconscientemente, que estar em contato com a morte, de qualquer jeito, ainda que indiretamente, de algum modo nos coloca em confronto com a perspectiva de nossa própria morte, aproxima-nos de nossa morte e a torna mais real e pensável. Por exemplo, a maioria dos estudantes de medicina, incluindo eu próprio, descobre que mesmo o encontro com a morte que ocorre na primeira visita aos laboratórios de anatomia no início do curso de medicina pode provocar fortes sentimentos de mal-estar. No meu próprio caso, a razão dessa resposta parece agora bastante óbvia. Ocorreu-me retrospectivamente que não era inteiramente preocupação pela pessoa cujos restos mortais eu via ali, embora esse sentimento certamente estivesse presente. O que eu estava vendo naquela mesa era um símbolo de minha própria mortalidade. De algum modo, ainda que apenas pré-conscientemente, este pensamento deve ter estado presente em minha mente: "Isto acontecerá comigo também". Da mesma forma, falar sobre a morte pode parecer ao nível psicológico um outro modo de aproximar-se dela indiretamente. Muita gente sem dúvida tem a sensação de que falar sobre a morte já é, com efeito, conjurá-la, trazê-la mais perto, de modo que seja preciso encarar a inevitabilidade do nosso próprio fim. Assim, para poupar-nos esse trauma psicológico, decidimos evitar o assunto tanto quanto possível.

A segunda razão pela qual é difícil discutir a morte é mais complicada, e tem suas raízes na própria natureza da linguagem. Na sua maioria, as palavras da linguagem humana aludem a coisas das quais temos experiência através dos nossos próprios sentidos físicos. A morte, entretanto, é algo que jaz além da experiência consciente da maioria de nós porque a maioria de nós ainda não passou por ela.

Se é que vamos falar acerca da morte, então é preciso evitar tanto os tabus sociais como os dilemas linguísticos profundamente estabelecidos que derivam de nossa própria inexperiência. O que frequentemente acabamos por fazer é falar por analogias eufemísticas. Comparamos a morte ou morrer com coisas mais agradáveis da nossa experiência, coisas com as quais temos mais familiaridade. Talvez a mais comum analogia desse tipo seja a comparação entre a morte e o sono. Morrer, dizemos a nós mesmos, é como dormir. Essa figura de retórica ocorre com muita frequência no pensamento e na linguagem cotidianos, bem como na literatura de muitas culturas e de muitas épocas. Era aparentemente muito comum mesmo no tempo dos antigos gregos. Na *Ilíada*, por exemplo, Homero chama o sono de "irmão da morte", e Platão, na sua obra *Apologia*, põe as seguintes palavras na boca de seu mestre, Sócrates, que acaba de ser condenado à morte por um júri ateniense:

"[Agora, se a morte é só um sono sem sonhos,] deve ser um benefício maravilhoso. Suponho que, se se diz a alguém que escolha a noite na qual dormiu tão profundamente a ponto de nem sequer ter sonhos e depois que a compare com as outras noites e dias de sua vida, e então diga, dando a devida consideração, quantos dias e noites melhores e mais felizes do que essa passou em todo o curso de sua vida — bem, penso que. . . [qualquer] um acharia fácil contar esses dias e noites em comparação com o resto. Se a morte é assim, então digo que é um benefício, porque a totalidade do tempo, se encarada dessa maneira, pode ser vista como não mais do que uma só noite".

Nossa própria linguagem contemporânea está imbuída dessa mesma analogia. Considere a frase "pôr para dormir". Se você leva seu cachorro ao veterinário com a instrução de fazê-lo dormir, normalmente quer dizer algo muito diferente do que diria ao levar sua mulher ou seu marido a um anestesista com a mesma instrução.

Outros preferem uma analogia diferente, mas relacionada. Morrer, dizem, é como esquecer. Quando a gente morre, esquece todas as nossas mágoas; todas as nossas memórias dolorosas e perturbadoras são obliteradas.

Velhas e difundidas como sejam, contudo, ambas as analogias, a do "dormir" e a do "esquecer", são no fim das contas inadequadas no que diz respeito ao consolo que nos proporcionam. São duas maneiras diferentes de fazer a mesma afirmação. Ainda que nos digam isso de uma forma algo mais

aceitável, ambas dizem, com efeito, que a morte é simplesmente a aniquilação da experiência consciente, para sempre. Se é assim, então a morte não tem na verdade nenhum dos aspectos desejáveis do dormir ou do esquecer.

Dormir é uma experiência positiva, desejável na vida porque se desperta depois. Uma repousante noite de sono faz com que as horas seguintes em que estamos despertos se tornem mais agradáveis e produtivas. Se não fosse seguido pelo despertar, nenhum dos efeitos benéficos do sono seria possível. Da mesma forma, a aniquilação de toda experiência consciente implica não só a obliteração das memórias desagradáveis, mas também a das agradáveis. Assim, uma vez analisadas, nenhuma das analogias chega a nos dar algum consolo ou esperança ao encarar a morte.

Há, no entanto, um outro ponto de vista que desaprova a ideia de que a morte é uma aniquilação da consciência. De acordo com essa outra e talvez mais antiga tradição, algum aspecto do ser humano sobrevive mesmo depois que o corpo físico cesse de funcionar e seja finalmente destruído. A esse aspecto persistente muitos nomes têm sido dados, entre os quais "psique", "alma", "mente", "espírito", "eu", "ser" e "consciência". Não importando o nome por que seja chamado, a noção de que se passa para outro reino da existência depois da morte física é das mais veneráveis entre as crenças humanas. Há um cemitério na Turquia que foi usado pelos homens de Neandertal há aproximadamente cem mil anos. Lá, impressões fossilizadas permitiram aos arqueólogos descobrir que os homens primitivos enterravam seus mortos em ataúdes de flores, indicando talvez que viam a morte como a ocasião de uma celebração — como o trânsito dos mortos deste mundo para outro. Com efeito, túmulos encontrados em escavações muito primitivas em todas as partes da Terra nos dão testemunhos da crença na sobrevivência humana depois da morte.

Em resumo, deparamo-nos com duas respostas contrastantes à nossa pergunta original acerca da natureza da morte, ambas de derivação muito antiga, e, no entanto, sustentadas ainda hoje.

Alguns dizem que a morte é a aniquilação da consciência; outros, com igual confiança, que a morte é a passagem da alma ou da mente para uma outra dimensão da realidade. No que se segue não pretendo contrariar nenhuma dessas duas respostas. Quero simplesmente fornecer o relato de uma pesquisa que empreendi pessoalmente.

Durante os últimos anos encontrei um grande número de pessoas que estiveram envolvidas no que chamarei "experiências de quase morte". Encontrei essas pessoas de várias maneiras. A princípio, por coincidência. Em 1965, quando era estudante de filosofia na Universidade da Virgínia, encontrei um homem que era professor de psiquiatria clínica na faculdade de medicina. Desde o começo fiquei impressionado com seu calor, bondade e bom humor.

Foi uma grande surpresa quando mais tarde vim a saber a respeito dele um fato muito interessante, o de que tinha estado "morto" — não uma, mas duas vezes, com o intervalo de dez minutos — e de que tinha feito o relato mais fantástico sobre o que aconteceu com ele enquanto esteve "morto". Mais tarde escutei ele próprio contar sua história a um pequeno grupo de estudantes interessados. Na ocasião fiquei muito impressionado, mas como tinha pouca base para avaliar tais experiências, apenas "arquivei" a narrativa, tanto na minha mente como sob a forma de uma gravação em fita magnética que fiz na ocasião.

Alguns anos mais tarde, depois de ter recebido meu doutoramento em filosofia, eu estava ensinando em uma universidade na parte leste do Estado da Carolina do Norte. Em um dos cursos pedi aos alunos que lessem o diálogo *Fédon* de Platão, trabalho em que a imortalidade é uma das questões discutidas. Nas minhas aulas tinha estado destacando as outras doutrinas que Platão ali apresenta, e não as enfocara sobre a discussão da vida depois da morte. Um dia, depois das aulas, um aluno pediu para falar comigo. Perguntou se podíamos discutir o assunto da imortalidade. Tinha algum interesse no assunto porque a avó dele tinha "morrido" durante uma operação cirúrgica e tinha narrado uma experiência bastante surpreendente. Pedi-lhe que contasse para mim, e, para minha grande surpresa, relatou quase que a mesma série de eventos que eu tinha escutado o professor de psiquiatria descrever alguns anos antes.

A essa altura minha procura de casos tornou-se algo mais ativa e comecei a incluir leituras sobre o tema da sobrevivência humana depois da morte biológica nos meus cursos de filosofia. Contudo, fui cuidadoso em não mencionar as duas experiências de morte em meus cursos. Adotei, na verdade, a atitude de esperar para ver. "Se esses relatos forem bastante comuns", refleti, "irei provavelmente ouvir mais, se tão somente levantar o tópico geral da sobrevivência em discussões filosóficas, expressar uma atitude simpática em relação a essa questão e esperar." Para minha surpresa, encontrei em quase todas as classes, de mais ou menos trinta alunos, pelo menos um estudante que me procurava depois da aula para relatar uma experiência pessoal de "quase morte".

O que me surpreendeu desde o começo do meu interesse foi a grande semelhança dos relatos, a despeito do fato de que vinham de pessoas com as mais diversas religiões e diferentes circunstâncias sociais e educacionais. Na ocasião em que ingressei na faculdade de medicina, em 1972, já tinha coletado um número considerável dessas experiências e comecei a mencionar o estudo informal que estava fazendo a algumas das minhas relações na faculdade. Em dado momento um amigo me convenceu a fazer uma palestra na Sociedade de Medicina, e outras conferências se seguiram. Mais uma vez descobri que depois de cada palestra alguém vinha me contar uma experiência pessoal.

À medida que fiquei mais conhecido por causa desse interesse, médicos começaram a me enviar pessoas que eles tinham ressuscitado e que relatavam experiências pouco usuais. Outros ainda me escreveram dando informações quando apareceram nos jornais artigos sobre os meus estudos.

No momento presente, conheço cerca de cento e cinquenta casos desse fenômeno. As experiências que estudei recaem sobre três categorias distintas:

1. Experiências de pessoas que foram ressuscitadas depois de terem sido julgadas, consideradas ou declaradas mortas pelos seus médicos.
2. Experiências de pessoas que, no decorrer de acidentes ou doenças ou ferimentos graves, estiveram muito próximas da morte física.
3. Experiências de pessoas que, enquanto morriam, contaram-nas a outras pessoas que estavam presentes. Mais tarde, essas outras pessoas relataram para mim o conteúdo da experiência de morte.

Da vasta quantidade de material que podia ser derivado desses cento e cinquenta casos, obviamente ocorreu uma seleção. Às vezes proposital. Por exemplo, embora eu tenha achado que os relatos do terceiro tipo estejam de acordo e complementem bem as experiências dos outros dois tipos, abandonei a maioria deles considerando duas razões. Primeiro, porque ajudava a reduzir o número de casos estudados a um nível que permitisse melhor tratamento dos dados, e, segundo, porque isso me permitia ficar tanto quanto possível com os relatos de primeira mão. Assim, entrevistei com bastantes pormenores cerca de cinquenta pessoas cujas experiências sou capaz de relatar. Dessas, os casos do primeiro tipo (onde morte clínica aparente ocorreu realmente) são certamente mais *dramáticos* do que os do segundo tipo (nos quais só ocorreu um roçar com a morte). De fato, sempre que faço conferências públicas sobre este fenômeno, os episódios de "morte" são os que invariavelmente provocam mais interesse. Notícias na imprensa às vezes dão a impressão de que são o *único* tipo de caso com que tenho tratado.

No entanto, ao selecionar os casos apresentados neste livro, evitei a tentação de lidar só com os casos em que ocorreu o evento "morte". Pois, como se tornará óbvio, casos do segundo tipo não são diferentes, mas formam uma continuidade com os casos do primeiro tipo. Além disso, embora as experiências de quase morte sejam elas próprias notavelmente similares, tanto as circunstâncias que as rodeiam como as pessoas que as descrevem variam consideravelmente. Assim sendo, tentei dar uma amostra das experiências que refletisse adequadamente essas variações. Com essas restrições em mente, vamos agora voltar-nos para a consideração do que pode acontecer, tanto quanto fui capaz de descobrir, durante a experiência de estar morrendo.

11

A experiência de estar morrendo

Apesar da grande variação nas circunstâncias que rodeiam a proximidade da morte e no tipo de pessoas que passaram por ela, a verdade é que há uma notável semelhança entre os relatos das próprias experiências. De fato, a semelhança entre os vários relatos é tão grande que se podem facilmente separar cerca de quinze elementos que reaparecem repetidamente na massa de narrativas que coletei. Com base nesses pontos de semelhança, seja-me permitido construir uma breve experiência, teoricamente "ideal" ou "completa", que incorpore todos os elementos comuns na ordem em que é típico que ocorram.

Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou toque de campainhas, e ao mesmo tempo se sente movendo muito rapidamente através de um túnel longo e escuro. Depois disso, repentinamente se encontra fora de seu corpo físico, mas ainda na vizinhança imediata do ambiente físico, e vê seu próprio corpo a distância, como se fosse um espectador. Assiste às tentativas de ressurreição desse ponto de vista inusitado em um estado de perturbação emocional.

Depois de algum tempo, acalma-se e vai se acostumando à sua estranha condição. Observa que ainda tem um "corpo", mas um corpo de natureza muito diferente e com capacidades muito diferentes das do corpo físico que deixou para trás. Logo outras coisas começam a acontecer. Outros vêm ao seu encontro e o ajudam. Vê de relance os espíritos de parentes e amigos que já morreram e aparece diante dele um caloroso espírito de uma espécie que nunca encontrou antes — um

espírito de luz. Este ser pede-lhe, sem usar palavras, que reexamine sua vida, e o ajuda mostrando uma recapitulação panorâmica e instantânea dos principais acontecimentos de sua vida. Em algum ponto encontra-se chegando perto de uma espécie de barreira ou fronteira, representando aparentemente o limite entre a vida terrena e a vida seguinte. No entanto, descobre que precisa voltar para a Terra, que o momento da sua morte ainda não chegou. A essa altura oferece resistência, pois está agora tomado pelas suas experiências no após-vida e não quer voltar. Está agora inundado de sentimentos de alegria, amor e paz. Apesar dessa atitude, porém, de algum modo se reúne ao seu corpo físico e vive.

Mais tarde tenta contar o acontecido a outras pessoas, mas tem dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar, não consegue encontrar palavras humanas adequadas para descrever esses episódios não-terrenos. Descobre

também que os outros caçoam dele, e então para de dizer essas coisas. Ainda assim, a experiência afeta profundamente sua vida, especialmente suas opiniões sobre a morte e as relações dela com a vida.

É importante ter em mente que a narrativa acima não pretende ser representativa da experiência de alguma pessoa. É, antes, um "modelo", um composto de elementos comuns encontrados em muitas histórias. Introduzo esse modelo aqui apenas para dar uma ideia preliminar e geral do que uma pessoa que está morrendo pode experimentar. Uma vez que é uma abstração, e não um relato real, na continuação do capítulo irei discutir em pormenor cada um dos elementos comuns, dando muitos exemplos.

Antes disso, contudo, alguns fatos devem ser estabelecidos com a finalidade de colocar o restante da minha exposição sobre a experiência de morrer em uma perspectiva correta.

1. Apesar da notável semelhança entre os vários relatos, não há dois deles exatamente iguais (embora alguns cheguem a ser praticamente idênticos).
2. Não encontrei nenhuma pessoa que relatasse cada um dos componentes individuais da experiência "completa". Muitos relatam a maioria deles (isto é, oito ou mais em cerca de quinze), e alguns chegam a incluir até doze elementos.
3. Não há nenhum dos elementos da experiência composta que tenha sido narrado por todas as pessoas, que tenha aparecido em todos os relatos. Não obstante, alguns desses elementos chegam bem perto de serem universais.
4. Não há em meu modelo abstrato nenhum componente que tenha aparecido apenas em um único relato. Cada um dos elementos apareceu em várias e diferentes histórias.
5. A ordem na qual uma pessoa que está morrendo passa por esses vários estágios delineados rapidamente acima pode variar da ordem dada no meu "modelo teórico". Para dar um exemplo, várias pessoas relataram ter visto o "ser de luz" antes de deixar seus corpos físicos, ou ao mesmo tempo, e não, como no modelo, algum tempo depois. Contudo, a ordem em que os negócios ocorrem no modelo é uma ordem bastante típica, e grandes variações não são comuns.
6. O quão longe a pessoa que está morrendo chega na experiência hipotética completa depende de se a pessoa realmente passou pela morte clínica aparente ou não, e, se sim, por quanto tempo ficou neste estado. No geral, pessoas que estiveram "mortas" parecem relatar experiências mais completas e detalhadas do que as que apenas

- estiveram próximas da morte, e as que estiveram "mortas" por mais tempo vão mais fundo do que as que estiveram "mortas" por um tempo menor.
7. Conversei com algumas pessoas que foram declaradas mortas, ressuscitadas, e que ao voltar não relataram nenhum desses elementos comuns. De fato, disseram que não se lembravam de absolutamente nada a respeito de suas "mortes". Bastante curioso também, conversei com várias pessoas que foram consideradas clinicamente mortas em ocasiões diversas com intervalo de anos, e que relataram não experimentar nada em uma dessas ocasiões, mas que tinham tido experiências bem complexas em outras.
 8. Deve-se destacar que estou escrevendo principalmente sobre relatos, narrativas ou lembranças de outras pessoas que me foram transmitidos verbalmente durante entrevistas. Assim, quando observo que um dado elemento da experiência "completa", abstrata, não ocorreu em dado relato, isso não significa que necessariamente não tenha ocorrido com a pessoa em questão. Significa apenas que a pessoa não me disse que ocorreu, ou que não se pode depreender do relato que a pessoa o tivesse indubitavelmente experimentado.

Dentro desse quadro, pois, vamos examinar alguns dos estágios e acontecimentos comuns nas experiências de morrer.

Inefabilidade

A compreensão geral que temos da linguagem depende da existência de uma grande comunidade de experiências comuns da qual quase todos participamos. Esse fato cria uma grande dificuldade, que complica todas as discussões que se seguem. Os eventos vivenciados por aqueles que estiveram próximos da morte estão fora da nossa comunidade de experiências, por isso bem se poderia esperar que eles tivessem certas dificuldades linguísticas ao expressar o que lhes sucedeu. Com efeito, é isso precisamente o que acontece. As pessoas em questão unanimemente caracterizam suas experiências como inefáveis, isto é, "inexprimíveis".

Muitas pessoas fizeram observações no sentido de que "não existem palavras para expressar o que estou tentando dizer" ou "não existem adjetivos e superlativos que descrevam isto". Uma mulher colocou a questão em termos sucintos quando disse:

"Bem, para mim é um verdadeiro problema tentar lhe contar isso, porque todas as palavras que conheço são tridimensionais. Enquanto passava por

isso, ficava pensando: 'Ora, quando eu estudava geometria, eles sempre me diziam que só havia três dimensões, e eu sempre acatei isso. Mas eles estavam errados. Há mais'. E, naturalmente, o nosso mundo — aquele em que estamos vivendo agora — é tridimensional, mas o próximo certamente não. E é por esse motivo que é tão difícil lhe contar isso. Só posso lhe descrever com palavras que são tridimensionais. É o melhor que posso fazer, mas não é na verdade o bastante. Não posso mesmo lhe dar um quadro completo".

Ouvir a notícia

Inúmeras pessoas contaram que ouviram seus médicos ou outros presentes efetivamente declará-las mortas. Uma mulher contou-me:

"Eu estava no hospital, mas eles não sabiam bem o que é que eu tinha. Aí o Dr. James, meu médico, me enviou para o radiologista no andar de baixo para um exame de rins para ver se descobriam. Primeiro testaram a droga que iam usar, pois eu tenho um bocado de alergia a remédios. Como não houve reação, aplicaram a droga no meu braço. Quando fizeram isso, eu parei. Ouvi o radiologista que estava tratando de mim ir até o telefone, ouvi-o claramente discar, e dizer: 'Dr. James, perdi a sua paciente, a Sra. Martin'. E eu sabia que não estava morta. Tentei me mexer para que eles também vissem, mas não podia. Quando estavam tentando me ressuscitar eu podia ouvi-los dizer de quantos centímetros cúbicos era a injeção que iam me dar, mas não sentia a picada da agulha. Não sentia nada quando me tocavam".

Em outro caso, uma mulher que havia tido anteriormente vários episódios de perturbação cardíaca foi acometida de um ataque do coração durante o qual quase perdeu a vida. Ela conta:

"De repente, senti o aperto de dores me comprimindo o peito, como se uma barra de ferro tivesse sido enrolada no meio do tórax e apertada. Meu marido e um amigo nosso me ouviram cair e correram para me ajudar. Eu me encontrava numa profunda escuridão, e através dela ouvia meu marido, como se ele estivesse muito longe dizendo: 'Chegou a hora, desta vez chegou a hora!' E meu pensamento era 'Sim, chegou'."

Um jovem que passou pela morte depois de um acidente de automóvel relata:

"Ouvi uma mulher que estava lá perguntar: 'Ele está morto?', e alguém responder: 'É, parece que está morto'."

Relatos desse tipo concordam muito com o que os médicos e outros presentes lembram. Por exemplo, um médico me disse:

"Uma paciente minha teve *uma* parada cardíaca diante do cirurgião que ia operá-la. Eu também estava presente e observei suas pupilas se dilatarem. Tentamos ressuscitá-la durante algum tempo, mas não estávamos tendo nenhum êxito, e aí pensei que ela estava perdida. Disse ao outro médico que estava trabalhando comigo: 'Vamos tentar mais uma vez e depois desistimos'. Dessa vez

conseguimos fazer o coração bater e ela voltou a si. Mais tarde perguntei o que ela lembrava da sua 'morte'. Ela disse que não lembrava muito, exceto me ouvir dizer: 'Vamos tentar mais uma vez e depois desistimos'."

Sentimentos de paz e quietude

Muita gente descreve sentimentos e sensações extremamente agradáveis durante os primeiros estágios de suas experiências.

Depois de um grave ferimento na cabeça, os sinais vitais de um homem eram imperceptíveis. Assim diz ele:

"No lugar do ferimento houve um *flash* momentâneo de dor, mas logo toda a dor desapareceu. Tinha a sensação de estar flutuando em um espaço escuro. O dia estava extremamente frio; no entanto, enquanto eu estava naquela escuridão, tudo o que sentia era calor e o maior conforto que jamais experimentei. Lembro-me de ter pensado: 'Devo estar morto'".

Uma mulher que foi ressuscitada depois de um ataque cardíaco observa:

"Comecei a experimentar as mais maravilhosas sensações. Não sentia coisa nenhuma, exceto paz, conforto, tranquilidade — só quietude. Sentia que todos os meus problemas tinham desaparecido e pensava comigo mesma: 'Que paz e quietude, e não dói nada'."

Um outro lembra:

"Eu só tinha um sentimento bom e intenso de solidão e de paz... Foi lindo, e eu estava com tamanha paz na minha mente".

Um homem que "morreu" depois de ser ferido no Vietnã diz que quando foi atingido sentiu "uma grande sensação de alívio. Não houve dor, e nunca me senti tão relaxado. Tudo era tranquilidade e era bom".

O ruído

Várias sensações auditivas pouco comuns são relatadas em muitos casos como ocorrências na morte ou perto dela. Às vezes algumas delas são extremamente desagradáveis. Um homem que "morreu" durante vinte minutos no decorrer de uma operação abdominal descreve "um zumbido muito ruim vindo de dentro da minha cabeça. Aquilo fez sentir-me muito mal... Nunca vou esquecer aquele zumbido". Outra mulher conta como ao perder a consciência ouviu "um barulho de campainha alto. Podia ser descrito como um zumbido. E eu estava num estado de redemoinho". Já ouvi também esse ruído perturbador ser descrito como uma batida, um estouro, um trovejar, bem como um som "de assobio, como o vento".

Em outros casos o efeito auditivo parece assumir uma forma mais agradável, musical. Por exemplo, um homem que foi revivido depois de ter sido declarado morto ao chegar ao hospital relembra o acontecido durante a experiência de morte:

"Ouvia o que pareciam ser sons de sinos repicando ao longe, como que trazidos pelo vento. Soavam como harpas eólias, essas sinetas de vento japonesas... Esse era o único som que às vezes eu podia ouvir".

Uma jovem que quase morreu de hemorragia interna associada com uma desordem de coagulação diz que no momento do colapso "comecei a ouvir uma espécie de música, majestosa, uma espécie de música realmente linda".

O túnel escuro

Simultaneamente, muitas vezes, com a ocorrência do ruído, houve gente que teve a sensação de estar sendo muito rapidamente puxada através de uma espécie de espaço escuro. Muitas e diferentes palavras são usadas para descrever esse espaço. Já ouvi descreverem-no como caverna, poço, buraco, cercado, funil, túnel, vácuo, vazio, bueiro, vale e cilindro. Embora as pessoas usem aqui uma terminologia diferente, é claro que todas estão tentando exprimir uma certa ideia. Vejamos dois relatos em que "túnel" figura com destaque.

"Isso me aconteceu quando eu era um menino de nove anos. Já se passaram vinte e sete anos, mas foi tão marcante que eu nunca poderia esquecer. Uma tarde, quando eu estava muito doente, me levaram às pressas para um hospital. Quando chegamos, decidiram que era preciso me anestésiar, não sei bem por quê, mas tinha relação com a minha idade. Naquele tempo usavam éter. Respirei éter através de uma gaze que puseram no meu rosto e, me contaram depois, meu coração parou de bater. Naquele tempo eu não sabia que era isso o que tinha acontecido comigo, mas, de qualquer jeito, quando aconteceu tive uma experiência. Bem, a primeira coisa que ocorreu — vou tentar descrever do jeito que senti — foi que havia esse ruído de campainha brrrrnnnnng-brrrrnnnnng, bem ritmado. Aí — você vai achar estranho — eu estava me movendo através de um lugar comprido e escuro. Parecia uma espécie de bueiro. Não dá para descrever com exatidão. Estava me movendo, no compasso do ruído, todo o tempo um ruído de campainha".

Outro informante declara:

"Tive uma reação muito má a uma anestesia local, e parei de respirar. — Tive uma parada respiratória. A primeira coisa que aconteceu — foi muito rápido — era que eu estava passando por um vácuo negro, escuro, com uma supervelocidade. Talvez possa ser comparado com um túnel, acho. Me sentia como se estivesse rolando por uma montanha-russa em um parque de diversões, indo por esse túnel com uma velocidade tremenda".

Durante uma enfermidade, um homem chegou à beira da morte, tanto que suas pupilas se dilataram e seu corpo começou a esfriar.

Conta:

"Estava completamente escuro, um vazio negro. É difícil explicar, mas eu me sentia como se estivesse me movendo no vácuo. Como se estivesse em um cilindro em que não havia ar. Uma sensação de limbo, de estar metade aqui e metade em outro lugar".

Antes da ocasião de sua experiência, que ocorreu quando ele era criança, um informante tinha tido muito medo do escuro. No entanto, quando seu coração parou de bater em consequência de ferimentos recebidos em um acidente com uma bicicleta, ocorreu o seguinte:

"Tinha a sensação de estar me movendo através de um vale muito fundo e escuro. A escuridão era tão profunda e impenetrável que eu não podia ver absolutamente nada, mas foi a experiência mais maravilhosa e libertadora que se possa imaginar".

Em outro caso, uma informante que havia tido peritonite relembra:

"Meu médico já tinha chamado meu irmão e minha irmã para me verem pela última vez. A enfermeira me deu uma injeção para me ajudar a morrer mais tranquilamente. As coisas em volta de mim no hospital foram ficando cada vez mais longe. Quando iam se afastando, entrei de ponta-cabeça por uma passagem muito escura e muito estreita. Só dava para um caber ali. Comecei a ir escorregando para o fundo, cada vez mais fundo".

Uma mulher que esteve próxima da morte em um acidente de trânsito fez um paralelo com um *show* de televisão:

"Havia uma sensação da maior paz e quietude, nenhum medo, e eu me encontrava em um túnel — um túnel de círculos concêntricos. Vi um programa na televisão chamado *O túnel do tempo*, onde as pessoas viajavam para diante e para trás através desse túnel de espirais. Bem, isso é a coisa mais próxima do que senti que posso imaginar".

Um homem que esteve muito próximo da morte traça um paralelo algo diferente, paralelo oriundo dos seus antecedentes religiosos.

Diz:

"De repente eu estava num vale muito fundo e muito escuro. Era como se houvesse uma passagem, quase uma estrada, pelo meio do vale, e eu estivesse indo por essa passagem... Mais tarde, depois que eu estava bom, me veio o pensamento: 'Bem, agora eu sei o que significa, na Bíblia, o vale da sombra da morte, porque estive lá'."

Fora do corpo

É um truísmo para a maioria de nós, a maior parte do tempo, a

identificação de nós mesmos com os nossos corpos físicos.

Admitimos, naturalmente, que também temos "mentes". Mas para quase toda a gente nossas "mentes" parecem mais efêmeras do que nossos corpos. A "mente", afinal de contas, pode não ser mais do que o efeito da atividade eletroquímica que ocorre no cérebro, que é parte do corpo físico. Para muita gente é uma tarefa impossível mesmo conceber o que seria existir de outro modo diverso do corpo físico ao qual está acostumada.

Antes de suas experiências, as pessoas que eu entrevistei não eram, como grupo, de nenhum modo diferentes da média das pessoas em relação a essa atitude. É por essa razão que, depois de sua rápida passagem pelo túnel escuro, a pessoa que está morrendo tem com frequência uma surpresa tão grande. Pois, nesse ponto, pode se encontrar olhando o seu próprio corpo físico de um ponto fora dele, como se fosse um "espectador" ou "uma terceira pessoa no quarto" ou apreciando as figuras e os eventos "encenados em um palco" ou "no cinema". Vejamos agora trechos nos quais esses episódios fantásticos de estar fora do corpo são descritos.

"Eu tinha dezessete anos de idade e meu irmão e eu estávamos trabalhando em um parque de diversões. Uma tarde decidimos ir nadar com vários outros jovens. Alguém disse: 'Vamos nadar até o outro lado do lago'. Eu já tinha feito isso em várias outras ocasiões, mas naquele dia, por alguma razão, fui ao fundo, quase no meio do lago... Fiquei me debatendo para cima e para baixo e de repente me senti como se estivesse fora do meu próprio corpo, longe de todo o mundo, em um espaço só para mim. Vi meu corpo na água a uma distância de mais ou menos um metro, vagando para cima e para baixo. Via o meu corpo pelo lado de trás e ligeiramente à direita. Me sentia como se eu ainda tivesse a forma de um corpo inteiro, embora estivesse fora do meu corpo. Sentia uma sensação aérea quase indescritível. Me sentia como uma pena."

Uma mulher relembra:

"Há cerca de um ano, fui internada no hospital com um problema no coração, e na manhã seguinte, deitada na cama do hospital, comecei a sentir uma dor aguda no peito. Toquei a campainha ao lado da cama para chamar as enfermeiras, e elas vieram e começaram a cuidar de mim. Eu estava me sentindo muito sem conforto deitada de costas e por isso me virei de bruços, e assim que virei parei de respirar e meu coração parou de bater. Aí ouvi as enfermeiras gritarem 'código rosa', 'código rosa'! Enquanto elas estavam dizendo isso, eu me senti movendo para fora do meu corpo, escorregando por entre o colchão e a borda da cama — na verdade parecia que eu estava escorregando *através* da borda — escorregando até o chão. Depois comecei a ir para cima, bem devagar. Enquanto ia subindo vi mais enfermeiras entrarem correndo no quarto — devia haver uma dúzia delas. Meu médico estava no hospital fazendo sua ronda de visitas, e elas o chamaram e vi-o entrar também. Pensei: 'Não posso imaginar o que ele está fazendo aqui'. Continuei flutuando para cima até passar o lustre — via o lustre de lado e com toda a nitidez —, e aí parei, flutuando logo sob o teto e olhando para baixo. Sentia-me como se fosse um pedacinho de papel que alguém

tivesse soprado até o teto.

"Assisti-os me ressuscitarem lá de cima! Meu corpo estava deitado lá em baixo, esticado na cama, bem à vista, e todos eles estavam em volta. Ouvi uma enfermeira dizer: 'Meu Deus! Ela se foi!', enquanto outra se abaixou para me fazer ressuscitar respirando boca a boca. Eu estava olhando para a sua *nuca*, enquanto ela fazia isso. Nunca me esquecerei de como era o cabelo dela, cortado curto, meio rente. Bem, aí vi-os rolares para o quarto aquela máquina e colocarem eletrodos no meu peito. Quando deram o choque, vi todo o meu corpo pular na cama e ouvi todos os ossos do meu corpo estalarem. Foi a coisa mais terrível!

"Enquanto eu os via bater no meu peito e esfregar meus braços e pernas lá embaixo, pensava: 'Por que estão tendo tanto trabalho? Estou tão bem agora!'"

Uma jovem informante declara:

"Foi há dois anos, logo que eu completei dezenove anos. Eu estava levando de carro um amigo meu para casa e, assim que cheguei a um determinado cruzamento na cidade, parei e olhei dos dois lados, mas não vi nada vindo. Comecei a atravessar o cruzamento e ouvi meu amigo gritar com toda a força. Olhei e vi uma luz ofuscante, os faróis de um carro que vinha voando em cima de nós. Ouvi um barulho tremendo — o lado do carro sendo amassado — e houve um só instante em que eu parecia estar indo através de um espaço fechado e escuro. Foi muito rápido. Em seguida, eu estava flutuando a uns dois metros da rua, a um metro do carro, digamos, e ouvia o eco da batida zunindo. Via gente correndo e se aglomerando em volta do carro, e vi meu amigo sair dele obviamente em estado de choque. Podia ver meu próprio corpo entre os destroços rodeado de gente e podia vê-los tentando me tirar de lá. Minhas pernas estavam todas retorcidas e havia sangue por toda parte".

Como bem se pode imaginar, alguns pensamentos e sentimentos sem paralelo passam pelas mentes das pessoas que se encontram nessa situação. Muita gente acha a noção de estar fora do corpo tão impensável que, mesmo quando a está vivenciando, sente-se conceitualmente muito confusa a propósito do que está ocorrendo e não liga a experiência com a morte senão depois de um tempo considerável. Elas imaginam o que lhes estaria acontecendo; por que podem de repente ver a si mesmas de uma certa distância, como se fossem espectadores?

As respostas emocionais a esse estranho estado variam amplamente. A maioria relata, a princípio, um desejo desesperado de voltar a seus corpos, mas não tem a menor ideia de como proceder. Outras pessoas lembram que tiveram muito medo, quase entraram em pânico. Algumas, entretanto, relatam reações mais positivas à sua condição, como nesta narrativa:

"Eu fiquei muito doente e o doutor me colocou no hospital. Naquela manhã uma espécie de névoa cinzenta me envolveu e deixei meu corpo. Enquanto me sentia sair do meu corpo, sentia uma sensação flutuante e olhando para trás via a mim mesmo na cama abaixo, e não havia nenhum medo. Estava tudo quieto — muito pacífico e sereno. Eu não estava nem um pouco perturbado ou

amedrontado. Apenas um sentimento tranquilo, e era alguma coisa da qual eu não tinha medo. Achei que talvez estivesse morrendo, e senti que se não voltasse ao meu corpo estaria morto, falecido".

São notavelmente diversas as atitudes que diferentes pessoas assumem em relação aos corpos que acabaram de deixar. É comum uma pessoa relatar sentimentos de preocupação com o seu corpo.

Uma jovem, que era estudante de enfermagem na ocasião de sua experiência, expressa um receio compreensível:

"Isto é meio engraçado, você sabe, mas na escola de enfermagem eles procuram inculcar na gente que se deve doar nossos corpos à ciência. Bem, durante tudo isso, enquanto eu os via tentarem me fazer respirar outra vez, ficava pensando: 'Não quero que eles usem o meu corpo como um cadáver'".

Ouvi duas outras pessoas expressarem exatamente a mesma preocupação quando se encontraram fora de seus corpos. É interessante saber que ambas pertenciam também à profissão médica — um médico e uma enfermeira. Em outro caso, essa preocupação assume a forma de um pesar. O coração de um homem parou de bater em consequência de uma queda em que seu corpo ficou bastante machucado, e ele lembra:

"A certa altura — bem, eu sei que estava deitado ali na cama, mas podia ver a cama e o médico que me tratava. Não. Podia compreender, mas estava olhando o meu próprio corpo deitado ali na cama. E me sentia realmente mal quando olhava meu corpo e via quão maltratado estava".

Várias pessoas me contaram terem tido sentimentos de estranheza em relação a seus corpos, como nesta passagem algo notável:

"Homem, eu nem sabia mesmo que tinha esta aparência! Sabe, só estou acostumado a me ver em fotografias ou em frente ao espelho, e nesses dois apareço sempre *plano*. Mas de repente lá estava eu — ou meu corpo —, e eu podia vê-lo. Podia efetivamente vê-lo, visão completa, de cerca de dois metros. Levou alguns momentos para que eu me reconhecesse".

Em um dos relatos esses sentimentos de estranheza assumem uma forma bastante exagerada e humorística. Um médico conta como, durante sua "morte" clínica, estava ao lado da cama olhando seu próprio cadáver, que então já tinha adquirido a coloração cinzenta dos corpos após a morte. Desesperado e confuso, estava tentando decidir o que fazer. Decidiu que o melhor era ir embora, já que estava se sentindo tão mal. Quando era menino, seu avô tinha lhe contado histórias de fantasmas, e, paradoxalmente, ele disse que não se sentia à vontade ficando em volta daquela coisa que parecia um corpo morto — ainda que fosse ele mesmo!

Por outro lado, algumas pessoas me contaram que não tiveram

nenhum sentimento especial em relação aos seus corpos. Uma mulher, por exemplo, teve um ataque do coração e tinha certeza de que estava morrendo. Sentiu estar sendo puxada através da escuridão para fora do corpo e afastar-se rapidamente. Diz:

"Não voltei a olhar o meu corpo, não. Bem, eu sabia que estava ali e que podia vê-lo se quisesse. Mas eu não queria olhar, nem um pouquinho, porque sabia que tinha feito o melhor que me foi possível na vida, e estava voltando a minha atenção agora para este outro reino de coisas. Sentia que olhar para o meu corpo era olhar para o meu passado, e estava decidida a não fazer isso".

Da mesma forma, uma moça cuja experiência fora do corpo ocorreu depois de um desastre, no qual sofreu vários ferimentos, diz:

"Eu podia ver o meu próprio corpo todo esbandalhado no carro no meio de toda a gente que se reuniu em torno, mas, sabe, não me despertava nenhum sentimento. Era como um ser humano totalmente diferente, ou talvez mesmo apenas um objeto... Sabia que era o meu corpo, mas não sentia absolutamente nada em relação a ele".

Apesar do mistério do estado incorpóreo, a situação é precipitada sobre a pessoa que está morrendo tão subitamente, que pode levar algum tempo até que o significado do que ela está experimentando seja compreendido. Pode acontecer que fique fora do corpo por algum tempo, tentando desesperadamente compreender todas as coisas que estão acontecendo e que perpassam velozmente pela mente, antes de perceber que está morrendo, ou mesmo "morta".

Quando essa compreensão chega, pode ser acompanhada de uma poderosa força emocional e provocar pensamentos perturbadores.

Uma mulher se lembra de ter pensado: "Ah! Estou morta! Que beleza!"

Um homem lembra que lhe ocorreu o seguinte pensamento: "Isto deve ser o que chamam de morte". Mesmo quando essa compreensão chega, pode estar acompanhada de certa confusão e mesmo de alguma recusa em aceitar o estado em que se está. Um homem, por exemplo, lembra-se de ter refletido sobre a promessa bíblica de "três vintenas mais dez" anos, e protestado que teve apenas "quase que só uma vintena".

Uma jovem fez um relato muito impressionante desses sentimentos, quando me disse que:

"Achei que tinha morrido, e não fiquei triste porque estava morta, apenas não conseguia imaginar aonde devia ir. Meus pensamentos e minha consciência eram exatamente como são na vida, mas eu não podia compreender bem isso. Ficava pensando: 'Para onde é que se deve ir? O que é que devo fazer?', e 'Deus meu, estou morta! Não posso acreditar!' Porque a gente nunca acredita, eu acho, que vai realmente morrer. É sempre com a outra pessoa que alguma coisa vai acontecer, e, embora a gente saiba disso, bem no fundo a gente nunca

acredita... Aí então decidi que ia só esperar até que desaparecesse toda aquela excitação e tivessem levado embora meu corpo, e tentar ver então aonde ir dali em diante".

Em um ou dois dos casos que estudei, as pessoas que estavam morrendo, e cujas almas, mentes ou consciências (qualquer que seja o rótulo que você use) foram liberadas de seus corpos, dizem que depois da liberação não se sentiam de modo algum como se tivessem uma espécie de "corpo". Sentiam-se como se fossem consciências "puras". Um homem relata que durante sua experiência sentiu-se como se fosse "capaz de ver tudo ao redor de mim — inclusive meu corpo, que jazia na cama —, sem ocupar nenhum espaço", isto é, como se ele fosse um ponto de consciência. Alguns outros dizem que realmente não conseguem lembrar se estavam ou não em qualquer tipo de "corpo" depois de sair do corpo físico, porque estavam muito tomados pelos eventos ao redor deles.

A grande maioria de meus informantes, entretanto, relata que se encontrou em outro corpo depois de liberta do físico. Aqui, contudo, entramos em uma área que é extremamente difícil de tratar. Esse "novo corpo" é um dos dois ou três aspectos das experiências de morte nos quais a inadequação da linguagem apresenta os maiores obstáculos. Quase todos os que me falaram desse "corpo" em dado momento ficavam frustrados e diziam: "Não dá para descrever", ou qualquer outra observação com o mesmo efeito.

Não obstante, relatos sobre esse corpo guardam uma forte semelhança um com o outro. Assim, embora diferentes pessoas usem diferentes palavras e façam diferentes analogias, esses vários modos de expressão parecem recair bastante sobre a mesma área.

Os vários relatos estão também decididamente de acordo quanto às propriedades e características gerais do novo corpo. Assim, para adotar um termo que o designe e que reúna todas as propriedades razoavelmente bem, vou daqui por diante chamá-lo de "corpo espiritual".

As pessoas que estão morrendo tendem a se tornar conscientes de seus corpos espirituais em primeiro lugar através de suas limitações. Descobrem, quando estão fora de seus corpos físicos, que, embora possam tentar desesperadamente contar aos outros sua condição, ninguém parece ouvi-las. Isso pode ser ilustrado bastante bem com o seguinte trecho da história de uma mulher que sofreu uma parada respiratória e foi levada para a sala de emergências, onde a tentativa de ressurreição foi feita.

"Vi que eles estavam tentando me ressuscitar. Era mesmo muito estranho. Eu não estava muito alto, era quase como se estivesse em um pedestal, mas não muito acima deles, só talvez vendo-os de cima. Tentei falar mas ninguém me ouvia, ninguém queria me ouvir."

Para complicar o fato de que está aparentemente inaudível para as pessoas em volta, a pessoa em um corpo espiritual logo descobre também que é invisível para os outros. O pessoal médico e outros reunidos em volta de seu corpo físico podem olhar diretamente para onde ela está, em seu corpo espiritual, sem dar o menor sinal de que a estão vendo. Esse corpo espiritual também carece de solidez; os objetos físicos do ambiente parecem mover-se através dele com toda a facilidade, e é incapaz de tocar qualquer pessoa ou objeto que tente apanhar.

"Os médicos e enfermeiras continuavam a trabalhar com afinco sobre o meu corpo para conseguir fazer o coração bater e eu voltar para lá, e eu ficava tentando dizer: 'Deixem-me em paz. Tudo o que eu quero é ficar sozinha. Parem de me massagear'. Mas eles não me podiam ouvir. Aí tentei mover as mãos para evitar que continuassem batendo no meu corpo, mas nada acontecia. Não conseguia nada. Era como se acontecesse não sei bem o quê, mas eu não podia segurar as mãos deles. Parecia que eu estava tocando as mãos e tentava movê-las — quando ia dar um puxão, elas continuavam onde estavam. Não sei se as minhas mãos passavam pelas mãos deles ou o quê. Eu não sentia nenhuma pressão das mãos deles quando tentava movê-las."

Ou:

"Chegava gente de todas as direções para olhar os destroços. Eu podia ver e estava no meio de uma passagem estreita mesmo. De qualquer forma, eles passavam por mim e pareciam não me notar. Continuavam andando com o olhar em frente. Quando se aproximavam muito eu tentava fazer a volta, sair do caminho, mas eles apenas passavam *através* de mim"

Além disso, é um relato invariável o de que este corpo espiritual é também imponderável. A maioria começa a notar isso quando, como nos trechos acima citados, descobre que está flutuando quase até o teto da sala, ou no ar. Muitos descrevem uma "sensação flutuante", "não sentir mais peso", ou "uma sensação de boiar" em relação aos seus novos corpos.

Normalmente, enquanto nos nossos corpos físicos, temos muitas maneiras de perceber onde os nossos corpos e suas várias partes estão localizadas no espaço em um dado momento e se estão ou não se movendo. A visão e o sentido de equilíbrio são importantes a esse respeito, naturalmente, mas há também um outro sentido relevante. Cinestesia é o nosso sentido de movimento ou tensão nos tendões, juntas e músculos. Em geral não temos consciência das sensações que nos vêm através do sentido cinestésico porque a nossa percepção tornou-se embotada pelo uso quase constante.

Suspeito, entretanto, que, se ela fosse interrompida de repente, notaríamos imediatamente a sua ausência. E, de fato, diversas pessoas comentaram comigo que estavam cômicas da falta de sensações de peso

corporal, movimento e sentido de posição enquanto nos seus corpos espirituais.

Essas características dos corpos espirituais, que a princípio parecem ser limitações, podem, com igual validade, ser encaradas como a ausência de limitações. Pense nelas desta maneira: a pessoa em um corpo espiritual está em uma posição privilegiada em relação às outras pessoas ao seu redor. Pode vê-las e ouvi-las, mas elas não podem vê-la nem ouvi-la. (Muito espião consideraria esta uma situação invejável.) Da mesma forma, embora a maçaneta da porta pareça passar através da mão quando esta a toca, isso realmente não tem importância, uma vez que logo se descobre que se pode *passar através* da porta. Viajar, uma vez que se pega o jeito, é aparentemente muito fácil nesse estado. Os objetos físicos não constituem barreiras, e o movimento de um lugar a outro pode ser extremamente rápido, quase instantâneo.

Além disso, apesar de não poder ser percebido pelas pessoas em corpos físicos, todos os que o experimentaram estão de acordo que o corpo espiritual é, contudo, *algo*, por mais impossível de descrever que seja. Há um acordo em que o corpo espiritual tem uma forma ou contorno (algumas vezes globular ou de uma nuvem amorfa, mas também, algumas vezes, essencialmente a mesma forma do corpo físico) e mesmo partes (projeções ou superfícies análogas a braços, pernas, cabeças etc.). Mesmo quando se descreve a forma como sendo em geral arredondada na configuração, se diz com frequência que tem extremidades, em definitivo um alto e um baixo, e mesmo as "partes" já mencionadas.

Ouvi esse novo corpo ser descrito de muitas maneiras diferentes, mas pode se ver que é mais ou menos a mesma ideia que está sendo formulada em cada caso. Palavras e frases que têm sido usadas por vários informantes incluem "nevoeiro", "nuvem", "fumaça", "vapor", "neblina", "transparência", "nuvem de cores", "padrão ou feixe de energia" e outras, para expressar significados semelhantes.

Finalmente, quase todos observam a *intemporalidade* desse estado fora do corpo. Muitos dizem que, embora tenham de descrever o interlúdio que passaram no corpo espiritual em termos temporais (uma vez que até a linguagem humana é temporal), o tempo não foi na verdade um elemento de suas experiências como o é na vida física. Cito aqui passagens de cinco entrevistas nas quais alguns destes aspectos fantásticos da existência em um corpo espiritual são relatados em primeira mão.

1. "Perdi o controle do carro em uma curva, e o carro deixou a estrada e levantou-se no ar; lembro-me de ter visto o céu azul e vi que o carro estava caindo numa vala. No momento em que o carro deixou a estrada, disse a mim mesmo: 'Estou

acidentado'. Neste ponto, como que perdi o senso do tempo, e perdi minha realidade física na medida em que isso se referia ao meu corpo — perdi contato com o meu corpo, meu ser, meu eu no meu espírito, ou qualquer que seja o rótulo que você lhe dê —, e podia sentir-me como se estivesse sendo tirado de mim, saindo pela minha cabeça. E não era nada que doesse, era só como se fosse uma espécie de abandono, ficando ele acima de mim...

"Meu 'ser' dava a sensação de ter uma certa *densidade*, quase, mas não uma densidade física — como se fosse, não sei bem, ondas ou algo assim, acho; nada realmente físico, era quase como se estivesse eletrificado, se é que você entende o que digo. Mas dava a sensação de haver alguma coisa... Era pequeno, e dava a sensação de ser meio circular, sem limites rígidos. A gente poderia comparar com uma nuvem... Parecia quase como se ele estivesse nos seus próprios limites...

"Quando ele saiu do meu corpo, parecia que uma grande extremidade tinha saído primeiro, e a extremidade menor por último... Dava uma sensação de muita leveza, muita. Não havia nenhuma tensão no meu corpo (físico); as sensações eram totalmente separadas. Meu corpo não tinha peso...

"O ponto mais incrível de toda a experiência foi o momento em que o meu ser estava suspenso acima da parte da frente da minha cabeça. Era quase como se ele estivesse tentando decidir se queria deixá-la ou ficar. Parecia que o tempo tinha ficado parado. No princípio e no fim do acidente tudo se passou extremamente rápido, mas neste momento em particular, quase como no meio do acidente, quando o meu ser estava suspenso acima de mim e o carro estava tombando sobre a lombada, parecia que estava levando um tempão para o carro acabar de cair, e durante esse tempo eu realmente não estava ligando muito para o carro, para o acidente ou para o meu próprio corpo — só com minha mente...

"Meu ser não tinha características físicas, mas tenho de descrevê-lo com termos físicos. Podia descrevê-lo de tantas maneiras e com uma porção de palavras, mas nenhuma delas estaria totalmente correta. É tão difícil de descrever!

"Finalmente o carro tocou o solo e capotou, mas meus únicos ferimentos foram: o pescoço torcido e um pé esfolado."

2. "Quando saí do meu corpo físico foi como se tivesse saído do meu corpo e entrado em algo diverso. Não achei que fosse apenas no nada. Era um outro corpo... mas não um outro corpo humano comum. Era um pouquinho diferente. Não era exatamente como um corpo humano, mas também não era qualquer pedaço grande, globular, de matéria, não. Tinha forma, mas não tinha cores. E ainda sei que tinha alguma coisa que se poderia chamar de mãos.

"Não dá para descrever. Estava mais fascinado com tudo em volta — vendo meu próprio corpo ali e tudo —, por isso não pensei no tipo de corpo em que estava. E tudo parecia ir tão rápido. Na realidade o tempo não era um elemento — e no entanto era. As coisas parecem andar mais depressa depois que você sai do seu corpo."

3. "Lembro-me de ter sido empurrada na maca até a sala de operação, e as horas seguintes foram o período crítico. Durante esse tempo, eu ficava entrando e saindo do meu corpo físico, e podia vê-lo bem de cima. Mas, enquanto isso, eu ainda estava em um corpo — não um corpo físico, mas algo que pode ser descrito melhor como um padrão de energia. Se eu tivesse de pôr isso em palavras, diria

que era transparente, um ser espiritual por oposição ao ser material. No entanto, definitivamente não tinha partes."

4. "Quando meu coração parou de bater... me senti como se fosse uma bola redonda e quase talvez como se pudesse ser uma pequena esfera — como uma bola de tênis — do lado de dentro dessa bola redonda. Não consigo descrever melhor."

5. "Eu estava fora do meu corpo olhando-o de uma distância de cerca de dois metros, mas ainda pensava, exatamente como na vida física. E o lugar *onde* eu estava pensando era um pouco mais alto do que minha altura corporal normal. Eu não estava em um corpo como tal. Podia sentir algo, uma espécie de... como uma cápsula, talvez, como um forma pura. Eu não podia vê-la; era como se fosse transparente, mas não de verdade. Era como se eu apenas estivesse lá — uma energia, talvez apenas estivesse lá como uma pequena bola de energia. E na verdade não tinha consciência de nenhuma sensação corporal — temperatura, ou qualquer dessas coisas."

Em seus relatos, outras pessoas mencionaram brevemente a semelhança entre seus corpos físicos e os novos. Uma mulher me disse que enquanto estava fora de seu corpo "ainda sentia uma forma corporal inteira, pernas, braços, tudo — mesmo não sentindo peso". Uma senhora que assistiu à tentativa de ressuscitá-la, de um ponto logo abaixo do teto, diz:

"Eu ainda estava em um corpo. Estava esticada e olhando para baixo. Movi minhas pernas e notei que uma estava mais quente que a outra".

Assim como o movimento não sofre empecilhos no estado espiritual, isso também, muitos lembram, acontece com o pensamento. Vezes e mais vezes ouvi contar que quando as pessoas se acostumavam com a sua nova situação começavam a pensar mais rapidamente do que em sua existência física. Por exemplo, um homem me disse o que lhe aconteceu enquanto estava "morto":

"Coisas que agora não são possíveis então o eram. A mente fica tão mais clara. É tão bom. Minha mente era capaz de assimilar tudo e chegar a uma explicação para tudo, da primeira vez, sem ter que pensar mais de uma vez. Depois de certo tempo tudo o que eu estava experimentando chegou a significar algo para mim, de certa forma".

A percepção no novo corpo tanto se assemelha à dos corpos físicos como é diferente dela. De certa forma, a percepção espiritual é mais limitada. Como vimos, a cinestesia como tal está ausente. Em uns poucos casos, as pessoas relataram que não tinham a sensação de temperatura, enquanto na maioria dos casos sensações agradáveis de "calor" foram relatadas. Ninguém, em todos os meus casos, relatou qualquer sensação de cheiro ou de paladar fora dos seus corpos físicos.

De outro lado, os sentidos que correspondem aos sentidos físicos da

visão e da audição ficam definitivamente intatos no corpo espiritual, e parecem na verdade mais intensos e mais perfeitos do que na vida física. Um homem conta que enquanto esteve "morto" sua visão parecia incrivelmente mais poderosa, e, em suas próprias palavras, "não consigo bem entender como é que eu conseguia ver tão longe".

Uma mulher recorda suas experiências observando que "parecia que esse sentido espiritual não tinha limites, e era como se eu pudesse olhar qualquer coisa em qualquer lugar". Esse fenômeno foi descrito de forma bastante pictórica neste trecho da entrevista com uma mulher que esteve fora de seu corpo depois de um acidente.

"Havia muito movimento, gente correndo ao redor da ambulância. E, sempre que eu olhava para uma pessoa e imaginava o que ela estava pensando, era como o focalizar de uma lente *zoom*, exatamente uma aproximação de *zoom*, e lá estava. Mas parecia que uma parte de mim tinha ficado onde eu estava, metros longe do meu corpo. Quando eu queria ver alguém a distância, parecia que parte de mim, como uma espécie de radar, ia até aquela pessoa. E me parecia, na ocasião, que eu poderia participar *in loco* de qualquer coisa que acontece no mundo."

"Ouvir", no estado espiritual, pode aparentemente ser assim chamado só por analogia, e a maioria diz que na verdade não ouvia vozes ou sons físicos. Às vezes, pareciam apreender os pensamentos das pessoas ao redor, e, como veremos mais adiante, esse mesmo tipo de transferência direta do pensamento pode desempenhar um papel importante em estágios subsequentes da experiência da morte. Como diz uma senhora:

"Eu podia ver todas as pessoas em volta e podia entender o que estavam dizendo. Não que as ouvisse, auditivamente, como estou ouvindo você. Era mais como ficar sabendo o que estavam pensando, exatamente o que estavam pensando, mas apenas na minha mente, e não no vocabulário real delas. Compreendia um segundo antes de que abrissem a boca para falar."

Finalmente, na base de um único mas muito interessante relato, parece que mesmo graves ferimentos no corpo físico de modo algum afetam adversamente o espiritual. Neste caso, um homem perdeu a maior parte da perna em um acidente que resultou na sua morte clínica. Ele sabia disso, porque via o seu corpo ferido, à distância, quando o médico estava tratando dele. Enquanto isso, fora de seu corpo:

"Eu sentia meu corpo, e estava inteiro. Sei disso. Sentia-me inteiro e percebia que estava com todas as partes ali, embora não estivesse".

Neste estado fora do corpo, pois, a pessoa fica separada dos outros.

Pode ver as outras pessoas e compreender seus pensamentos completamente, mas não pode ser vista nem ouvida por elas. A comunicação

com os outros seres humanos fica efetivamente interrompida, mesmo ao sentido do tato, uma vez que o corpo espiritual carece de solidez. Por isso, não é de surpreender que, depois de certo tempo nesse estado, apareçam profundos sentimentos de isolamento e solidão. Como disse um homem, ele podia ver tudo no hospital à sua volta — todos os médicos, enfermeiras e demais pessoas indo e vindo na realização de suas tarefas. No entanto, não se podia comunicar com ninguém de modo algum, e, por isso, "estava desesperadamente só".

Muitos outros me descreveram esse intenso sentimento de solidão que os acometia nesse ponto.

"Minha experiência, tudo aquilo por que passei, foi tão fascinante, mas é mesmo indescritível. Desejava que os outros estivessem ali comigo para ver também, e tinha a sensação de que eu nunca seria capaz de descrever para ninguém o que estava vendo. Tinha também a sensação de estar solitário porque queria que alguém mais experimentasse o que acontecia, junto comigo. Mas também sabia que ninguém poderia estar lá. Sentia na ocasião que eu estava em um mundo privado. Aí senti mesmo uma onda de depressão."

Ou:

"Eu era incapaz de tocar qualquer coisa, incapaz de comunicar-me com qualquer das pessoas em volta. Era uma sensação terrível, um sentimento de isolamento completo. Sabia que estava completamente só, só comigo mesmo".

Ou ainda:

"Eu estava completamente espantado. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Não é que estivesse preocupado ou pensando em coisas como: 'Oh, não! Estou morto e meus pais ficaram; eles estão tristes e nunca mais vou vê-los outra vez'. Nada como isso jamais passou pela minha cabeça.

"Sabia todo o tempo que estava só, muito só — quase como se eu fosse um visitante de algum outro lugar. Foi como se todas as relações tivessem sido cortadas. Era como se não houvesse amor ou coisa alguma. Tudo era tão. . . técnico. Não entendo, realmente."

Os sentimentos de solidão das pessoas que estão morrendo logo desaparecem, no entanto, à medida que se aprofundam na experiência de quase morte. Pois, em algum momento, outros lhes vêm dar ajuda na transição por que estão passando. Assumem a forma de outros espíritos, frequentemente os dos parentes ou amigos falecidos que a pessoa em questão conheceu enquanto estava viva. Em um grande número de casos, entre aqueles que entrevistei, um ser espiritual de um caráter muito diverso aparece. Nos próximos parágrafos vamos examinar esses encontros.

Encontrando outros

Muitos me contaram que em certo ponto, enquanto estavam morrendo — algumas vezes bem cedo na experiência, outras só depois da ocorrência de

outros eventos —, tornaram-se cômicos da presença de outros seres espirituais na sua vizinhança, seres que aparentemente lá estavam para ajudá-los na transição para a morte, ou, em dois casos, para dizer que sua hora ainda não tinha chegado e que deviam voltar a seus corpos físicos.

"Passei por essa experiência quando estava dando à luz uma criança. O parto foi muito difícil e perdi uma porção de sangue. O médico deu-me por perdida e disse a meus parentes que eu estava morrendo. No entanto, eu estava bem alerta o tempo todo, e mesmo quando estava ouvindo ele dizer tudo isso senti que estava voltando. Nesse momento percebi toda aquela gente que estava lá, parecia quase uma multidão parada em volta do teto do quarto. Eram, todas, pessoas que eu tinha conhecido na minha vida passada, e que já tinham morrido. Percebi minha avó e uma menina que conheci na escola, e muitos parentes e amigos. Parecia-me ver especialmente suas faces e sentir sua presença. Todos pareciam felizes. Era uma ocasião muito feliz, e senti que tinham vindo me proteger e me guiar. Era como se eu estivesse voltando para casa e eles estivessem lá para me saudar ou receber com boas-vindas. Nessa ocasião tive a sensação de que tudo era luz e beleza. Foi um momento lindo e glorioso."

Um homem relembra:

"Várias semanas antes de eu ter quase morrido, um bom amigo meu, Robert, tinha sido morto. Bem, no momento em que saí do meu corpo tive a sensação de que Robert estava ali, bem junto de mim. Podia vê-lo na minha mente e sentir que ele estava ali, mas era estranho. Não via seu corpo físico. Podia ver coisas, mas não na forma física, no entanto tão claramente como se fosse na forma física: sua expressão, tudo. Isso faz sentido? Ele estava ali, mas não tinha um corpo físico. Era uma espécie de corpo claro, e eu podia sentir cada parte dele — braços, pernas e tudo —, mas não estava *vendo* fisicamente. Não pensei que isso era estranho no momento porque não tinha mesmo precisão de vê-lo com meus olhos. De qualquer modo, eu não tinha olhos.

"Eu ficava perguntando: 'Bob, para onde eu vou agora? Que aconteceu? Estou morto ou não?' E ele nunca respondeu, nunca disse uma palavra. Mas, muitas vezes, enquanto eu estava no hospital, lá estava ele, e eu perguntava outra vez: 'O que está acontecendo?', mas sempre sem resposta. Depois veio o dia em que os médicos disseram: 'Ele vai viver', e Bob desapareceu. Não o vi mais nem senti sua presença. Era como se ele estivesse esperando até que eu ultrapassasse a fronteira final para daí me dizer, me dar os detalhes do que estava acontecendo."

Em outros casos, os espíritos que as pessoas encontram não são gente que tenham conhecido durante a vida física. Uma mulher disse que viu durante a sua estada fora do corpo não apenas seu próprio corpo espiritual transparente, como também um outro, de outra pessoa que havia morrido recentemente. Ela não sabia quem era essa outra pessoa, mas fez esta observação interessante:

"Eu não via essa pessoa, esse espírito, como se tivesse qualquer *idade* determinada, de jeito nenhum. Eu não tinha mesmo nenhuma sensação de tempo".

Em uns poucos casos, as pessoas vieram a acreditar que os seres que encontraram eram seus "espíritos guardiães". Um homem ouviu de um tal espírito: "Ajudei você através deste estágio da sua existência, mas agora devo entregá-lo a outros".

Uma mulher me disse que quando estava deixando seu corpo detectou a presença de dois outros seres espirituais, e eles se identificaram como "ajudantes espirituais" dela.

Em dois casos muito semelhantes, pessoas me contaram que ouviram uma voz que lhes disse que elas ainda não estavam mortas e que deviam voltar. Como uma delas narra:

"Ouí uma voz, não uma voz de homem, mas como se viesse de além dos sentidos físicos, me dizendo o que devia fazer — voltar —, e não senti nenhum medo ao voltar para o meu corpo".

Por fim, os seres espirituais podem tomar uma forma algo mais amorfa.

"Enquanto eu estava morto, naquele vácuo, falava com pessoas — não posso dizer, porém, que estivesse falando com gente *corporal*. No entanto, tinha a sensação de que havia gente em volta de mim; eu podia sentir sua presença, e podia sentir que estavam se movendo, embora não pudesse ver ninguém. Em um ou outro momento me encontrava falando com uma delas, mas não podia vê-las. E, sempre que tentava imaginar o que estava acontecendo, vinha o pensamento de uma delas, de que tudo estava bem, que eu estava morrendo mas iria ficar bom. Por isso, minha condição nunca me preocupou. Vinha sempre uma resposta delas para cada pergunta que eu formulava. Não deixavam que minha mente ficasse vazia."

O ser de luz

O que é talvez o mais incrível elemento comum dos relatos que estudei, e é certamente o elemento que tem o mais profundo efeito sobre o indivíduo, é o encontro com uma luz muito brilhante.

Tipicamente, em sua primeira aparição, a luz é tênue, mas rapidamente fica cada vez mais brilhante, até que alcança um brilho extraterreno. Contudo, ainda que essa luz (dita branca ou "clara") seja de um brilho indescritível, muitos fizeram questão de acrescentar que de modo algum dói nos olhos ou ofusca, nem impede de ver outras coisas ao redor (talvez porque a essa altura não tenham "olhos" físicos para ser ofuscados).

Apesar da manifestação inusitada da luz, ninguém expressou qualquer dúvida de que se tratasse de um ser, um ser de luz. Não apenas isso, é um ser pessoal. Tem uma personalidade bem estabelecida. O amor e calor que emanam desse ser para as pessoas que estão morrendo estão completamente além das palavras, e elas se sentem completamente rodeadas por eles, completamente à

vontade e aceitas na presença desse ser. Sentem uma atração magnética irresistível para essa luz. Uma atração inelutável.

É interessante que, enquanto a descrição acima, do ser de luz, é totalmente invariável, a identificação do ser varia de indivíduo a indivíduo e parece estar muito em função dos antecedentes religiosos, da educação ou das crenças da pessoa em questão.

Assim, a maioria dos que foram educados como cristãos, ou que têm essa crença, identificam a luz com Cristo, e algumas vezes traçam paralelos bíblicos em defesa de sua interpretação. Um homem e uma mulher judeus identificaram a luz com um "anjo".

Estava claro, entretanto, em ambos os casos, que as pessoas não queriam com isso significar que o ser tivesse asas, tocasse uma harpa, ou mesmo que tivesse aparência ou forma humana. Havia apenas a luz. O que cada qual estava tentando comunicar era que tomavam o ser como um emissário, ou um guia. Um homem que não tinha qualquer crença ou educação religiosa anterior à experiência simplesmente classificou o que viu como "um ser de luz". O mesmo rótulo foi usado por uma senhora de fé cristã, que aparentemente não sentia nenhuma compulsão em chamar a luz de "Cristo".

Pouco depois da sua aparição, o ser começa a se comunicar com a pessoa que está morrendo. Notadamente, essa comunicação é da mesma espécie direta que já encontramos em descrições anteriores, de como a pessoa no corpo espiritual pode "apreender os pensamentos" daqueles que estão em volta. Pois, aqui também, as pessoas declaram que não ouviram nenhum som ou voz física vindos do ser, nem responderam a ele usando sons audíveis. Em vez disso, relatam que ocorre uma transferência direta e desimpedida de pensamentos, e de modo tão claro que não há qualquer possibilidade quer de desentendimento, quer de mentir para a luz.

Além disso, essa troca desimpedida nem mesmo ocorre na linguagem nativa da pessoa. No entanto, ela a entende perfeitamente e fica cônica instantaneamente. Não pode nem mesmo traduzir os pensamentos e intercâmbios que tiveram lugar enquanto estava próxima da morte na linguagem humana que precisa falar agora, depois de sua ressurreição.

O passo seguinte da experiência ilustra claramente a dificuldade em traduzir essa linguagem não-falada. O ser quase imediatamente dirige um certo pensamento à pessoa a cuja presença chegou tão dramaticamente. Em geral as pessoas com quem conversei tentaram formular o pensamento como se fosse uma pergunta. Entre as traduções que ouvi, estão: "Você está preparado para morrer?", "Você está pronto para morrer?", "O que é que você fez de sua vida que possa mostrar?" e "O, que você fez com a sua vida já é suficiente?"

As duas primeiras fórmulas, que acentuam "preparação", podem de

início parecer ter um sentido diferente das outras duas, que acentuam "realizações". No entanto, alguma base para a minha suposição de que todos estão tentando expressar o mesmo pensamento vem da narrativa de uma mulher que colocou a questão assim:

"A primeira coisa que ele me disse, que ele como que perguntou, foi se eu estava pronta para morrer, ou que é que eu tinha feito com minha vida que desejaria lhe mostrar".

Além disso, mesmo no caso mais comum em que a "questão" é fraseada, parece, depois de algum esclarecimento, que leva a mesma força. Por exemplo, um homem contou-me que, durante a sua "morte", "A voz me fez uma pergunta: 'Vale a pena?' E o que ela queria dizer era se tinha valido a pena levar a vida que eu estava levando até aquele ponto, sabendo o que eu agora sabia".

Incidentalmente, devo insistir em que a questão, a pergunta, profunda e final como parece ser no seu impacto emocional, não é feita como uma condenação. O ser, todos parecem concordar, não faz a pergunta para acusar ou para ameaçar, pois sentem todos o total amor e aceitação vindos da luz, qualquer que seja a resposta. No entanto, o ponto da questão parece ser o de fazê-los pensar sobre suas vidas, refletir. É, se quiserem, uma pergunta socrática, feita não para obter informação, mas para ajudar a pessoa que está sendo inquirida a prosseguir por si própria no caminho da verdade.

Vejamos alguns relatos de primeira mão sobre esse ser fantástico.

1. "Ouvi os médicos dizerem que eu estava morto, e foi aí que me senti como se estivesse vagando, mais como se estivesse flutuando por essa escuridão, que era uma espécie de lugar fechado. Não há na verdade palavras que descrevam isso. Tudo era bem negro, exceto que, bem longe de mim, eu podia ver essa luz. Era uma luz bem, bem brilhante, mas no início não muito grande. Foi crescendo à medida que eu ia chegando mais perto.

"Eu estava tentando chegar até aquela luz no fundo porque achava que era Cristo, e estava tentando alcançar aquele ponto. Não foi uma experiência assustadora. Foi mais como uma coisa agradável. Pois, sendo cristão, imediatamente liguei a luz com Cristo, que disse: 'Eu sou a luz do mundo'. E eu disse a mim mesmo: 'Se chegou a hora, se vou morrer, então já sei quem é que espera por mim lá no fundo, lá naquela luz'."

2. "Eu me levantei e fui até o vestibulo beber água, e foi então, como eles descobriram mais tarde, que meu apêndice supurou. Fiquei muito fraco e caí. Comecei a me sentir como que vagando, um movimento do meu ser real para dentro e para fora do meu corpo, e a ouvir uma linda música. Flutuei pelo *hall* e para fora da porta até a varanda. Lá começou a se juntar uma névoa cor-de-rosa, parecia quase como uma nuvem, em volta de mim, e aí flutuei através da cerca como se ela não existisse e fui subindo até essa luz pura e clara como cristal, uma luz branca que iluminava. Era linda e brilhante, tão radiante, mas não ofuscava meus olhos. Não é uma espécie de luz que se possa descrever na terra. Não

cheguei propriamente a ver ninguém nessa luz, e, no entanto, ela possuía certa identidade, mesmo. É uma luz de perfeito amor e perfeita compreensão.

"Me veio à mente o pensamento: 'Vós me amais?' Não era bem na forma de uma pergunta, mas acho que a conotação do que a luz disse era: 'Se você me ama, volte e complete o que começou na vida'. E durante todo esse tempo eu me sentia como se estivesse rodeado de uma plenitude de amor e compaixão."

3. "Eu sabia que estava morrendo e que não havia nada que pudesse fazer, porque ninguém me ouvia... Eu estava fora do meu corpo, não há dúvida sobre isso, porque podia ver o meu corpo lá na mesa de operação. Minha alma estava fora! Tudo isso me fez sentir muito mal no início, mas depois veio aquela luz bem brilhante. Parecia inicialmente um tanto frouxa; depois, era um feixe enorme. Era só uma quantidade enorme de luz, não tinha nada de parecido com o fecho de luz de uma lanterna, era só luz, luz demais. E me dava calor; eu sentia uma sensação de quentura.

"Era uma luz brilhante, branco-amarelada, mais para o branco. Tinha um brilho imenso; mas não dá para descrevê-la. Parecia que ela cobria tudo, embora não me impedisse de ver ao redor de mim — a sala de operação, os médicos e enfermeiras, tudo. Dava para ver claramente e a luz não ofuscava.

"No começo, quando veio a luz, eu não sabia bem o que estava acontecendo, mas aí ela perguntou — me perguntou assim — se eu estava pronto para morrer. Estava falando como se fosse uma pessoa, mas não havia pessoa alguma. Era a luz que estava falando, mas só uma voz.

"Agora, acho que a voz que estava falando comigo sabia mesmo que eu não ia morrer. Sabe, ela estava mais me testando do que qualquer outra coisa. Mas, no momento em que a luz falou comigo, me senti realmente bem — segura e amada. O amor que vinha dela é inimaginável, indescritível. Era uma pessoa agradável para ter junto da gente! E tinha também senso de humor, se tinha!"

A recapitulação

A aparição inicial do ser de luz e suas perguntas não-verbais e de sondagem são o prelúdio de um momento de intensidade surpreendente, durante o qual o ser apresenta à pessoa uma recapitulação panorâmica de sua vida. É muitas vezes óbvio que o ser pode ver toda a vida do indivíduo e que ele próprio não necessita dessa informação. Sua única intenção é provocar a reflexão.

A recapitulação só pode ser descrita em termos de memória, uma vez que este é o fenômeno familiar mais próximo dela, mas aqui também existem características que a colocam longe de qualquer tipo normal de lembrança. Em primeiro lugar, é extraordinariamente rápida. As memorizações, quando são descritas em termos temporais, seguem-se rapidamente umas às outras, como se em ordem cronológica. Outras não têm relação nenhuma com uma ordem temporal. A lembrança era instantânea; tudo aparecia de uma vez, e todas as coisas podiam ser abrangidas só com um relance mental. Como quer que seja

expressa, todos parecem concordar em que a experiência se passa em um só instante do tempo terreno.

Mas, a despeito de sua rapidez, meus informantes concordam em que a recapitulação, quase sempre descrita como uma exibição de imagens visuais, é incrivelmente vívida e real. Em alguns casos, conta-se que as imagens são vistas em cores vibrantes, tridimensionais e até em movimento. E, mesmo que estejam perpassando rapidamente, cada imagem é percebida e reconhecida. Até mesmo as emoções e sentimentos associados com as imagens podem ser novamente experimentados.

Alguns dos que entrevistei declaram que, embora não o possam explicar adequadamente, tudo o que fizeram lá estava, nessa recapitulação — do mais insignificante ao mais significativo. Outros explicam que o que viram foi, essencialmente, os pontos principais de suas vidas. Alguns declaram que, mesmo depois de um período de tempo posterior a suas experiências de recapitulação, ainda podem se lembrar de eventos de suas vidas com pormenores incríveis.

Algumas pessoas caracterizam isso como um esforço educacional por parte do ser de luz. Quando estão testemunhando a exibição, o ser parece acentuar a importância de duas coisas na vida: aprender a amar outras pessoas e adquirir conhecimento. Vejamos um exemplo representativo de um relato desse tipo.

"Quando a luz apareceu, a primeira coisa que me disse foi: 'Do que você fez na sua vida, o que é que tem para me mostrar?', ou algo com esse sentido. E foi aí que começaram os *flashbacks*. Pensei: 'Ei, o que é que há?', porque, de repente, eu estava de volta à minha infância. E daí por diante era como se estivesse caminhando desde o começo mesmo da minha vida, ano por ano da minha vida, até o momento presente.

"Foi muito estranho quando começou, quando eu era uma menininha brincando nas margens do riacho do bairro, e havia outras cenas mais ou menos daquele tempo — experiências que tive com minha irmã, coisas com as pessoas da vizinhança, e lugares reais onde estive. E aí eu estava no pré-primário, e lembrei o tempo em que tinha um brinquedo de que gostava muito, que o quebrei e chorei por ele por um tempo. Foi mesmo uma experiência traumática. As imagens continuaram através da minha vida. Lembrei-me de quando ia acampar e de muitas outras coisas da escola primária. Ora, quando eu estava no ginásio foi uma grande honra ganhar uma medalha de boa aplicação, e depois, fui representante de classe. E assim foi indo, depois o colégio, o vestibular, e continuou pelos primeiros anos de faculdade, até o momento que eu estava vivendo então.

"As coisas recapituladas vieram na ordem em que aconteceram na minha vida, e eram tão vívidas! As cenas eram bem como se você ficasse de lado e as olhasse, completamente tridimensionais, e em cor. E tinham movimento. Era como se eu as estivesse olhando da perspectiva do tempo. Era como se a menininha que eu via fosse outra pessoa, como no cinema, uma menininha entre outras crianças brincando ali no parque. Mas era eu. Via-me fazendo coisas, como criança, e eram

exatamente as mesmas que eu tinha feito, porque me lembrava delas.

"Bem, enquanto eu estava passando por todos esses *flashbacks* não estava vendo a luz. Ela desapareceu assim que me perguntou o que é que eu tinha feito e que os *flashbacks* começaram; no entanto eu sabia que estava lá comigo o tempo todo, e que me conduzia através da recapitulação, porque eu sentia sua presença e ela fazia certos comentários aqui e ali. Estava tentando mostrar-me alguma coisa em cada uma dessas lembranças. Não era como se ela estivesse tentando ver o que eu tinha feito — ela já sabia —, mas estava escolhendo aquelas lembranças em especial de toda a minha vida para que eu pudesse recordá-las.

"Durante tudo isso ela ficava insistindo sobre a importância do amor. As ocasiões em que mostrou isso melhor tinham que ver com minha irmã: eu sempre fui muito sua amiga. Ela me mostrou alguns exemplos nos quais tinha sido egoísta com minha irmã, mas também tantas outras vezes em que mostrei amor de fato e partilhei com ela. Indicou-me que eu devia tentar mesmo fazer coisas para os outros, tentar fazer o melhor. Não havia nenhuma acusação em nada disso. Quando ela passava por ocasiões em que eu tinha sido egoísta, sua atitude era a de que eu também estava aprendendo com elas.

"Ela parecia também muito interessada nas coisas relacionadas com o saber. Indicava muitas coisas que tinham relação com aprender e disse mesmo que eu estava voltando para continuar a estudar, e disse que, mesmo quando nos encontrássemos de novo (porque a essa altura já tinha dito que eu ia voltar), haveria sempre a procura do conhecimento. Disse que era um processo contínuo, por isso acho que continua mesmo depois da morte. Acho que ela estava tentando me ensinar, enquanto a gente perpassava, recapitulava a minha vida.

"Bem, toda experiência foi muito estranha. Eu estava lá; estava realmente vendo a recapitulação; estava na verdade caminhando no meio dela; tudo era muito rápido, mas suficientemente lento para que pudesse assimilar tudo. Ainda assim, acho que a duração temporal daquilo não foi grande, eu creio. Parece que veio a luz, e aí passei pelas recapitulações, e a luz sumiu. Parece que foi em menos de cinco minutos, e provavelmente em mais de trinta segundos, mas não posso dizer o tempo exato.

"A única vez que tive medo foi quando estava preocupada com não poder terminar minha vida aqui. Mas gostei de passar pela recapitulação. Foi agradável. Gostei de voltar à infância, quase revivendo-a. Foi um modo de voltar e ver o que comumente não acontece."

Deve ser dito também que existem relatos em que a experiência da recapitulação ocorre, ainda que não na presença do ser de luz. Em regra, a experiência em que o ser de luz aparece e aparentemente "dirige" é uma experiência mais completa. Não obstante, é comumente caracterizada como vívida, rápida e muito acurada, quer apareça ou não o ser de luz, quer ocorra durante uma "morte" real ou só durante o roçar com a morte.

"Depois de todo aquele barulho e de passar por aquele lugar comprido e escuro, todos os meus pensamentos infantis, minha vida inteira lá estava no fim do túnel, iluminada diante de mim. Estava ali toda de uma vez. Quer dizer, não uma coisa de cada vez, mas tudo ao mesmo tempo. Pensei na minha mãe e nas coisas que eu tinha feito de errado. Depois pude ver as coisas mesquinhas que fiz quando

criança, e pensei em minha mãe e em meu pai, desejando não ter feito aquelas coisas, desejando poder voltar e des-fazê-las."

Nos dois exemplos seguintes, embora não tenha ocorrido morte clínica na ocasião da experiência, havia a ocorrência de *stress* ou injúria fisiológica.

"Toda a situação se desenrolou muito depressa. Eu tinha uma febrezinha e há duas semanas não estava me sentindo bem, mas naquela noite fiquei rapidamente muito mal, e me sentia ainda pior. Estava deitado na cama e me lembro de tentar segurar minha mulher e dizer que eu estava muito doente, mas descobri que não podia me mexer. Começou muitos anos atrás, quando eu tinha seis ou sete anos de idade, e me lembrei de um amigo que eu tinha na escola primária. Passei da escola primária para a secundária e daí para o colégio e depois para a faculdade de odontologia, e depois à clínica onde eu praticava odontologia.

"Sabia que estava morrendo, e me lembro de pensar que não queria que a família ficasse desamparada. Entristeci ao pensar que estava morrendo e que, no entanto, havia certas coisas em minha vida que lamentava ter feito, e outras que lamentava não ter terminado.

"Esse *flashback* foi na forma de imagens mentais, mas muito mais vívidas que as normais. Via só as principais, mas tudo era tão rápido como olhar todo o álbum das imagens da minha vida e ser capaz de conseguir fazer isso em segundos. Passava diante de mim como uma fita de cinema numa velocidade tremenda, e no entanto eu era capaz de ver e compreender absolutamente tudo. Apesar disso, as emoções originais não voltavam com as imagens, porque não havia tempo suficiente.

"Não vi nada além disso durante a experiência. Só havia escuridão, exceto pelas imagens que vi. No entanto, eu definitivamente sentia a presença de um ser muito poderoso, completamente amoroso, ali comigo durante toda aquela experiência.

"É mesmo muito interessante. Quando me recuperei, podia dizer a qualquer um coisas sobre todas as partes da minha vida, com muitos detalhes, por causa do que eu tinha passado. Foi uma experiência e tanto, mas é difícil pôr em palavras, porque aconteceu tão rápido, porém tão nitidamente."

Um jovem veterano de guerra descreve sua recapitulação:

"Quando eu estava servindo no Vietnã, recebi vários ferimentos e depois 'morri' em consequência deles. No entanto, o tempo todo eu sabia exatamente o que estava acontecendo. Fui atingido por seis tiros de uma rajada de metralhadora, e enquanto isso acontecia eu não estava de modo algum contrariado. Em minha mente, eu me sentia até aliviado quando fui ferido. Sentia-me completamente à vontade e não estava com medo.

"No momento do impacto, minha vida começou a virar uma série de fotografias diante de mim, e parecia que eu podia voltar ao tempo em que ainda era bebê, e o filme parecia progredir através de toda a minha vida.

"Podia me lembrar de tudo; tudo era tão nítido! Era tudo tão claro ali diante de mim! Passaram bem ali defronte de mim, desde as primeiras coisas de que me lembro até o presente, e tudo aconteceu dentro de um breve momento. E não foi nada de mau, absolutamente: passei por aquilo sem arrependimentos, sem sentimentos de estima diminuída por mim mesmo.

"A melhor coisa em que posso pensar, para comparar, é uma série de *slides*. Era como se alguém estivesse trocando os *slides* diante de mim, muito rapidamente."

Finalmente, aqui há um caso de extrema urgência emocional, no qual a morte é iminente, embora não tenham ocorrido ferimentos reais.

"No verão, depois do meu primeiro ano de faculdade, arranji um emprego de chofer de uma grande jamanta de frete. Tive dificuldades naquele verão para não dormir na direção. Uma manhã, bem cedinho, eu ia com o caminhão em uma longa viagem e estava cochilando. A última coisa que me lembro de ter visto foi uma placa de sinalização, e aí cochilei, e a próxima coisa de que tomei conhecimento foi um horrível barulho de raspar, pois o pneu direito exterior estourou e, por causa do peso e oscilação do caminhão, os pneus esquerdos também estouraram; o caminhão capotou de lado e foi deslizando estrada abaixo na direção de uma ponte. Fiquei aterrorizado porque sabia o que estava acontecendo, sabia que o caminhão iria bater na ponte.

"Bem, durante o período de tempo em que o caminhão estava derrapando, só pensei nas coisas todas que eu tinha feito. Só vi certas coisas, as principais, e era mesmo como se aquilo fosse real. A primeira coisa que lembrei foi de acompanhar meu pai quando ele andava pela praia; era quando eu tinha dois anos de idade. E havia, em ordem, umas outras poucas coisas dos meus primeiros anos, e depois disso me lembrei de ter quebrado um carrinho vermelho que tinha ganho no Natal quando fiz cinco anos. Lembrei-me de chorar quando fui para o primeiro ano da escola, usando uma capa impermeável amarela, muito vistosa, que minha mãe tinha comprado. Lembrei alguma coisinha de cada um dos meus anos de grupo escolar. Lembrei-me de cada uma das minhas professoras, e alguma coisinha se destacou a propósito de cada série. Aí entrei no ginásio, comecei a entregar jornais e fui trabalhar em um armazém, sendo depois trazido para a atualidade, até o momento imediatamente anterior ao meu segundo ano de faculdade.

"Todas essas coisas e muitas outras passaram num relâmpago pela minha mente; foi mesmo instantâneo. Provavelmente não durou mais que uma fração de segundo. E aí foi como se tudo já se tivesse acabado, e lá estava eu olhando a jamanta, pensando que estava morto; pensei que fosse um anjo. Comecei a me beliscar para ver se estava vivo, se era um fantasma ou o quê.

"O caminhão estava completamente em frangalhos, mas não sofri nem um arranhão. De algum modo, devo ter sido atirado para fora pelo para-brisa, pois todos os vidros estavam despedaçados. Depois que as coisas acalmaram, pensei em como era estranho que todas aquelas coisas acontecidas em minha vida tivessem deixado dentro de mim uma impressão duradoura, tivessem passado pela minha mente em um momento de crise. Agora provavelmente daria para pensar em todas essas coisas e me lembrar de cada uma e descrevê-la, mas não poderia levar menos de quinze minutos. Mas tudo isso veio de uma vez, automaticamente, em menos de um segundo. Foi incrível."

A barreira ou limite

Em uns poucos exemplos, foi-me descrito como, durante suas

experiências de quase morte, as pessoas pareciam estar se aproximando do que pode ser chamado barreira, fronteira ou uma espécie de limite. Assumiu a forma, em vários relatos, de uma extensão de água, uma névoa cinza, uma porta, uma cerca em volta de um campo, ou, simplesmente, uma linha. É possível indagar — ainda que a pergunta seja altamente especulativa — se pode ter havido uma ideia básica ou uma experiência comum na raiz dessas descrições. Se isso for verdade, nesse caso as diferentes versões representam apenas maneiras individuais diferentes de lembrar, interpretar e pôr em palavras a experiência fundamental. Vejamos alguns relatos nos quais a ideia de barreira ou limite desempenha um papel proeminente.

1. " 'Morri' de uma parada cardíaca, e, quando morria, me encontrei de repente em uma campina ondulante. Era muito bonita, e tudo era de um verde forte — cor que não se parecia com nada da Terra. Havia luz — uma linda e inspiradora luz — por todos os lados em volta de mim. Olhei à minha frente, até o outro lado do campo, e vi uma cerca. Comecei a me movimentar em direção à cerca, e vi um homem do outro lado da cerca, aproximando-se como se fosse para vir me encontrar. Eu queria alcançá-lo, mas me sentia puxado para trás, irresistivelmente. À medida que me sentia puxado para trás, via que ele também recuava na direção oposta, afastando-se da cerca."

2. "Esta experiência ocorreu durante o parto do meu primeiro filho. Lá pelo oitavo mês de gravidez começou a aparecer o que o médico diagnosticou como uma condição tóxica, e ele me aconselhou a me internar no hospital, onde poderia fazer um parto prematuro. Foi imediatamente depois do parto que tive uma forte hemorragia, e o médico teve muita dificuldade em detê-la. Eu sabia o que estava acontecendo, pois, tendo sido enfermeira, compreendia o perigo. Nesse momento, perdi a consciência, e ouvi um zumbido desagradável, um som ressoante. Quando dei por mim outra vez parecia que eu estava em um navio ou em um pequeno barco navegando para o outro lado de uma grande extensão de água. Na margem distante eu via todos os meus entes queridos que já tinham morrido — minha mãe, meu pai, minha irmã e os outros. Podia vê-los, podia ver os seus rostos, assim como eram quando os conheci na Terra. Pareciam estar me chamando para ir até lá, e o tempo todo eu estava dizendo: 'Não, não, ainda não estou pronta para me reunir a vocês. Não quero morrer. Não estou pronta para ir'.

"Bem, foi a mais estranha das experiências, porque todo esse tempo eu podia ver também os médicos e as enfermeiras trabalhando no meu corpo, mas era como se eu fosse espectadora, e não aquela pessoa — aquele corpo — na qual eles estavam trabalhando. Eu estava tentando com todas as minhas forças comunicar ao meu médico: 'Eu não vou morrer', mas ninguém podia me ouvir. Tudo — os médicos, as enfermeiras a sala de parto, o barco, a água, e a margem distante — era uma espécie de conglomerado só. Misturava tudo, como se uma cena estivesse superposta à outra.

"Finalmente quando o barco estava alcançando a margem distante, um pouco antes de chegar, fez meia-volta e começou a retornar. Eu estava tentando com todas as minhas forças comunicar ao meu médico: 'Eu não vou morrer', mas ninguém podia me ouvir. Acho que foi nesse momento que eu voltei a mim, e o

doutor explicou o que tinha acontecido, que eu tinha tido uma hemorragia *post partum* e que eles quase me tinham dado por perdida, mas que eu ia ficar boa."

3. "Eu estava hospitalizado com um grave problema de rins, e fiquei em estado de coma por quase uma semana. Os médicos não tinham nenhuma certeza de que eu fosse viver. Durante o período em que estive inconsciente senti-me como se tivesse passado para um plano superior, exatamente como se não tivesse mais um corpo físico. Uma luz brilhante me apareceu. Era uma luz tão brilhante que eu não podia ver através dela, mas estar na sua presença tinha um efeito calmante e maravilhoso. Não há mesmo nenhuma experiência igual na Terra. Na presença da luz, estes pensamentos ou palavras me vieram à mente: 'Você quer morrer?' E eu respondi que não sabia, pois não sabia de nada sobre a morte. Então a luz branca disse: 'Passe para o lado de cá desta linha e você saberá'. Achei que eu sabia onde a linha estava, diante de mim, embora não a estivesse vendo realmente. Quando cruzei a linha, vieram-me as sensações mais maravilhosas — sensações de paz, tranquilidade e o desaparecimento de todas as preocupações."

4. "Sofri um ataque cardíaco e me encontrei em um vácuo negro, e aí soube que tinha deixado para trás o meu corpo físico. Sabia que estava morrendo e pensei: 'Ó Deus, fiz o melhor que eu sabia fazer na ocasião. Por favor me ajude'. Imediatamente, fui sendo movido para fora daquela treva, através de um cinzento pálido, e fui indo, flutuando e movendo rapidamente, e bem em frente, ao longe, via uma névoa cinza, e eu estava indo aceleradamente para lá. Não estava chegando tão rápido quanto queria, e, à medida que ia me aproximando, dava para ver através dela. Além da névoa, podia ver bem as pessoas, e as suas formas eram as mesmas que tinham tido na Terra, e dava para ver também coisas que pareciam construções. Toda a cena estava permeada da mais encantadora luz — uma luz vívida, de brilho amarelo-ouro, de cor pálida, e não como o dourado berrante que conhecemos na Terra. Quando eu me aproximei mais, tive certeza de que ia passar através da névoa. Era uma sensação tão alegre e maravilhosa que não há palavras que a possam descrever. No entanto, ainda não tinha chegado a minha vez de ultrapassar a névoa, e isso porque vindo do outro lado instantaneamente apareceu na minha frente meu tio Carl, que tinha morrido muitos anos antes. Ele bloqueou minha passagem dizendo: 'Volte. Seu trabalho na Terra ainda não acabou. Agora volte'. Eu não queria voltar, mas não tinha escolha, e imediatamente estava de volta ao meu corpo. Senti aquela dor horrível no peito e ouvi meu filhinho chorando: 'Deus, traga a minha mãe de volta'."

5. "Fui levado para o hospital com um sério problema que eles diziam que era uma 'inflamação', e meu médico disse que eu não iria escapar. Disse a meus parentes para virem porque eu não ia ficar muito tempo mais por aqui. Eles vieram, reuniram-se em torno do meu leito e, como o médico pensava que eu estava morrendo, meus parentes pareciam estar aos poucos se afastando de mim. Parecia que eles estavam recuando, em vez de eu me separar deles. Foram ficando numa penumbra cada vez mais apagada, mas eu os via. Perdi a consciência e já não sabia nada mais do que acontecia no quarto do hospital, mas estava em uma passagem estreita, em forma de V, como um funil, mais ou menos da largura desta cadeira. Dava exato para o meu corpo, e meus braços e mãos pareciam estar esticados para baixo. Fui indo de cabeça, e era escuro, o mais escuro possível. Fui escorregando

através dele e, quando olhei, vi uma porta toda polida e sem maçanetas. Pelas frestas da porta dava para ver uma claridade muito brilhante, com raios de luz oscilando como se todo o mundo estivesse feliz lá dentro, dançando uma ciranda. Parecia que muita coisa estava acontecendo lá dentro. Olhei e disse: 'Senhor, aqui estou eu. Se me quereis, levai-me!'. Homem, ele me mandou de volta tão depressa que quase perdi o fôlego."

Voltando

Como é óbvio, todas as pessoas com as quais conversei tiveram de "voltar" de algum ponto de suas experiências. É comum, entretanto, que uma mudança curiosa de atitude tenha ocorrido a essa altura.

Lembre-se de que os sentimentos relatados mais comuns nos primeiros momentos que se seguem à morte são o desejo desesperado de voltar ao corpo e um intenso pesar com a própria morte. Contudo, uma vez que a pessoa que está morrendo chega a uma certa profundidade na sua experiência, não quer voltar, e pode mesmo opor resistência ao retorno ao corpo. Isso acontece especialmente com aqueles que chegaram suficientemente longe a ponto de encontrar o ser de luz. Como foi dito enfaticamente por um homem: "Eu não queria *nunca* ter saído da presença desse ser".

As exceções a essa afirmação geral são só aparentes. Várias mulheres que eram mães de crianças pequenas me disseram que, enquanto por *elas próprias* teriam preferido ficar, sentiam-se na obrigação de tentar voltar e criar os filhos.

"Eu pensei se devia ficar lá, mas aí me lembrei da minha família, de meus três filhos e meu marido. Bem, esta é a parte difícil de comunicar: enquanto eu tinha aquele sentimento maravilhoso, lá na presença daquela luz, eu realmente não queria voltar. Mas eu levo minhas responsabilidades muito a sério, e sabia que tinha um dever para com a minha família. Aí decidi tentar voltar."

Uns poucos acham que as suas próprias decisões de voltar ao corpo e retornar à vida terrena foram os fatores determinantes.

"Eu estava fora do meu corpo e compreendi que tinha de tomar uma decisão. Sabia que não podia ficar fora do meu corpo físico por um período muito longo de tempo — bem, para os outros isto é muito difícil de entender, mas para mim estava perfeitamente claro —, sabia que eu tinha de decidir: ou bem continuar, indo embora, ou voltar para o corpo.

"Foi maravilhoso estar lá do outro lado, e eu bem que queria ficar, mas saber que eu tinha algo de bom para fazer na Terra era de certo modo igualmente maravilhoso. Assim, eu estava pensando: 'Sim, preciso voltar e viver', e cheguei de volta ao meu corpo físico. Quase senti como se eu tivesse parado de sangrar por vontade própria. De qualquer jeito, depois disso comecei a me recuperar."

Outros sentem que lhes foi, com efeito, dada a *permissão* de viver, por

"Deus" ou pelo ser de luz, quer em resposta a seu próprio pedido de viver (em geral porque o pedido não tinha sido feito por egoísmo), ou porque Deus, ou o ser, aparentemente, tinha em mente alguma missão que deviam cumprir.

"Eu estava sobre a mesa, e podia ver tudo o que eles estavam fazendo. Sabia que estava morrendo, que tinha chegado a hora. Mas eu estava preocupada com as crianças, com quem é que iria tomar conta delas. Por isso, não estava pronta para ir. O Senhor permitiu que eu vivesse."

Como um homem relembra:

"Digo que Deus foi mesmo bom para mim, porque eu estava morto, e ele permitiu que os médicos me trouxessem de volta com uma finalidade. Essa finalidade era ajudar minha mulher, acho, porque ela tinha um problema com a bebida, e sei que não teria conseguido enfrentá-lo sem mim. De fato, está melhor agora, e acho realmente que isso tem muito a ver com o que passei".

Uma jovem mãe acha que:

"O Senhor me mandou de volta, mas eu não sei por quê. Eu definitivamente o senti lá, e sei que ele me reconheceu e sabia quem eu era. No entanto, ele não achou oportuno me levar para o céu; mas, por quê, eu não sei. Já pensei nisso muitas vezes desde então, e creio que era porque eu tinha duas crianças pequenas para criar, ou porque eu pessoalmente ainda não estava pronta para estar lá. Ainda estou procurando a resposta, e não consigo mesmo imaginar".

Em uns poucos casos, as pessoas expressaram o sentimento de que o amor ou as preces de outrem tiveram o efeito de puxá-las de volta da morte independentemente de seus próprios desejos.

"Eu fiquei com a minha velha tia durante a última doença dela, que foi muito prolongada. Ajudei a tratar dela, e durante esse tempo todos da família ficavam rezando para ela recuperar a saúde. Ela parou de respirar várias vezes, mas eles a trouxeram de volta. Finalmente, um dia ela olhou bem para mim e disse: 'Joan, eu estive do lado de lá, do outro lado, e é muito belo. Eu queria ficar, mas não posso enquanto você continuar rezando para eu estar aqui. Suas rezas estão me segurando aqui. Por favor, não reze mais'. Nós paramos de rezar e pouco tempo depois ela morreu."

Uma mulher me disse:

"O médico já tinha me dado por perdida, mas eu sobrevivi. Mas a experiência por que passei foi de contentamento, e não senti mesmo nada de mau. Quando eu voltei e abri os olhos, minha irmã e meu marido me viram. Eu podia ver o alívio deles e as lágrimas correndo dos seus olhos. Dava para ver que tinha sido um alívio para eles que eu tivesse sobrevivido. Senti-me como se tivesse sido chamada de volta — magnetizada de volta — pelo amor de minha irmã e de meu marido. Depois disso, tenho a crença de que outras pessoas podem trazer a gente de volta".

Em bem poucos casos, as pessoas se lembram de serem puxadas

rapidamente de volta através do túnel escuro pelo qual passaram durante os momentos iniciais de suas experiências. Um homem que "morreu", por exemplo, relata como foi propelido através de um vale sombrio. Sentiu que estava chegando ao fim de um túnel, e exatamente nesse momento ouviu seu nome sendo chamado atrás dele. Foi então puxado para trás através do mesmo espaço. Poucos experimentaram a reentrada fatal em seus corpos físicos. A maioria relata meramente que no fim de suas experiências acha que "dormiu" ou ficou inconsciente, e acordou mais tarde em seu corpo físico.

"Não me lembro da volta ao meu corpo. Foi como se eu tivesse vagado para fora, depois dormido e de repente acordado já de volta, deitado na cama. As pessoas no quarto estavam, em comparação, onde tinham ficado enquanto eu estive fora do meu corpo, olhando para ele e para elas."

De outro lado, alguns se lembram de ter sido trazidos velozmente de volta a seus corpos físicos, às vezes com uma sacudida, no fim de suas experiências.

"Eu estava lá em cima no teto, vendo-os trabalhar em mim. Quando eles puseram os eletrodos no meu peito, e meu corpo sacudiu, caí de volta nele, como se fosse um peso morto. Dei por mim novamente em meu corpo."

E:

"E eu decidi que ia voltar, e quando o fiz foi como um choque, como uma faísca de novo no meu corpo, e senti que naquele preciso momento tinha atravessado de volta para a vida".

Em muito poucos dos casos em que o evento é contado com algum detalhe se diz que a reentrada ocorre "através da cabeça".

"Meu ser parecia ter uma extremidade maior e outra menor, e no fim do acidente, depois de ter ficado suspenso sobre a minha própria cabeça, meu 'ser' voltou para dentro. Quando ele deixou meu corpo, parecia que a extremidade maior saía antes, mas, ao voltar, a extremidade menor parece que entrou primeiro."

Uma pessoa relata:

"Quando eu os vi apanharem meu corpo e tirarem-no de baixo do volante, foi como um 'chhhhhhhh' e senti que era puxado através de uma área limitada, uma espécie de funil, acho. Estava escuro e negro lá dentro, eu me movia através dela rapidamente, de volta ao meu corpo. À medida que fui sendo puxado de volta, parecia que a sucção tinha começado vindo da cabeça, pois eu fui de cabeça. Não senti que pudesse ter qualquer decisão sobre o que estava acontecendo, nem mesmo tive tempo de pensar. Lá estava eu, longe do meu corpo, e, de repente, eu estava ali com ele. Não tive nem tempo de pensar: 'Estou sendo sugado de novo para dentro do meu corpo'".

Os sentimentos e emoções que foram associados com a experiência,

tipicamente, permanecem por algum tempo depois de a crise médica propriamente dita ter sido resolvida.

1. "Depois que eu voltei, durante mais ou menos uma semana chorei muitas vezes por ter de viver neste mundo depois de ter visto aquele. Eu não queria voltar."
2. "Quando voltei, trouxe comigo algumas das sensações maravilhosas que senti no além. Duraram vários dias. Ainda agora às vezes eu as sinto."
3. "Essas sensações eram indescritíveis mesmo. Ficaram comigo de certo modo. Nunca as esquecerei. Ainda penso em tudo aquilo com muita frequência."

Contar aos outros

Deve-se frisar que uma pessoa que passa por uma experiência desse tipo não tem nenhuma dúvida quanto à realidade dela ou sobre sua importância. As entrevistas que fiz estão geralmente recheadas de observações desse tipo. Por exemplo:

"Enquanto eu estava fora do meu corpo, ficava menos espantada com o que estava acontecendo comigo. Não dava para entender. Mas era real. Eu via o meu corpo tão nitidamente e tão longe! Minha mente não estava naquele momento ocupada em querer fazer coisas ou manufaturar ideias, ou em inventar qualquer coisa. Simplesmente não se tratava de um estado mental".

E:

"Não se parecia em nada com uma alucinação. Já tive alucinação uma vez, quando me deram codeína no hospital. Mas isso aconteceu muito antes do acidente que me 'matou' mesmo. E essa experiência não foi nada parecida com as alucinações, absolutamente nada".

Tais observações foram feitas por pessoas perfeitamente capazes de distinguir sonho e fantasia da realidade. As pessoas que entrevistei eram personalidades sadias e equilibradas. Contudo, não falam de suas experiências como se estivessem contando sonhos, mas sim como eventos reais que de fato lhes aconteceram.

Apesar de sua própria certeza quanto à realidade e à importância do que lhes aconteceu, entendem que a sociedade contemporânea não é bem o tipo de ambiente em que relatos dessa natureza sejam recebidos com simpatia e compreensão. Com efeito, muitos disseram que compreenderam desde o início que os outros os tomariam como mentalmente instáveis se fossem relatar suas experiências. Por isso, resolveram permanecer calados a respeito, ou revelar suas experiências só a algum parente muito próximo.

"Foi muito interessante. Só que não gosto de falar a respeito. As pessoas olham como se a gente estivesse louca."

Outro lembra:

"Durante muito tempo não contei nada a ninguém. Não disse mesmo nada a respeito. Não me sentia à vontade porque tinha medo de que ninguém acreditasse que eu estava contando a verdade, e temia que dissessem: 'Ora, você está inventando essas coisas!'

"Um dia, decidi: 'Bem, quero ver como a minha família reage!', e contei. Mas a ninguém mais, até agora. Mas acho que minha família compreendeu que eu tinha mesmo ido tão longe."

Outros tentaram de início contar o ocorrido a alguém, mas, ao encontrar oposição, resolveram daí por diante ficar quietos.

1. "A única pessoa a quem tentei contar a história foi minha mãe. Um pouco mais tarde mencionei como tinha me sentido. Mas eu era só um menininho, e ela não prestou nenhuma atenção. Daí, eu nunca contei a mais ninguém."

2. "Tentei contar ao pastor, mas ele disse que eu tinha estado delirando, aí me calei."

3. "Eu era muito popular no ginásio e no colégio, e ia com a turma, não fazia nada de novo. Eu era uma maria-vai-com-as-outras e não uma líder. Depois que isso aconteceu comigo, tentei contar para a turma; eles automaticamente me rotularam de maluca. Quando eu tentava contar, eles ouviam com interesse, mas depois eu descobria que ficavam dizendo: 'Essa daí pirou mesmo'. Quando descobri que para eles era tudo uma grande piada, parei de tentar comunicar qualquer coisa. Eu não tinha estado tentando dizer: 'Vejam que coisa mais especial aconteceu comigo'. O que eu estava tentando dizer era que precisamos saber mais sobre a vida do que eu pensava antes, e tenho certeza de que eles também."

4. "Tentei contar às enfermeiras que estavam comigo, quando acordei, o que tinha acontecido, mas elas me disseram para não falar, que eu tinha estado imaginando coisas."

Assim, nas palavras de uma pessoa:

"Você aprende rapidamente que as pessoas não aceitam isso tão facilmente como a gente gostaria. Então simplesmente você não vai subir a uma tribuna e começar a dizer a todo o mundo essas coisas".

É bastante curioso que em só um dos casos que estudei o médico tenha revelado alguma familiaridade com as experiências de quase morte ou tenha expresso alguma simpatia. Depois de sua experiência fora do corpo, uma moça me contou:

"Minha família e eu perguntamos ao médico o que tinha acontecido comigo, e ele disse que isso acontece com frequência quando as pessoas estão sofrendo muita dor ou tiveram ferimentos graves, que suas almas deixam seus corpos".

Considerando o ceticismo e a falta de compreensão que encontram as

tentativas de discutir a experiência de quase morte, não é de surpreender que quase todos os que se encontram nessa situação cheguem a pensar que são casos únicos, que ninguém jamais passou pelo que experimentaram. Um homem, por exemplo, me disse:

"Estive em um lugar onde antes de mim ninguém esteve".

Aconteceu, muitas vezes, depois de entrevistar alguém pormenorizadamente sobre sua própria experiência e em seguida contar-lhe que outros relataram exatamente os mesmos eventos e percepções, esse alguém expressar os mais profundos sentimentos de alívio.

"É uma coisa muito interessante mesmo descobrir que outras pessoas tiveram a mesma experiência, porque eu não compreendia... Estou mesmo feliz com que você tenha me contado isso, sabendo que obviamente mais alguém também passou pelo mesmo que eu. Agora eu *sei* que não estou louco.

"Foi sempre uma coisa muito real para mim, mas eu nunca diria nada a ninguém, porque tinha medo que me olhassem e pensassem: 'Quando você parou, sua mente ficou pirada também'.

"Imaginei que alguém mais deveria ter passado pela mesma coisa, mas que eu provavelmente nunca iria encontrar alguém que conhecesse outra pessoa que tivesse atravessado a mesma experiência, porque eu não acho que as pessoas vão falar. Se alguém viesse me dizer, sem que eu tivesse estado lá, eu provavelmente olharia e ficaria imaginando qual era a piada, porque é assim que a nossa sociedade é."

Há ainda outra razão pela qual alguns são reticentes em contar suas experiências aos outros. Acham que suas experiências são tão indescritíveis, tão distantes da linguagem humana e dos modos humanos de percepção e existência, que é infrutífero mesmo tentar.

Efeito sobre as vidas

Pelas razões que acabo de explicar, ninguém do meu conhecimento construiu para si um púlpito portátil e saiu pregando em tempo integral na base da sua própria experiência. Ninguém achou apropriado fazer proselitismo, tentar convencer os outros das realidades que experimentou. Com efeito, descobri que a dificuldade é bem o reverso: as pessoas são naturalmente muito reticentes em dizer aos outros o que aconteceu com elas.

Os efeitos que estas experiências tiveram sobre suas vidas parecem ter assumido formas mais quietas, mais sutis. Muitos me contaram que sentiam que suas vidas tinham sido ampliadas e aprofundadas pela experiência, que por causa dela tinham se tornado mais profundos e mais preocupados com as questões filosóficas fundamentais.

"Até esse momento — foi antes de eu ter me mudado para frequentar a

faculdade — eu tinha sido criado em uma cidade pequena, com gente de mentalidade muito tacanha, pelo menos as pessoas com as quais estava ligado. Eu era um garoto típico do time do ginásio. Ninguém, a não ser os do meu grupo de amigos, significava algo para mim.

"Mas, depois que isso me aconteceu, eu queria saber mais. Na ocasião, no entanto, eu não imaginava que houvesse alguém que soubesse qualquer coisa sobre isso, porque eu nunca tinha estado fora do mundinho em que vivia. Não sabia nada de psicologia, nem de nada assim. Tudo o que eu sabia era que me sentia como se tivesse envelhecido da noite para o dia depois do que aconteceu. Abriu-se para, mim um mundo totalmente novo que eu nunca imaginei que existisse. Ficava pensando: 'Há tanta coisa que eu tenho que descobrir'. Em outras palavras, existem mais coisas além do cinema no sábado e do futebol no domingo. E há mais coisas sobre mim que eu mesmo não sei. E aí comecei a pensar: 'Qual é o limite do ser humano e da mente?' Foi isso. Assim começou, para mim, um mundo novo."

Outro declara:

"Desde então, tem sido uma constante na minha mente o que fiz da minha vida, e o que fazer da minha vida. Com a minha vida passada eu estou satisfeito. Não acredito que o mundo me deva nada porque fiz mesmo tudo o que eu quis, ainda estou vivo e posso fazer mais. Mas, desde que morri, repentinamente, logo depois da minha experiência, comecei a imaginar se eu tinha feito as coisas que fiz porque eram boas ou porque eram boas *para mim*. Antes, eu reagia apenas na base do impulso; agora, eu primeiro passo as coisas pela cabeça, devagar e cuidadosamente. Tudo parece que tem que passar primeiro pela minha mente e ser digerido.

"Tento fazer coisas que tenham maior significado, e isso faz com que a minha mente e a minha alma se sintam melhor. Tento não ser parcial e não julgar as pessoas. Quero fazer coisas que sejam boas, e não coisas que sejam boas só para mim. E parece que a compreensão que tenho das coisas é muito melhor. Sinto-me assim por causa dos lugares aonde fui e das coisas que vi nessa experiência."

Outras relatam uma mudança de atitude para com a vida física a que retornaram. Uma mulher, por exemplo, diz bem simplesmente que já ter morrido "faz com que a vida se tenha tornado mais preciosa para mim".

Outra pessoa relata:

"De certo modo foi uma bênção, porque antes daquele ataque do coração eu estava tão ocupado em planejar o futuro dos filhos, e em me preocupar com o dia de ontem, que estava perdendo as alegrias do presente. Agora tenho uma atitude muito diferente".

Uns poucos mencionaram que o que passaram modificou suas concepções da mente e da importância relativa do corpo físico em comparação com a mente. Isso fica ilustrado particularmente bem nas seguintes palavras de uma mulher que teve uma experiência fora do corpo quando nas proximidades

da morte:

"Na ocasião eu fiquei consciente da minha mente mais do que do meu corpo físico. A mente era a parte mais importante, em vez da forma do corpo. E, antes, toda a minha vida tinha sido exatamente o inverso. O corpo era o interesse principal, e o que ia pela minha mente, bem, estava indo e era tudo. Mas, depois que aquilo aconteceu, minha mente ficou sendo o principal ponto de atração, e o corpo em segundo lugar — não mais do que algo que servia de embalagem para a mente. Não me incomodava ter ou não um corpo. Não fazia diferença, porque, tanto quanto me importava, minha mente era o que merecia cuidado".

Em um número pequeno de casos, pessoas me contaram que depois de suas experiências pareciam adquirir ou notar faculdades de intuição na fronteira com o psíquico.

1. "Depois dessa experiência como que fui preenchido com um novo espírito. Pois, desde então, muitos observaram que eu pareço exercer um efeito calmante sobre as pessoas, instantaneamente, quando elas estão perturbadas. E parece também que estou mais sintonizado com as pessoas agora que eu consigo sacar as coisas mais depressa."

2. "Uma coisa que acho que me foi dada, em consequência da minha experiência de morto, é que posso perceber as necessidades na vida de outros indivíduos. Muitas vezes, por exemplo, quando estou com outras pessoas no elevador do edifício onde trabalho, parece que posso ler em suas faces e dizer que precisam de ajuda e de que tipo de ajuda. Muitas vezes, falei com essas pessoas que estavam assim perturbadas, e as conduzi até meu escritório para um bom papo."

3. "Desde que fui ferida, tenho a sensação de captar pensamentos e vibrações das pessoas, e percebo também o ressentimento nas outras pessoas. Muitas vezes sei o que as pessoas vão dizer antes que abram a boca. Não são muitos os que vão acreditar em mim, mas desde então tenho tido experiências muito, muito singulares mesmo. Uma vez, eu estava numa festa e estava captando o pensamento das outras pessoas, e alguns que não me conheciam ficaram com medo e foram embora. Ficaram com medo de que eu fosse uma bruxa ou coisa assim. Não sei se é alguma coisa que adquiri enquanto estive morta, ou se estava latente e eu nunca usei antes que isso acontecesse."

Há um notável acordo quanto às "lições", ou o que sejam, que foram trazidas de volta desses encontros estreitos com a morte. Quase todos insistem sobre a importância de tentar cultivar o amor pelos outros, amor de uma espécie única e profunda. Um homem que encontrou o ser de luz e se sentiu totalmente amado e aceito, mesmo quando toda a sua vida estava em exibição como um panorama que ambos podiam ver, acha que a "questão" que o ser propunha era se ele era capaz de amar e aceitar os outros da mesma maneira. Acredita agora que sua tarefa, enquanto estiver na Terra, é aprender a ser capaz de fazer isso.

Em acréscimo, muitos outros acentuam a importância de buscar o

saber. Aham que foram avisados, durante suas experiências, de que a aquisição do saber continua mesmo no além-vida. Uma mulher, por exemplo, tem aproveitado todas as oportunidades educacionais que tem tido desde sua experiência de "morte". Um outro homem dá o conselho: "Não importa a idade com que você esteja, nunca pare de aprender. Pois esse é um processo, foi como entendi, que continua pela eternidade".

Ninguém que eu tenha entrevistado relatou ter saído da experiência moralmente "purificado" ou aperfeiçoado. Ninguém com quem conversei deu qualquer sinal de uma atitude "mais santa que a de vocês". Na verdade, a maioria trouxe à baila a questão de que sentem que ainda estão tentando, procurando ainda. Sua visão deixou-os com novos propósitos, novos princípios morais, e renovou sua determinação de viver de acordo com eles, mas nenhum sentimento de salvação instantânea ou de infalibilidade moral.

Novas visões da morte

Como bem se poderia esperar, esta experiência tem um efeito profundo sobre as atitudes em relação à morte física, especialmente para aqueles que não tinham nenhuma expectativa anterior de que ocorresse qualquer coisa depois da morte. De uma forma ou de outra, quase todas as pessoas expressaram a mim o pensamento de que já não têm medo da morte física. Isso requer esclarecimentos, entretanto. Em primeiro lugar, certas maneiras de morrer são obviamente indesejáveis, e, em segundo lugar, nenhuma dessas pessoas está ativamente procurando a morte. Todos sentem que têm tarefas a cumprir enquanto estiverem fisicamente vivos e teriam concordado com as palavras de um homem que disse: "Tenho ainda de mudar um bocado antes de deixar isto aqui". Da mesma forma, todos desaconselhariam o suicídio como um meio de voltar aos reinos de que tiveram um relance durante suas experiências. O que acontece é que agora o próprio estado de morte já não lhes é proibitivo. Vejamos algumas passagens nas quais tais atitudes são explicadas.

1. "Suponho que esta experiência modelou algo da minha vida. Eu era apenas uma criança quando isso aconteceu, tinha só dez anos, mas agora, depois de uma vida inteira, estou completamente convencido de que há vida depois da morte, sem sombra de dúvida, e não tenho medo de morrer. Não tenho. Conheço gente que tem muito medo, pavor mesmo. Eu sempre rio comigo mesmo quando ouço gente duvidar de que haja um após-vida ou dizer: 'Morreu, acabou'.

"Muitas coisas me aconteceram durante a minha vida. No negócio, já me ameaçaram com um revólver encostado às minhas têmporas. E não me assustou muito, porque eu pensei: 'Bem, se eu morrer mesmo, se me matarem de fato, sei que ainda vou continuar vivendo em algum lugar!' "

2. "Quando eu era garoto, tinha um medo terrível de morrer. Costumava acordar

de noite chorando e tendo acessos. Minha mãe e meu pai corriam para o quarto para saber o que tinha acontecido. E eu dizia que não queria morrer, mas que sabia que tinha de morrer, e perguntava se eles podiam impedir isso. Minha mãe conversava comigo e me dizia: 'Não, é assim que as coisas estão dispostas, e todos temos de enfrentá-las'. Dizia que todos temos de encarar isso sozinhos e que quando o momento chegar vamos nos sair bem. E, anos depois de minha mãe morrer, eu conversava sobre a morte com minha mulher. Ainda a temia. Não queria que ela viesse.

"Mas, depois dessa experiência, não temo mais a morte. Desapareceram aqueles sentimentos. Já não me sinto mal em enterros. Como que me alegro com eles, porque sei pelo que passam as pessoas mortas.

"Acredito que o Senhor me enviou essa experiência por causa do jeito que eu me sentia com a morte. Naturalmente, meus pais me consolaram, mas o Senhor me *mostrou* o que havia, ao passo que isso eles não podiam fazer. Agora, eu não gosto de falar sobre isso, mas sei, e estou perfeitamente satisfeito."

3. "Agora já não tenho medo de morrer. Não é que eu sinta um desejo de morte ou queira morrer imediatamente. Não quero neste momento estar vivendo do outro lado porque tenho que estar vivo é aqui. A razão pela qual não tenho medo de morrer, portanto, é que sei para onde vou quando deixar isto aqui, porque já estive lá antes."

4. "A última coisa que o ser de luz me disse, antes que eu voltasse ao corpo, à vida, foi que ele voltaria. Ele estava me dizendo que eu ia continuar a viver dessa vez, mas que chegaria a hora em que ele entraria outra vez em contato comigo, e que eu morreria de verdade.

"Por isso eu sei que a luz voltará, e a voz também, mas quando não estou certo. Acho que vai ser uma experiência muito semelhante, mas creio que ainda melhor, de verdade, pois agora sei o que esperar e não ficarei tão confuso. Não acho que eu queira voltar muito breve, porém. Ainda quero fazer algumas coisas aqui embaixo."

A razão pela qual a morte já não é amedrontadora é que depois da experiência a pessoa já não entretém dúvidas quanto à sobrevivência depois da morte corporal. Já não é uma possibilidade meramente abstrata, mas um fato da experiência.

Cabe lembrar que no início discuti o conceito de "aniquilação" que usa "dormir" e "esquecer" como modelos da morte. As pessoas que "morreram" desaprovam essa espécie de modelos e escolhem analogias que representam a morte como a transição de um estado para outro, ou como uma entrada para um estado superior de consciência ou de ser. Uma mulher, cujos parentes mortos lá estavam para saudá-la na sua morte, comparou a morte a um "chegar a casa". Outras pessoas a equiparam com outros estados psicológicos positivos, como por exemplo acordar, formar-se ou fugir da cadeia.

1. "Alguns dizem que não estamos usando a palavra 'morte' porque estamos tentando escapar dela. No meu caso não é verdade. Depois de você ter tido uma

vez a experiência pela qual passei, você sabe, dentro do seu coração, que não existe coisa tal como a morte. Você apenas termina um curso e começa outro — como passar do primeiro para o segundo ciclo."

2. "A vida é como um encarceramento. Neste estado, não podemos mesmo compreender o quanto os corpos são uma prisão. A morte é uma libertação tal... como uma fuga da prisão. Não posso pensar em uma comparação melhor."

Mesmo aqueles que anteriormente possuíam alguma convicção tradicional acerca da natureza do mundo depois da vida parecem ter se afastado dela alguns graus após o seu próprio roçar com a morte. De fato, de todos os depoimentos que recolhi, em nenhum deles foi pintado o quadro mitológico do que jaz além. Ninguém descreveu o céu do desenhista — portões de madrepérola, ruas douradas, nem um inferno de chamas e demônios com forçados.

Assim, na maioria dos casos, o modelo de um além recompensa/castigo fica abandonado e desconfirmado, até pelos muitos que foram acostumados a pensar nesses termos. Descobriram, para espanto próprio, que, mesmo quando suas ações, aparentemente as piores e as mais pecaminosas, foram revistas diante do ser de luz, o ser respondeu não com ira e cólera, mas só com compreensão, e até com senso de humor. Quando uma mulher passou em revista sua vida com esse ser, viu cenas nas quais tinha deixado de mostrar amor e tinha exibido egoísmo. No entanto, diz ela, "a atitude dele quando chegamos a essas cenas era só a de que eu estava aprendendo, mesmo nessas circunstâncias". No lugar do velho modelo, muitos parecem ter voltado com um novo modelo e um novo entendimento do mundo além — uma visão que apresenta não um julgamento unilateral, mas sim um desenvolvimento cooperativo na direção da finalidade básica de autorrealização. De acordo com essas novas perspectivas, o desenvolvimento da alma, especialmente nas faculdades espirituais de amor e conhecimento, não para com a morte. Em vez disso, continua do outro lado, talvez eternamente, mas certamente por um período de tempo e com uma profundidade que apenas pode ser vislumbrada enquanto ainda estamos em corpos físicos, como "através de um vidro fosco".

Corroboração

A questão que agora naturalmente se propõe é saber se pode ser obtida qualquer prova da realidade das experiências de quase morte, independentemente das descrições das próprias experiências. Muitas pessoas relataram ter estado fora de seus corpos por longos períodos de tempo e ter testemunhado muitos eventos no mundo físico durante o interlúdio. Será

possível verificar qualquer desses relatos pelo confronto com os de outras testemunhas que se saiba terem estado presentes, ou com eventos posteriores confirmativos, para assim serem confirmados ou corroborados?

Com efeito, em uns poucos casos, a resposta surpreendente a essa pergunta é "sim". E, mais ainda, a descrição de eventos testemunhados enquanto fora do corpo tende a ser verificada bastante bem. Vários médicos me disseram, por exemplo, que estão completamente atônitos a respeito de como pacientes sem conhecimentos médicos possam descrever em pormenor e tão corretamente o procedimento usado em tentativas de ressurreição, ainda que esses eventos tenham ocorrido enquanto os médicos sabiam que os pacientes em questão estavam "mortos".

Em vários casos, pessoas me contaram como espantaram seus médicos e outras pessoas com o relato de eventos que testemunharam estando fora do corpo. Uma moça, por exemplo, enquanto estava morrendo, saiu do corpo e foi até um outro quarto do hospital, onde encontrou sua irmã mais velha chorando e dizendo: "Oh, Kathy, por favor não morra, por favor não morra". A irmã mais velha ficou completamente atônita quando, mais tarde, Kathy lhe disse exatamente onde tinha estado e o que ela dissera, durante esse tempo. Nos dois trechos que se seguem, estão descritos eventos semelhantes.

1. "Depois que tudo tinha passado, o médico me disse que eu tinha estado muito mal mesmo, e eu disse: 'É, eu sei'. Ele perguntou: 'Bem, como é que você sabe?', e eu respondi: 'Posso lhe contar tintim por tintim o que aconteceu'. Ele não acreditou, aí eu contei toda a história desde o momento em que parei de respirar até o momento em que estava como que voltando. Ele ficou realmente chocado, vendo que eu sabia tudo o que tinha acontecido. Ele não sabia o que dizer, mas varias vezes me perguntou diversas coisas a respeito."

2. "Quando acordei, depois do acidente, meu pai estava lá, e eu nem mesmo queria saber em que estado me encontrava, ou como estava, ou como os médicos pensavam que eu ia ficar. Tudo o que eu queria era falar sobre a experiência pela qual tinha passado. Contei ao meu pai quem tinha puxado meu corpo para fora do prédio, e até a cor das roupas que essa pessoa estava usando, e como me tiraram de lá, e até sobre todas as conversas que estavam ocorrendo naquela área. Meu pai disse: 'Bem, sim, essas coisas aconteceram de verdade'. No entanto, meu corpo estava fisicamente desligado todo esse tempo, e não havia nenhum modo de eu poder ter visto ou ouvido todas essas coisas sem ser fora dele."

Finalmente, em uns poucos casos, consegui obter testemunhos independentes de outrem sobre os eventos corroborantes. Checando o valor de prova de tais relatos independentes, entretanto, surgem vários fatores que complicam a situação. Primeiro, na maioria dos casos o próprio evento corroborante é atestado só pela pessoa que está morrendo e por, no melhor dos casos, um par de amigos chegados ou conhecidos. Segundo, mesmo nos casos

excepcionalmente dramáticos e bem testemunhados que coligi, prometi não revelar nomes reais. Mesmo que pudesse, entretanto, não penso que estas histórias corroborativas coligidas depois do fato possam constituir *provas*, por razões que explicarei no capítulo final.

Chegamos ao fim da nossa pesquisa sobre os vários estágios e eventos, comumente relatados, da experiência de morrer. Ao encerrar este capítulo, quero citar longamente um relato bastante excepcional que engloba muitos dos elementos que discuti. Além disso, porém, contém uma trama única e não encontrada antes: o ser de luz conta com antecedência ao homem em questão a sua morte iminente, e depois decide deixá-lo viver.

"Na ocasião em que isso aconteceu, eu sofria, como ainda hoje, de uma grave asma brônquica e enfisema. Um dia, entrei num acesso de tosse e aparentemente rompi um disco da parte inferior da espinha. Durante alguns meses consultei vários médicos, queixando-me da dor agonizante, e, finalmente, um deles me encaminhou a um neurocirurgião, o Dr. Wyatt. Ele me examinou e disse que eu precisava ser internado imediatamente em um hospital; eu o fiz, e me puseram em tração logo de início.

"O Dr. Wyatt sabia que eu sofria de séria enfermidade respiratória e chamou um especialista de pulmão, que disse que o anestesista, Dr. Coleman, deveria ser consultado se eu tivesse de ser submetido a anestesia para a intervenção cirúrgica. Aí o especialista do pulmão me tratou quase três semanas, até que finalmente eu estava em condições para que o Dr. Coleman me fizesse dormir. Finalmente, em uma segunda-feira, ele consentiu, embora ainda estivesse muito preocupado. Marcaram a operação para a quinta. Segunda à noite dormi e tive um sono reparador até terça-feira pela manhã, quando acordei com grandes dores. Tentei virar-me e ficar em uma posição mais confortável, mas bem nesse momento uma luz apareceu em um canto do quarto, logo abaixo do teto. Era só uma bola de luz, quase como um globo, e não muito grande (não diria que tivesse mais de trinta centímetros de diâmetro), e quando essa luz apareceu um sentimento se apoderou de mim. Não posso dizer que era uma sensação estranha, porque não era. Era uma sensação de paz e completo relaxamento. Eu podia ver a mão se estender da luz para mim e a luz dizer: 'Venha comigo. Quero lhe mostrar algo'. Aí, imediatamente, sem nenhuma hesitação, levantei minha mão e segurei a mão que me era estendida. Ao fazer isso, tive a sensação de ser tirado para fora do meu corpo; olhei para trás e vi que ele estava lá deitado na cama enquanto eu estava subindo para o teto do quarto.

"Bem, nesse momento, logo que deixei o corpo, assumi a mesma forma que a da luz. Tive a sensação, e tenho de usar minhas próprias palavras para descrevê-lo, porque nunca ouvi ninguém falar sobre nada parecido, de que essa forma era definitivamente um espírito. Não era um corpo, só um vapor. Parecia-se bastante com as nuvens de fumaça de cigarro que a gente vê quando estão iluminadas e subindo em volta de uma lâmpada. A forma que tomou, porém, tinha cores. Havia laranja, amarelo e uma cor muito indistinta para mim — acho que era violeta, uma cor azulada.

"Essa forma espiritual não tinha contorno como um corpo. Era mais ou menos circular, mas tinha o que eu chamaria de mão. Sei disso porque, quando a

luz se estendeu para mim, eu a segurei com a minha mão. Porém, o braço e a mão do meu corpo ficaram imóveis, porque eu podia vê-los jazendo na cama, esticados ao lado do corpo, quando subi para a luz. Mas, quando eu não estava usando essa mão espiritual, o espírito voltou à forma circular.

"Assim, fui puxado para a mesma posição em que a luz estava, e começamos a nos mover, através do teto e da parede do quarto do hospital, para o corredor, e através do corredor, parece que para baixo, até um andar inferior do hospital. Não tínhamos dificuldades em passar através de portas e paredes. Elas desapareciam diante de nós quando nos aproximávamos.

"Durante esse período parecia que estávamos viajando. Sabia que estávamos nos movendo, porém não havia sensação de velocidade. E em um momento compreendi que tínhamos chegado à sala de recuperação do hospital. Bem, eu antes nem mesmo sabia onde era a sala de recuperação do hospital, mas chegamos lá, e mais uma vez ficamos no canto do quarto perto do teto e acima de tudo o mais. Vi médicos e enfermeiras andando pra cá e pra lá com seus aventais verdes, e vi que estavam colocando uns leitos no lugar.

"Este ser então me disse — ele me mostrou: 'É aí que você vai ficar. Quando o tirarem da mesa de operações, vão pô-lo naquele leito, mas você nunca despertará da posição em que o colocarem. Você não saberá mais nada depois de entrar na sala de operação até que eu volte para buscá-lo algum tempo depois'. Bem, não vou dizer que isso foi dito em palavras. Não era como se fosse uma voz audível, porque se tivesse sido acho que os outros que estavam na sala teriam ouvido, e eles não ouviram nada. Era mais uma impressão que me vinha. Mas era numa forma tão vívida que não havia jeito de eu dizer que não tinha escutado ou que não tinha entendido. Era bem definida para mim.

"E o que eu estava vendo — bem, era muito mais fácil reconhecer coisas enquanto eu estava nessa forma espiritual. Eu não ficava imaginando: 'Agora, o que será que ele está tentando me mostrar?' Eu ficava sabendo imediatamente o que era, o que ele tinha em mente. Nunca havia nenhuma dúvida. Era *aquele leito* — era a cama da direita, quando se entra vindo do corredor — onde eu ia ficar, e ele me levou para ali com um propósito. Compreendi que a razão para isso era que ele não queria nenhum medo quando chegasse a hora de meu espírito passar para fora do corpo, mas queria que eu soubesse qual seria a sensação depois desse ponto. Ele queria me dar confiança para que eu não tivesse medo, porque estava me dizendo que não estaria lá imediatamente, que eu tinha de passar por outras coisas antes, mas que ele estaria supervisionando tudo o que acontecesse e estaria lá para mim no final.

"Agora, imediatamente quando me juntei a ele para a viagem até a sala de recuperação e tinha eu próprio me tornado um espírito, de certo modo tínhamos estado fundidos em um só. Éramos, ao mesmo tempo, duas coisas distintas. Porém, ele tinha controle total sobre tudo o que estava acontecendo no que me dizia respeito. E, mesmo se estávamos viajando pelas paredes e tetos, etc., bem, parecia que estávamos em tal comunhão íntima que nada absolutamente podia me perturbar. De novo, era uma plenitude de paz, calma e uma serenidade que jamais encontrei em qualquer outro lugar.

"Assim, depois que me disse isso, ele me levou de volta para o quarto do hospital, e quando voltei vi meu corpo, ainda jazendo na mesma posição em que estava quando o deixei, e instantaneamente eu estava de volta a ele. Creio que estive fora do meu corpo uns cinco ou dez minutos, mas a passagem do tempo não

tem nada a ver com essa experiência. De fato, não me lembro de ter mesmo pensado nela como tendo durado qualquer tempo determinado.

"Bem, tudo isso me espantou e me tomou completamente de surpresa. Era tão vívido e real — mais ainda que a experiência ordinária. E na manhã seguinte eu já não estava nem um pouco com medo. Quando fiz a barba, notei que minha mão não tremia como nas últimas seis ou oito semanas antes. Sabia que ia estar para morrer, mas não havia arrependimento, nem medo. Não ocorria o pensamento: 'Que é que posso fazer para isso não acontecer?' Eu estava pronto.

"Bem, na quarta de tarde, véspera da operação na manhã seguinte, eu estava no meu quarto do hospital, preocupado. Minha mulher e eu temos um rapaz, um sobrinho adotado, e estávamos tendo dificuldades com ele. Por isso decidi escrever uma carta para ela e uma para ele, pondo minhas preocupações em palavras, e esconder as cartas onde eles só as pudessem encontrar depois da operação. Depois de ter escrito quase duas páginas da carta para minha mulher, foi como se as comportas tivessem se aberto. Comecei a chorar de uma vez, soluçando. Senti uma presença, e a princípio pensei que eu estava chorando tão alto que tinha perturbado uma das enfermeiras e que ela tivesse entrado no quarto para ver o que havia comigo. Mas eu não tinha escutado a porta se abrir. E outra vez senti a presença, mas não vi nenhuma luz dessa vez, e pensamentos e palavras chegaram até mim, exatamente como antes, e ele disse: 'Jack, por que você está chorando? Pensei que lhe agradasse estar comigo'. E pensei: 'Sim, estou feliz. Quero ir muito mesmo'. E a voz disse: 'Então, por que você está chorando?' Eu disse: 'Estamos tendo problemas com meu sobrinho, você sabe, e tenho medo de que minha mulher não saiba como educá-lo. Estou tentando pôr em palavras como me sinto, e o que quero que ela tente fazer por ele. Estou preocupado também porque acho que talvez minha presença pudesse ajudá-lo de algum modo'.

"Então me vieram pensamentos enviados por essa presença: 'Uma vez que você está pedindo por alguém, e pensando nos outros, não em Jack, vou conceder o que pede. Você viverá para ver seu sobrinho tornar-se um homem'. E, assim de repente, desapareceu. Parei de chorar e destruí a carta para que minha mulher não a encontrasse por acaso. À noitinha, o Dr. Coleman veio e me disse que estava esperando ter dificuldades em me anestesiá-lo, e que eu não ficasse surpreso de acordar e descobrir um bocado de fios, tubos e máquinas em volta de mim. Eu não contei nada do que tinha experimentado, apenas concordei e disse que ia cooperar.

"Na manhã seguinte a operação demorou muito tempo, mas correu tudo bem. Quando eu estava recuperando a consciência o Dr. Coleman estava lá comigo, e eu disse: 'Eu sei exatamente onde estou'. Ele perguntou: 'Em que cama você está?' Eu disse: 'Estou no primeiro leito à direita de quem entra pelo *hall*'. Ele como que riu e naturalmente pensou que eu estava falando por causa da anestesia.

"Eu quis contar o que tinha acontecido, mas bem naquele momento o Dr. Wyatt entrou e disse: 'Ele está acordado agora. O que você quer fazer?' E o Dr. Coleman disse: 'Não há nada que eu possa fazer. Nunca estive tão espantado em minha vida. Aqui estou com todo esse equipamento montado e ele não precisa de nada!' O Dr. Wyatt disse: 'Ainda acontecem milagres, sabe?' Aí, quando consegui levantar-me da cama e olhar ao redor, vi que era o mesmo leito que a luz tinha me mostrado vários dias antes.

"Bem, tudo isso foi há três anos, mas ainda está tão vívido como quando ocorreu. Foi a coisa mais fantástica que jamais me aconteceu, e fez uma grande diferença. Mas não falo sobre isso. Só contei a minha mulher, meu irmão, meu pastor, e agora a você. Não sei como dizer, mas é tão difícil explicar. Não estou tentando acontecer na sua vida, não estou tentando contar vantagem. Apenas, depois disso, não tenho mais dúvidas. Sei que há vida depois da morte."

111

Paralelos

Os eventos dos vários estágios da experiência de morrer são, para dizer o mínimo, raros. Daí a minha surpresa ter aumentado quando, com o passar dos anos, vim a encontrar um notável número de paralelos. Estes paralelos ocorrem em escritos antigos e/ou exotéricos da literatura de civilizações, culturas e eras muito diversas.

A Bíblia

Na nossa sociedade a Bíblia é o livro mais lido e discutido dentre os que tratam de questões relacionadas com a natureza e o aspecto espiritual do homem e com a vida depois da morte. No todo, contudo, a Bíblia tem relativamente pouco a dizer sobre os eventos que transpiram quando da morte, ou sobre a natureza exata do mundo depois da morte. Isso é especialmente verdade no Velho Testamento. De acordo com alguns eruditos nos estudos bíblicos, só duas passagens no Velho Testamento falam inequivocamente da vida depois da morte:

Isaías, 26, 19:

"Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó (...) e a terra lançará de si os mortos".

Daniel, 12, 2:

"E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eternos".

Note-se que nas duas passagens há uma forte sugestão de que ocorrerá uma ressurreição do corpo físico e que o estado de morte física é comparado aqui também ao dormir.

Ainda assim, como ficou evidente no capítulo anterior, algumas pessoas recorreram a conceitos especificamente bíblicos ao tentar elucidar ou explicar o que lhes tinha acontecido. Por exemplo, estarão lembrados de que um homem identificou o espaço escuro e fechado pelo qual passou ao morrer como o "vale da sombra da morte" bíblico. Duas pessoas mencionaram a declaração de Jesus: "Eu sou a luz do mundo". Aparentemente, foi, pelo menos em parte, com base

nessa frase que ambos identificaram com Cristo a luz que encontraram. Uma delas disse: "Eu não cheguei a ver uma pessoa nessa luz, mas para mim a luz era Cristo — consciência, unidade com todas as coisas, um amor perfeito. Acho que Jesus falava literalmente quando disse que ele era a luz do mundo".

Além disso, nas minhas próprias leituras encontrei alguns paralelos aparentes que nenhum dos meus entrevistados tinha mencionado. O mais interessante ocorre nos escritos do apóstolo Paulo. Ele foi um perseguidor dos cristãos até que teve sua famosa visão e conversão na estrada de Damasco.

Diz ele:

Atos, 26, 13-26:

"Ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz no céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu e aos que iam comigo.

"E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava, e em língua hebraica dizia: 'Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalçar contra os agulhões'.

"E eu disse: 'Quem és, Senhor?' E ele respondeu: 'Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda'.

(...)

"Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celeste. (...) E, dizendo isto em minha defesa, disse Festo em alta voz: 'Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar'. Mas eu disse: 'Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes digo palavras de verdade e de um são juízo'."

O episódio guarda alguma semelhança óbvia com o encontro com o ser de luz nas experiências de quase morte. Em primeiro lugar, o ser é dotado de uma personalidade, embora nenhuma forma física seja vista, e uma "voz", que faz perguntas e dá instruções, emana dele. Quando Paulo tenta contar a outros, é ridicularizado e rotulado de "louco". Não obstante, a visão modifica o curso de sua vida: daí por diante torna-se um dos principais divulgadores do cristianismo como um modo de vida que implica o amor aos outros.

Há diferenças também, naturalmente. Paulo não chega a estar perto da morte no decorrer da sua visão. É também bastante interessante que Paulo relate ter sido cegado pela luz e que por três dias foi incapaz de ver. Isso vai de encontro aos relatos dos que disseram que, embora a luz fosse indescritivelmente brilhante, de modo algum os cegava ou impedia de ver ao redor.

Em suas discussões sobre a natureza do após-vida, Paulo diz que alguns debatem o conceito cristão do após-vida perguntando que espécie de corpo terão os mortos:

I aos Coríntios, 15, 35-52:

"Mas alguém dirá: como ressuscitarão os mortos? E com que corpo

virão? Insensato! O que semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão. (...) Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo. (...) E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra a dos terrestres. (...) Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há um corpo animal, há também um espiritual. (...) Eis, aqui vos digo, um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados. Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis".

É interessante que o breve esboço de Paulo sobre a natureza do "corpo espiritual" corresponda muito bem aos relatos daqueles que se encontraram fora dos seus corpos. Em todos os casos, a imaterialidade do corpo espiritual — a ausência de substância física — é acentuada, bem como a ausência de limitação. Paulo diz, por exemplo, que, enquanto o corpo físico era fraco e feio, o corpo espiritual será forte e belo. Isso relembra um dos relatos de experiência de quase morte, no qual o corpo espiritual parecia inteiro e completo, ainda que o corpo físico estivesse à vista mutilado, e um outro, em que o corpo espiritual parecia não ter nenhuma idade, isto é, não ser limitado pelo tempo.

Platão

O filósofo Platão — que foi um dos maiores pensadores de todos os tempos, viveu em Atenas de 428 a 348 a.C. — deixou-nos um corpo de pensamentos na forma de vinte e dois diálogos ou peças filosóficas, a maioria dos quais inclui seu mestre Sócrates como principal interlocutor, e deixou também um pequeno número de cartas. Platão acreditava firmemente no uso da razão, da lógica e da argumentação para se chegar à verdade e à sabedoria, mas só até um certo ponto, pois foi também um grande visionário que sugeriu que a verdade última só pode ser alcançada em uma experiência quase mística de iluminação e intuição. Aceitava a existência de planos e dimensões da realidade além do mundo físico, sensível, e acreditava que o mundo natural só pode ser compreendido em referência a esses outros e "superiores" planos da realidade. Em consequência, interessava-se principalmente pelo componente incorpóreo, consciente, dos homens — a alma —, e encarava o corpo físico só como um veículo temporário da alma. Não é de surpreender, pois, que estivesse interessado no destino da alma depois da morte física, e muitos dos seus diálogos — especialmente *Fédon*, e *Górgias* e *A república* — tratam em parte desse assunto mesmo.

Os escritos de Platão estão repletos de descrições da morte que são precisamente como as discutidas no capítulo precedente. Por exemplo, Platão define a morte como a separação da parte incorpórea da pessoa viva, a alma, da parte física, o corpo. E, o que é mais, essa parte incorpórea do homem está sujeita a menos limitações do que a parte física. Daí Platão indicar especificamente que o tempo não é um elemento que vá além do reino físico, sensível. Os outros reinos são eternos, e, na notável frase de Platão, o que chamamos tempo não é senão o "reflexo movediço e irreal da eternidade".

Platão discute em várias passagens como a alma que foi separada do corpo pode se encontrar e conversar com os espíritos de outros e ser guiada na transição da vida física para a seguinte. Menciona como alguns podem esperar ser encontrados no momento das suas mortes por um barco que os leve através de uma quantidade de água para "a outra margem" da existência depois da morte. No *Fédon*, tanto a composição dramática como a força dos argumentos e palavras usados procuram convencer que o corpo é a prisão da alma e que, correlativamente, a morte é uma fuga ou libertação dessa prisão. Conquanto, como vimos no primeiro capítulo, Platão formule (através de Sócrates) a visão antiga da morte como um dormir ou um esquecer, só o faz para depois tentar demonstrar o contrário. De acordo com Platão, a alma vem ao corpo físico de um reino superior e divino do ser. Para ele *é o nascimento* que é o dormir e o esquecer, uma vez que a alma, ao ser nascida no corpo, vai de um estado de maior consciência para um bem menos consciente, e nesse meio tempo esquece a verdade que sabia no estado anterior fora do corpo. A morte, por implicação, é um *despertar* e um *relembrar*. Platão observa que a alma que com a morte foi separada do corpo pode pensar e raciocinar ainda mais claramente do que antes, e que pode mais facilmente reconhecer as coisas na sua verdadeira natureza. Além disso, logo depois da morte depara-se com um "juízo", em que um ser divino exhibe diante da alma todas as coisas — tanto boas quanto más — que ela fez durante a sua vida, e faz com que a alma as encare.

No livro X de *A república* ocorre o que é talvez a mais notável similaridade. Lá, Platão relata o mito de Er, um soldado grego. Er partiu para uma batalha na qual muitos gregos foram mortos, e, quando seus compatriotas foram recolher os corpos dos seus mortos de guerra, o corpo de Er estava entre eles. Jazia, ao lado de todos os outros, sobre a pira funerária para ser incinerado. Depois de algum tempo seu corpo reviveu e Er descreveu o que tinha visto em sua viagem ao reino do além. Primeiro de tudo, conta Er, sua alma saiu do seu corpo e reuniu-se a um grupo de outros espíritos, e foram a um lugar onde havia "aberturas" ou "passagens" que aparentemente conduziam da Terra para os reinos depois da morte. Aqui as outras almas foram detidas e julgadas por seres divinos, que podiam ver num relance, em uma espécie de

exibição, todas as coisas que a alma tinha feito enquanto estava na vida terrena. Er, entretanto, não foi julgado, e os seres disseram que ele deveria voltar e informar aos homens do mundo físico a respeito de como era o outro mundo. Depois de ter muitas outras visões, Er foi mandado de volta, mas disse que não sabia como tinha voltado ao seu corpo físico. Simplesmente acordou e descobriu que estava na pira funerária.

É importante ter em mente que o próprio Platão nos avisa que suas descrições de pormenores precisos do mundo em que a alma entrará depois da morte são "probabilidades, no melhor dos casos". Embora ele não tenha dúvidas quanto à sobrevivência depois da morte corporal, insiste em que tentar explicar o além enquanto estivermos ainda na vida atual apresenta duas grandes dificuldades. Em primeiro lugar, nossas almas estão aprisionadas em corpos físicos, e por isso o que podem aprender e experimentar fica limitado pelos sentidos físicos. Visão, audição, tato, paladar e olfato enganam-nos, cada um deles à sua maneira. Nossos olhos podem fazer com que um objeto enorme possa parecer pequeno se estiver longe, podemos ouvir mal o que alguém nos disse, etc. De tudo isso pode resultar sustentarmos falsas opiniões ou falsas impressões sobre a natureza das coisas. Por isso as nossas almas não podem ver a própria realidade até que sejam liberadas das distrações e inexatidões dos sentidos físicos.

Em segundo lugar, Platão diz que a linguagem humana é inadequada para expressar diretamente a realidade última. Segue-se que nenhuma palavra humana pode mais do que indicar — por analogia, através do mito, ou de outros modos indiretos — o caráter verdadeiro do que jaz além do reino físico.

O livro tibetano dos mortos

Este trabalho notável é uma compilação dos ensinamentos que os sábios do Tibete passaram de boca em boca durante muitos séculos de pré-história. Foi finalmente escrito, aparentemente, no oitavo século antes de Cristo, mas mesmo então ficava mantido em segredo e escondido de estranhos.

A forma que esse livro raro assumiu foi modelada pelos muitos usos inter-relacionados que lhe foram dados. Primeiro que tudo, os homens sábios que o escreveram encaravam morrer como uma habilidade, com efeito, como um jeito — algo que pode ser feito tanto com arte como de maneira desleigante, dependendo de se ter o conhecimento requerido para fazê-lo bem. Por isso, o livro era lido como parte da cerimônia funerária, ou aos moribundos durante os momentos finais de suas vidas. Pensava-se que poderia desempenhar duas funções. A primeira, ajudar a pessoa que estava morrendo a ter em mente a natureza de cada novo fenômeno à medida que os ia

experimentando. A segunda, ajudar os que ainda ficavam vivos a ter pensamentos positivos e a não reter o moribundo com o amor e as preocupações emocionais deles, de modo que pudesse entrar nos planos depois da morte com uma disposição adequada da mente, livre de todos os cuidados corporais.

Para realizar essas funções, o livro contém uma longa descrição dos vários estágios pelos quais passa a alma depois da morte física. A correspondência entre os primeiros estágios da morte que o livro retrata e aqueles que me foram relatados pelos que chegaram perto da morte só pode ser designada como fantástica.

Primeiro que tudo, na narração tibetana a mente ou alma separa-se do corpo. Algum tempo depois entra em uma "vertigem" e se encontra em um vácuo — não um vácuo físico, mas um que é, com efeito, sujeito aos seus próprios limites, e onde a consciência ainda existe. Pode ouvir ruídos e sons perturbadores e alarmantes, descritos como estourar, tropejar e assoviar como o vento, e comumente se encontra, bem como tudo em volta, envolvida por uma iluminação cinza e nevoenta. Surpreende-se ao se encontrar fora do corpo físico. Vê e ouve parentes e amigos velando seu corpo e preparando-o para o funeral, porém, quando tenta lhes responder, nem a ouvem nem a veem. A pessoa não compreende que está morta, e fica confusa. Pergunta a si mesma se está morta ou não, e, quando finalmente compreende que sim, procura imaginar onde ir ou o que deve fazer. Um grande pesar cai sobre ela, e fica deprimida por causa do seu estado. Por um tempo permanece perto dos lugares que lhe eram familiares enquanto estava na vida física.

Observa que ainda tem um corpo — chamado corpo "brilhante" —, que não parece ser constituído por substância material. Por isso, pode passar através de pedras, muros e mesmo montanhas, sem encontrar nenhuma resistência. Viajar é quase instantâneo. Aonde quer que deseje ir, chega lá em só um momento. Seus pensamentos e percepções são menos limitados; sua mente se torna muito lúcida e seus sentidos mais acurados e mais perfeitos e mais próximos em natureza ao divino. Se tiver sido na vida física cega, surda ou aleijada, surpreende-se ao descobrir que no seu corpo "brilhante" todos os sentidos, bem como todas as capacidades do seu corpo físico, foram restaurados e intensificados. Pode achar outros seres no mesmo tipo de corpo, e pode encontrar uma luz, clara e pura.

Os tibetanos aconselham aos moribundos que se aproximam dessa luz que tentem ter somente amor e compaixão para com os outros.

O livro descreve também a sensação de imensa paz e contentamento que o moribundo experimenta, e ainda uma espécie de "espelho" no qual toda a sua vida, todos os seus feitos, bons ou maus, são refletidos vividamente para

serem vistos tanto por ele como pelos seres que o estão julgando. Nessa situação, não pode haver distorções; mentir sobre a própria vida é impossível.

Em resumo, ainda que o *Livro tibetano dos mortos* incluía muitos estágios posteriores da morte que nenhum dos meus pacientes foi tão longe para experimentar, é mesmo óbvio que há uma similaridade extraordinária entre o relato desse velho manuscrito e os eventos que me foram narrados por americanos do século XX.

Emanuel Swedenborg

Swedenborg, que viveu de 1688 até 1772, nasceu em Estocolmo. Foi muito conhecido nos seus dias, e deixou contribuições respeitáveis em vários campos das ciências naturais. Seus escritos, no começo orientados para a anatomia, fisiologia e psicologia, receberam grande reconhecimento. Mais tarde, porém, passou por uma crise religiosa e começou a contar experiências durante as quais pretendia ter estado em comunicação com entidades espirituais do além.

Seus trabalhos posteriores são férteis em descrições da vida depois da morte. Mais uma vez, a correlação entre o que ele escreve de suas experiências espirituais e o que relatam os que voltaram da experiência de quase morte é espantosa. Por exemplo, Swedenborg descreve o que acontece quando cessam as funções corporais de respiração e circulação:

"O homem não morre ainda, mas só fica separado da parte corporal que lhe foi útil no mundo (...) o homem, quando morre, apenas passa de um mundo para outro".

Declara que ele próprio passou pelos primeiros eventos da morte, e que teve experiências fora do seu corpo.

"Fui levado a um estado de insensibilidade quanto aos sentidos corporais, quase a um estado de morte; porém, a vida interior com o pensamento permaneceu íntegra, e com isso percebi e retive na memória as coisas que ocorreram aos que são ressuscitados dos mortos. (...) Especialmente me foi dado perceber (...) que havia um puxar e (...) tirar (...) da mente, ou do meu espírito, para fora do corpo."

Durante essa experiência, encontra seres que identifica como "anjos". Perguntam-lhe se efetivamente está preparado para morrer.

"Esses anjos inquiriram primeiro qual era o meu pensamento, se era como o pensamento dos que morrem, que é geralmente sobre a vida eterna; e desejavam que eu mantivesse a mente neste pensamento."

Entretanto, a comunicação que tem lugar entre Swedenborg e os espíritos não é da espécie terrena, humana. É, em vez disso, quase uma

transferência direta de pensamento. Por isso, não há possibilidade de enganos:

"Pois espíritos conversam uns com os outros em uma linguagem universal. (...) Cada homem, imediatamente depois da morte, chega a essa linguagem universal (...) que é própria do seu espírito. (...)

"A fala de um anjo ou de um espírito com o homem é escutada tão sonoramente quanto a fala de um homem com outros; porém, não é ouvida pelos outros que estão próximos, mas só por ele; a razão é que a fala do anjo ou espírito flui primeiro para o pensamento do homem. (...)"

O recém-morto não percebe que está morto, pois ainda está em um "corpo" que se assemelha ao corpo físico sob vários aspectos.

"O primeiro estado do homem depois da morte é semelhante ao seu estado no mundo, pois na ocasião é como se ele ainda estivesse em exterioridades. (...) Por isso, não tem meio de saber que já não está no mundo. (...) Daí, depois de ter ponderado que ainda está em um corpo, e em todos os sentidos como tinha no mundo (...) chega ao desejo de saber como são céu e inferno."

O estado espiritual, porém, é menos limitado. A percepção, o pensamento e a memória são mais perfeitos, e tempo e espaço não constituem mais os obstáculos que foram na vida física.

"Todas as faculdades dos espíritos ficam em um estado mais perfeito, tanto as sensações como os pensamentos e percepções."

O moribundo pode encontrar outros espíritos falecidos que conheceu enquanto em vida. Lá estão para ajudá-lo durante sua passagem para o além.

"O espírito do homem que partiu recentemente ao mundo é (...) reconhecido por seus amigos, e por aqueles que conheceu no mundo (...) são instruídos por seus amigos no que diz respeito ao estado da vida eterna. (...)"

Sua vida anterior lhe é mostrada em uma visão, lembra todos os detalhes dela, e não há possibilidade de mentir nem de esconder nada.

"A memória interior (...) é tal que nela estão inscritas todas as coisas particulares (...) que o homem em qualquer tempo pensou, falou ou fez (...) desde a primeira infância até a extrema velhice. O homem tem consigo a memória de todas essas coisas quando chega a outra vida, e é sucessivamente trazido à recordação delas. (...) Tudo o que falou e fez (...) torna-se manifesto diante dos anjos, em uma luz clara como o dia (...) e nada foi escondido no mundo que não fique manifesto depois da morte (...) como que visto em efígie, quando o espírito é examinado na luz do céu."

Swedenborg descreve também a "luz do Senhor" que permeia o além, uma luz de brancura inefável que ele próprio viu de relance. É uma luz de verdade e compreensão.

Assim, mais uma vez, nos escritos de Swedenborg, como antes na Bíblia, nas obras de Platão e no *Livro tibetano dos mortos*, achamos notáveis

paralelos aos eventos das experiências de quase morte contemporâneas. Coloca-se naturalmente, porém, a questão de se esse paralelismo é realmente tão surpreendente. Alguém pode sugerir, por exemplo, que os autores desses vários trabalhos podem ter influenciado uns aos outros. Essa suposição pode ser confirmada em alguns casos, mas não em outros. Platão admite que derivou algumas de suas intuições em parte do misticismo do Oriente, e pode ter sido influenciado pela mesma tradição que produziu o *Livro tibetano dos mortos*. As ideias da filosofia grega, por seu turno, influenciaram alguns dos escritores do Novo Testamento, e assim se poderia dizer que a discussão de Paulo sobre o corpo espiritual poderia ter suas raízes em Platão.

De outro lado, na maioria dos casos não é fácil estabelecer que tenham ocorrido essas influências. Cada autor parece acrescentar um novo detalhe interessante, que também ocorre nas minhas entrevistas, e que no entanto não poderia ter obtido de autores anteriores. Swedenborg lia a Bíblia e estava familiarizado com os escritos de Platão. Entretanto, alude várias vezes ao fato de que alguém que acaba de morrer não percebe que está morto durante algum tempo. Esse fato, que aparece repetidamente nas narrativas daqueles que estiveram muito próximo da morte, não está aparentemente mencionado nem na Bíblia nem em Platão. E, no entanto, é fato salientado no *Livro tibetano dos mortos*, obra que Swedenborg não poderia ter lido. Com efeito, não foi traduzida senão em 1927.

Será possível que as experiências de quase morte tenham sido influenciadas por obras tais como as que acabei de discutir? Todas as pessoas com quem conversei tinham tido algum contato com a Bíblia antes de suas experiências de quase morte, e duas ou três sabiam algo sobre as ideias de Platão. De outro lado, nenhuma sabia da existência de livros esotéricos como os de Swedenborg ou o *Livro tibetano dos mortos*. Entretanto, muitos detalhes que não aparecem nem na Bíblia nem em Platão aparecem continuamente nos relatos que coletei, e esses detalhes correspondem exatamente a fenômenos e eventos mencionados nas fontes raras.

É preciso admitir que a existência de semelhanças e paralelos entre os escritos de pensadores antigos e os relatos de americanos modernos que sobreviveram a experiências de quase morte permanece um fato notável e, até agora, definitivamente inexplicável. Como é que, poderíamos perguntar a nós mesmos, pode haver tal concordância entre a sabedoria dos antigos tibetanos, a teologia e as visões de Paulo, as estranhas intuições e mitos de Platão, e as revelações de Swedenborg, tanto entre si como com as narrativas de indivíduos contemporâneos, que estiveram mais próximos do que ninguém vivo do estado de morte?

IV

Perguntas

A esta altura, muitas dúvidas e objeções terão ocorrido ao leitor. Durante os anos em que tenho feito palestras, tanto em particular como em público, sobre o assunto, muitas perguntas me têm sido feitas. Em geral, a tendência é aparecerem perguntas sobre as mesmas coisas na maioria das ocasiões, e por isso foi possível elaborar uma lista das perguntas que me foram feitas com mais frequência.

Neste capítulo e no seguinte pretendo me ocupar delas.

Você não está inventando isso tudo?

Não. Não estou. Quero muito seguir carreira ensinando psiquiatria e filosofia da medicina, e tentar perpetrar uma fraude dificilmente me ajudaria nesse objetivo. Além disso, a minha experiência indica que quem quer que seja que faça um inquérito diligente e com simpatia entre suas próprias relações, amizades e parentes sobre a ocorrência de tais experiências terá logo as suas dúvidas dissolvidas.

Mas você não está sendo exagerado? Afinal, essas experiências são mesmo comuns?

Sou o primeiro a admitir que, devido à natureza necessariamente limitada da minha amostra de casos, não posso dar uma estimativa numericamente significativa da incidência ou prevalência do fenômeno. Entretanto, estou disposto a dizer o seguinte: a ocorrência dessas experiências é bem mais comum do que quem não as tenha estudado pode supor. Fiz muitas conferências públicas sobre o assunto, para grupos de diversos tipos e tamanhos, e não houve nunca ocasião em que não surgisse alguém depois com um caso pessoal, e mesmo, em certas ocasiões, o narrasse publicamente.

Naturalmente, sempre se pode dizer (com certeza!) que alguém com uma experiência assim viria, com toda a probabilidade, a uma conferência sobre o assunto. Não obstante, em muitos dos casos que encontrei, a pessoa em questão não veio à conferência por causa do assunto. Por exemplo, recentemente me dirigi a um grupo de trinta pessoas. Duas delas tinham

passado por experiências de quase morte, e ambas estavam lá só porque pertenciam ao grupo. Nenhuma das duas sabia com antecedência qual era o assunto.

Se as experiências de quase morte são tão comuns como diz você, por que é que o fato não é mais conhecido?

Parece que há várias razões pelas quais isso acontece. A primeira, e principal, é o fato de que o caráter do nosso tempo é, em geral, decididamente contra a discussão da possibilidade de sobrevivência depois da morte corporal. Vivemos em uma época na qual a ciência e a tecnologia deram passos enormes na compreensão e conquista da natureza. Falar de vida depois da morte parece um anacronismo para muitos, que talvez achem que a ideia pertence mais ao nosso passado "supersticioso" do que ao nosso presente "científico". Em consequência, pessoas que passam por experiências que estão fora do reino da ciência, tal como o entendemos agora, são ridicularizadas. Sabendo dessas atitudes, as pessoas que têm experiências transcendentais são naturalmente relutantes, em geral, em narrá-las de maneira muito aberta. Com efeito, estou convencido de que há uma enorme massa de material escondido nas mentes das pessoas que têm tais experiências, mas que, de medo de serem consideradas "malucas" ou "demasiado imaginativas", nunca as contaram a mais do que um ou dois amigos ou parentes chegados.

Além disso, a obscuridade pública geral sobre a questão dos encontros quase morte parece derivar em parte de um fenômeno psicológico comum envolvendo atenção. Muito do que se ouve ou vê todos os dias passa despercebido pelas nossas mentes conscientes. Se a nossa atenção for atraída para alguma coisa de maneira dramática, então a partir daí passamos a notá-la. Muitas pessoas já tiveram a experiência de aprender o significado de uma nova palavra e depois vê-la em tudo o que apanham para ler durante alguns dias. A explicação não é que a palavra tenha acabado de pegar na linguagem e esteja aparecendo em toda parte. Ao contrário, é que a palavra sempre estava nas coisas que as pessoas liam, mas, não conhecendo o significado, elas em geral passavam por cima dela sem ter consciência disso.

A mesma coisa aconteceu em uma conferência que fiz recentemente. Quando me dispus a responder a perguntas do auditório, um médico que fez a primeira pergunta disse: "Faz muito tempo que estou praticando medicina. Se essas experiências são tão comuns como o senhor diz, por que nunca ouvi falar delas?" Sabendo que haveria provavelmente alguém que já tivesse encontrado um ou dois casos, devolvi a pergunta à audiência. Perguntei: "Alguém aqui já ouviu alguma coisa como o que contei?" Nesse momento a esposa do médico levantou a mão e contou a história de um amigo íntimo do casal.

Para dar outro exemplo, um médico que eu conheço tomou conhecimento de experiências desse tipo lendo um velho artigo de jornal a respeito de uma conferência que fiz. No dia seguinte, um paciente lhe fez, por iniciativa própria, um relato de uma experiência muito semelhante. O médico tomou o cuidado de verificar que o paciente não poderia ter ouvido falar nem lido acerca dos meus estudos. Com efeito, o paciente só tinha resolvido revelar sua história porque estava confuso e algo alarmado pelo que tinha acontecido e estava querendo ouvir uma opinião médica. Pode bem ter acontecido que em ambos os casos os médicos tenham até escutado alguma coisa antes, mas, pensando que se tratasse de curiosidades individuais em vez de fenômeno muito difundido, não tenham prestado atenção a ela.

Finalmente, há um fator adicional, no caso de médicos, que pode ajudar a explicar por que tantos deles parecem desatentos para o fenômeno de quase morte, quando se poderia esperar que os médicos, de todas as pessoas, fossem as que mais deveriam tê-lo encontrado. No decorrer de sua formação, constantemente é inculcado na cabeça do futuro médico que deve desconfiar do que o paciente diz a respeito de como se sente. Ensina-se ao doutor a prestar muita atenção nos "sinais" objetivos do processo da doença, mas a tomar os relatos subjetivos ("sintomas") do paciente com *grano salis*. É muito razoável que assim seja, porque pode-se tratar mais facilmente do que é objetivo. Essa atitude, entretanto, tem também o efeito de esconder as experiências de quase morte, pois são muito poucos os médicos que têm o hábito de perguntar sobre os sentimentos e percepções dos pacientes que ressuscitam da morte clínica. É por causa disso que eu acho que os médicos — que em teoria deveriam ser o grupo com maior probabilidade de descobrir experiências de quase morte — de fato não têm maior probabilidade de ouvir experiências de quase morte do que outras pessoas.

Você percebeu alguma diferença entre homem e mulher em relação a este fenômeno?

Parece não haver nenhuma diferença no conteúdo ou no tipo de experiências relatadas por homens e mulheres. Já encontrei tanto homens como mulheres que descreveram cada um dos aspectos comuns dos encontros quase morte que foram discutidos, e não há nenhum elemento que pese mais ou menos no relato de mulheres em comparação com o de homens.

Apesar disso, há diferenças entre pacientes femininos e masculinos. No geral, os homens que tiveram experiências de quase morte são muito mais relutantes em falar nelas do que as mulheres. Bem mais homens do que mulheres me falaram rapidamente de suas experiências, e depois deixaram de responder às minhas cartas ou telefonemas quando tentei obter uma entrevista

mais detalhada.

Bem mais homens do que mulheres fizeram observações tais como "tentei esquecer", "tentei fazer como se nada tivesse acontecido", frequentemente aludindo ao medo do ridículo ou sugerindo que as emoções da experiência tinham sido demasiado perturbadoras para que estivessem dispostos a relembra-las.

Embora não possa oferecer nenhuma explicação sobre por que isso acontece, aparentemente não estou sozinho em tê-lo notado. O Dr. Russell Moores, conhecido pesquisador em parapsicologia, me disse que ele e outros observaram a mesma coisa. A proporção entre homens e mulheres que o procuram para relatar experiências parapsicológicas é de um para três.

Outro fato interessante é que um número algo maior do que seria de se esperar ocorre durante a gravidez. Mais uma vez, não sei dizer por que isso acontece. Talvez seja só porque a própria gravidez é em si mesma um estado fisiológico comportando mais riscos, suscetível de muitas complicações médicas em potencial. Associado ao fato de que só as mulheres ficam grávidas, e de que as mulheres são menos reticentes ao falar do que os homens, isso pode ajudar a explicar a frequência das experiências que ocorrem durante a gravidez.

Como é que você sabe que toda s essas pessoas não estão mentindo?

É bastante fácil para as pessoas que não ouviram nem observaram quando outras relataram suas experiências de quase morte entreter intelectualmente a hipótese de que essas histórias são mentiras. Encontro-me, porém, em uma posição única. Testemunhei adultos maduros, emocionalmente estáveis — tanto homens como mulheres —, perdendo a compostura e chorando enquanto me contavam eventos que tinham acontecido até três décadas antes. Percebi nas suas vozes sinceridade, calor e sentimento que não podem ser facilmente transmitidos em uma narrativa escrita, por isso, para mim, de um modo que é infelizmente impossível que muitos outros partilhem, aceitar a noção de que esses relatos possam ser invenções é completamente inadmissível. Em acréscimo ao peso que a minha opinião possa ter, há algumas fortes considerações que deveriam ser decisivas contra a hipótese da invenção. A mais óbvia é a dificuldade em explicar a semelhança de tantos relatos. Como é que acontece que tantas pessoas contem a mesma mentira durante oito anos? Teoricamente, a conspiração é uma possibilidade que não pode ser eliminada. É certamente possível conceber que uma simpática velhinha da parte ocidental da Carolina do Norte, um estudante de medicina de Nova Jersey, um veterinário da Geórgia e muitos outros tenham se reunido vários anos atrás e conspirado para elaborar esta fraude contra mim. Não considero, entretanto, que isso seja algo muito provável.

Se não estão mentindo abertamente, talvez estejam distorcendo os fatos de maneira mais sutil. Não é possível que com o passar dos anos tenham elaborado suas histórias?

Esta pergunta alude ao fenômeno psicológico muito conhecido no qual uma pessoa pode começar com o relato bastante simples de uma experiência ou de um caso e depois de um certo período de tempo desenvolvê-lo em uma narrativa trabalhada. Em cada relato adiciona um pormenor sutil, e o próprio narrador acaba por acreditar, ele próprio, no que diz, até que no fim a história fica tão aumentada que quase não tem semelhança com o original.

Não creio que esse mecanismo tenha operado em grau significativo nos casos que estudei. Em primeiro lugar, o relato das pessoas que cheguei a entrevistar logo depois de suas experiências — em alguns casos, quando ainda estavam no hospital em convalescença — são do mesmo tipo que o das pessoas que lembraram experiências ocorridas há décadas. Além disso, em uns poucos casos, pessoas que entrevistei fizeram por escrito descrições de suas experiências logo depois que tinham acontecido, e leram para mim essas notas durante a entrevista. Mais uma vez, essas descrições eram do mesmo tipo que as experiências que foram contadas de memória depois do lapso de anos. Há também o fato de que com frequência fui só a primeira ou segunda pessoa a quem a experiência foi relatada, e ainda assim com grande relutância, mesmo nos casos em que a experiência tinha acontecido anos antes. Embora tenha havido pouca ou nenhuma oportunidade de elaboração nesses casos, esses relatos, mais uma vez, não são, enquanto grupo, diferentes dos relatos que foram repetidos mais vezes durante um período de anos. Finalmente, é bem possível que, em muitos casos, o oposto de uma elaboração tenha ocorrido. O que os psiquiatras chamam "supressão" é o mecanismo mental pelo qual é feito um esforço consciente para controlar ou eliminar memórias, sentimentos ou pensamentos indesejáveis. Em numerosas ocasiões, no decorrer de entrevistas, pessoas fizeram observações que são fortemente indicativas de que tenha havido supressão. Por exemplo, uma mulher me contou uma experiência muito elaborada que ocorreu durante sua "morte". Disse: "Sinto que há mais do que eu contei, mas não consigo de modo algum lembrar. Tentei suprimir isso da memória porque eu sabia que de qualquer modo as pessoas não iriam me acreditar". Um homem que sofreu uma parada cardíaca durante uma operação por causa dos graves ferimentos que recebeu no Vietnã contou sua dificuldade em tratar emocionalmente suas experiências fora do corpo. "Eu me engasgo ainda hoje só de tentar falar sobre isso... Acho que há muito que não lembro. Tentei esquecer". Em resumo, parece que se pode argumentar com bastante certeza que a tendência a aumentar histórias não foi um fator significativo nesses casos.

Essas pessoas professavam alguma religião antes de suas experiências? Se assim for, não foram suas experiências moldadas pelas suas crenças e passado religiosos?

De algum modo parecem ser. Como dito antes, embora a descrição do ser de luz seja invariável, a identidade que lhe é atribuída varia, aparentemente, em função do passado religioso individual. Durante a minha pesquisa, entretanto, não ouvi uma só referência ao céu ou ao inferno, nem a nada que se assemelhe ao quadro costumeiro com que somos postos em contato em nossa sociedade. Na verdade, muitas pessoas acentuaram o quanto suas experiências foram dessemelhantes ao que tinham sido levadas a esperar no decurso de sua instrução religiosa. Uma mulher que "morreu" relata: "Sempre ouvi dizer que quando se morre a gente vê o céu e o inferno, mas não vi nenhum dos dois".

Outra senhora que teve uma experiência fora do corpo depois de graves ferimentos diz: "A coisa estranha foi que sempre me ensinaram, na minha educação religiosa, que no minuto em que a gente morre se encontra nos portões celestes. Mas lá estava eu planando sobre meu próprio corpo físico, e isso era tudo!" Além disso, em alguns casos os relatos vieram de pessoas sem qualquer crença ou educação religiosa anterior, e as descrições que fazem não diferem em conteúdo das de outras pessoas que tinham fortes convicções religiosas. Em outros poucos casos, pessoas que tinham tido contato com doutrinas religiosas, mas que as tinham rejeitado, adquiriram sentimentos religiosos de uma profundidade nova depois da experiência. Outros dizem que, embora tenham lido escritos religiosos, tais como a Bíblia, nunca realmente entenderam certas coisas que tinham lido até a experiência de quase morte.

Qual a relação, se há alguma, entre as experiências estudadas e a possibilidade de reencarnação?

Nenhum dos casos que examinei é de alguma forma indicativo de que ocorra reencarnação. Entretanto, é importante ter em mente que nenhum deles elimina a possibilidade de reencarnação. Se a reencarnação ocorre, parece provável que exista um interlúdio em algum outro reino entre o tempo de separação do velho corpo e o de entrada no novo. De qualquer modo, se é assim, a técnica de entrevistar as pessoas que voltaram da proximidade da morte não seria o melhor modo de estudar a reencarnação.

Outros métodos podem e têm sido experimentados no estudo da reencarnação. Por exemplo, alguns têm tentado a técnica de "regressão até uma idade longínqua". O sujeito é hipnotizado e lhe é feita a sugestão de que ele recue ou volte mentalmente a etapas sucessivamente anteriores de sua vida. Quando ele alcança o tempo das mais antigas lembranças que consegue ter, diz-se a ele que tente voltar ainda mais longe! Nesse ponto muitas pessoas

começam a contar histórias complexas sobre vidas anteriores em tempos atrás e lugares distantes. Em alguns casos essas histórias podem ser verificadas com notável exatidão. Isso tem acontecido mesmo quando pode ser assegurado que o paciente não poderia ter sabido de nenhuma maneira normal sobre os eventos, pessoas e lugares que descreve com tanta exatidão. O caso de Bridey Murphy é o mais famoso, mas há muitos outros, alguns ainda mais impressionantes e mais bem documentados, que não são tão amplamente conhecidos. Aos leitores que desejem continuar a obter informações sobre essa questão, o excelente estudo do Dr. Ian Stevenson, *Vinte casos que sugerem reencarnação*, é indicado. Vale também a pena notar que o *Livro tibetano dos mortos*, que tão acuradamente relata os estágios correspondentes aos encontros quase morte, diz que a reencarnação ocorre efetivamente depois de um ponto posterior, depois dos eventos que foram relatados pelos meus entrevistados.

Você conhece casos de outras culturas?

Não. Não conheço. Com efeito, uma das muitas razões pelas quais digo que o meu estudo não é "científico" é que o grupo de indivíduos que entrevistei não é um grupo randômico de seres humanos. Gostaria muito de ouvir acerca de experiências de quase morte ocorridas com esquimós, índios *kwakiult*, navajos, africanos *watusi*, etc. Entretanto, devido a limitações geográficas e outras, não tive ocasião de localizar nenhum deles.

Existem exemplos históricos do fenômeno quase morte?

Tanto quanto sei, não há nenhum. Porém, como estive totalmente ocupado com casos contemporâneos, simplesmente não tive tempo de pesquisar adequadamente a questão. Por isso não me surpreenderia encontrar relatos assim que tenham sido feitos no passado. De outro lado, suspeito muito que experiências de quase morte tenham sido enormemente mais comuns nas últimas décadas do que em períodos anteriores. A razão para isso é simplesmente que só em tempos muito recentes passou a existir uma tecnologia avançada de ressurreição. Muitas das pessoas que têm sido trazidas de volta na nossa era não teriam sobrevivido anos antes. As injeções de adrenalina no coração, o coração artificial e o pulmão artificial são exemplos desses progressos médicos.

Você investigou a história clínica dessas pessoas?

Tanto quanto possível, investiguei. Nos casos em que fui convidado a pesquisar, os registros médicos confirmavam as afirmações das pessoas em questão. Em alguns casos, devido à passagem do tempo e/ou morte das pessoas

que fizeram a ressurreição, não havia registros disponíveis. Os relatos para os quais não há registros confirmadores não são diferentes dos casos em que há registros disponíveis. Em muitos casos, em que não pude obter as fichas médicas, procurei o testemunho de outras pessoas — amigos, médicos e parentes do informante — para confirmar a ocorrência do evento quase morte.

Ouvi dizer que depois de cinco minutos é impossível a ressurreição, e no entanto você diz que alguns dos seus casos estiveram "mortos" até por vinte minutos. Como isso é possível?

A maioria dos números e quantidades que se ouve citar na prática médica são médias que não devem ser tomadas como números absolutos. O número "cinco minutos" que se ouve dizer com tanta frequência é uma média. É uma regra clínica prática não tentar a ressurreição depois de cinco minutos, porque, na maioria dos casos, depois desse tempo pode ter ocorrido uma lesão cerebral devido à falta de oxigênio. Entretanto, como é apenas uma média, é de se esperar que os casos individuais caiam dos dois lados. Já encontrei mesmo casos em que a ressurreição ocorreu depois de vinte minutos sem que houvesse evidência de lesão cerebral.

Essas pessoas estavam mortas mesmo?

Uma das principais razões pelas quais esta pergunta é tão difícil de responder e confunde tanto é em parte o problema semântico implicado no significado da palavra "morte". Como a recente controvérsia que a questão do transplante de órgãos provocou revela, a definição de "morte" não é uma questão de modo algum resolvida, mesmo entre os profissionais no campo da medicina.

Critérios de "morte" variam não só entre leigos e médicos, mas também de médico para médico e de hospital para hospital. Assim, a resposta a essa pergunta depende do que se quer significar com a palavra "morte". Cabe examinar, uma a uma, três definições, e pode ser proveitoso comentá-las aqui.

1. "Morte" como ausência de sinais vitais clinicamente detectáveis. Alguns estarão dispostos a dizer que uma pessoa está "morta" se seu coração parar de bater, se ela parar de respirar por um longo período de tempo, se sua pressão sanguínea cair tão baixo que não possa mais ser medida, se suas pupilas se dilatarem, se a temperatura do corpo cair, etc. Essa é a definição clínica, e tem sido empregada há séculos tanto por leigos como por médicos. Com efeito, a maioria das pessoas que foram declaradas mortas foram assim consideradas na base desse critério.

Não há nenhuma dúvida de que esse padrão clínico foi encontrado em muitos casos que estudei. Tanto o testemunho dos médicos como a prova dos

registros médicos confirmam adequadamente o argumento de que ocorreram "mortes" neste sentido.

2. "Morte" como ausência de atividade de ondas cerebrais. O avanço da tecnologia acarretou o desenvolvimento de técnicas mais sensíveis para detectar processos biológicos, mesmo aqueles que não podem ser observados a olho nu. O eletrencefalógrafo (EEG) é um aparelho que amplia e registra os minúsculos potenciais elétricos do cérebro. Recentemente, a tendência dominante tem sido basear a verificação de morte "real" na ausência de atividade elétrica no cérebro, como é determinada pela presença de traços "retos" no EEG.

Obviamente, em todos os casos de ressurreição com que tratei, havia uma grave emergência clínica. Não havia tempo de instalar um EEG; Os clínicos estavam corretamente preocupados só com trazer o paciente de volta. Por isso alguns podem dizer que nenhuma dessas pessoas pode ser considerada como tendo estado "morta".

Suponha por um momento, entretanto, que tivessem sido obtidas leituras de EEG "retos" em uma grande porcentagem de pessoas que se supunha mortas e que foram então ressuscitadas. Acrescentaria este fato muita coisa? Penso que não, por três razões. Primeira: as tentativas de ressurreição são sempre emergências que duram no mais tardar cerca de trinta minutos. Instalar um aparelho de EEG é um trabalho técnico bem complicado, e é comum que um técnico bastante experiente tenha de trabalhar algum tempo até obter leituras corretas, mesmo em condições ótimas. Em, uma emergência, com toda a confusão que a acompanha, haveria provavelmente uma probabilidade aumentada de enganos. Por isso, mesmo que se pudesse apresentar um EEG de traços retos de uma pessoa que relata uma experiência de quase morta, ainda seria possível a um crítico dizer — com justiça — que a leitura poderia não ter sido correta. Segunda: mesmo esse maravilhoso aparelho não permite, corretamente instalado e ajustado, determinar infalivelmente se é possível a ressurreição em um dado caso. Traços retos de EEG foram obtidos de pessoas que a seguir foram ressuscitadas. Doses excessivas de drogas que deprimem o sistema nervoso central, bem como a hipotermia (baixa da temperatura do corpo), podem ambas ter como resultado esse fenômeno. Terceira: mesmo que eu obtivesse um caso em que pudesse ser comprovado que o aparelho estava corretamente instalado e aferido, ainda assim haveria problemas. Alguém poderia dizer que não há nenhuma prova de que a experiência de quase morte relatada tenha ocorrido durante o período em que os traços do EEG eram retos, mas talvez antes ou depois. Concluo, pois, que o EEG não é de muita valia no estágio atual das investigações.

3. "Morte" como uma perda irreversível das funções vitais. Outros adotarão

uma definição ainda mais rigorosa, mantendo que não se pode dizer que uma pessoa tenha jamais estado "morta", não importa por quanto tempo os sinais vitais tenham estado ausentes, nem por quanto tempo seu EEG esteve reto, se foi subsequentemente ressuscitada. Em outras palavras, a "morte" é definida como o estado do corpo do qual é impossível voltar à vida. É óbvio que, por essa definição, nenhum dos meus casos seria incluído, pois todos eles supõem a ressurreição.

Vimos, pois, que a resposta a esta pergunta depende do que se quer dizer com "morte". É preciso lembrar que embora isso seja em parte uma questão de semântica, é não obstante uma questão importante, porque todas as três definições incorporam discriminações importantes. Com efeito, eu tendo a concordar em grande parte com a terceira e mais rigorosa definição. Mesmo nos casos em que o coração deixou de bater por longos períodos, os tecidos do corpo, particularmente o cérebro, devem ter de algum modo sido supridos de oxigênio e nutrientes. Não é necessário pressupor que em qualquer desses casos tenha sido violada alguma lei da biologia ou da fisiologia. Para que a ressurreição fosse possível, pelo menos um certo grau mínimo residual de atividade biológica deveria estar ocorrendo nas células do corpo, ainda que os sinais dessa atividade não pudessem ser clinicamente percebidos pelos métodos empregados. Entretanto, parece que é impossível atualmente determinar exatamente o ponto a qual não se volta. Pode ser que existam variações individuais, e que não seja exatamente um ponto, mas a amplitude mutável de um contínuo. Com efeito, há umas poucas décadas a maioria das pessoas com quem conversei não poderia ter sido trazida de volta. No futuro, poderão se tornar disponíveis técnicas que nos permitirão reviver pessoas que hoje não podem ser salvas.

Seja-nos, pois, permitido formular a hipótese de que a morte é a separação da mente e do corpo, e que a mente, neste ponto, passe a outros reinos da existência. Seguir-se-á que existe algum mecanismo pelo qual a alma ou a mente seja libertada, quando da morte. Não há nenhuma base para supor, então, que esse mecanismo trabalhe exatamente de acordo com o que nestes nossos tempos tomamos, algo arbitrariamente, como o ponto do qual não há volta. Nem será preciso pressupor que trabalhe perfeitamente em todos os casos mais do que temos de pressupor que qualquer sistema corporal trabalhe sempre perfeitamente. Talvez esse mecanismo possa algumas vezes começar a funcionar até antes da crise fisiológica, permitindo a algumas pessoas relances de outras realidades. Isso ajudaria a explicar os relatos de pessoas que tiveram uma recapitulação de suas vidas, experiências fora do corpo, etc., quando tinham certeza de que iam morrer, antes mesmo que ocorresse qualquer injúria.

Tudo o que, no fim das contas, quero afirmar é o seguinte: qualquer que seja o ponto em que se diz ser a morte irreversível — quer no passado, presente ou futuro —, aqueles com quem falei estiveram mais perto dela do que a vasta maioria dos outros seres humanos. Só por essa razão, eu estaria disposto a ouvir o que eles têm a dizer.

Em última análise, é, pois, sem sentido especular sobre definições exatas da "morte" — irreversível ou não — no contexto desta discussão. O que as pessoas que levantam essas objeções à experiência de quase morte têm em mente é alguma coisa de mais fundamental. Raciocinam que, enquanto houver possibilidade de que haja qualquer atividade biológica residual no corpo, então é essa atividade que deve ter causado, e por isso explica, a experiência.

Bem, concordei antes que deve ter havido alguma função biológica residual em todos os casos. Assim, a questão de saber se ocorreu efetivamente uma morte "real" fica reduzida ao problema mais elementar de qual a função biológica que pode explicar a ocorrência dessas "experiências". Em outras palavras: *Não são possíveis outras explicações (além da sobrevivência à morte do corpo)?*

Esse é o assunto do próximo capítulo.

V

Explicações

Existem, naturalmente, outras "explicações" para o fenômeno de quase morte. Com efeito, de um ponto de vista puramente filosófico, uma infinidade de hipóteses pode ser construída para explicar qualquer experiência, observação ou fato. Em outras palavras, é sempre possível continuar a elaborar sempre novas explicações teoricamente possíveis para qualquer coisa que se deseje explicar. Acontece o mesmo no caso das experiências de quase morte; ocorrem todos os tipos de explicações possíveis.

Dos muitos tipos de explicação que podem ser teoricamente propostos, há alguns que têm sido frequentemente sugeridos pelos auditórios a que me dirigi. Em consequência, tratarei agora dessas explicações mais comuns, e de uma outra que, embora não me tenha sido nunca proposta, bem poderia ter sido. Dividi essas explicações mais ou menos arbitrariamente em três tipos: sobrenaturais, naturais (científicas) e psicológicas.

Explicações sobrenaturais

Ocasionalmente, alguém em um dos meus auditórios propôs explicações demoníacas para as experiências de quase morte. Como resposta a tais explicações, só posso dizer isto: me parece que a melhor maneira de distinguir entre experiências inspiradas por Deus e experiências inspiradas pelo Diabo seria observar o que a pessoa implicada faz e diz depois de sua experiência. Deus, suponho, tentará obter, daqueles a quem aparece, que sejam capazes de amor e perdão. O Diabo, presumivelmente, dirá a seus servidores que sigam uma trajetória de ódio e destruição. As pessoas com que tratei, manifestamente, voltaram com uma renovada decisão de seguir o primeiro caminho e desaconselhar o segundo.

Explicações naturais (científicas)

1. A explicação farmacológica

Alguns sugerem que as experiências de quase morte são causadas pelas

drogas terapêuticas administradas à pessoa no momento de sua crise. A plausibilidade superficial dessa opinião advém de vários fatos. Por exemplo, a maioria dos cientistas — tanto médicos como leigos — geralmente concorda em que certas drogas causam experiências e estados mentais ilusórios e alucinatórios. Além disso, estamos agora passando por uma era em que há um grande interesse pelo problema do abuso de drogas, e muito da atenção pública se focaliza no uso ilícito de drogas tais como LSD, maconha, etc., que parecem com efeito causar tais episódios alucinatórios.

Finalmente, há o fato de que mesmo muitas drogas medicamente aceitas estão associadas com vários efeitos sobre a mente que podem ser parecidos com os eventos da experiência de morrer. Por exemplo, a droga ketamina (ou cicloexanoma) é um anestésico intravenoso com efeitos colaterais que são semelhantes em alguns aspectos com as experiências fora do corpo. É classificado como um anestésico "dissociativo", porque durante a indução o paciente pode se tornar insensível não só à dor mas também ao ambiente como um todo. Sente-se "dissociado" de seu ambiente, inclusive de partes de seu próprio corpo — suas pernas, braços, etc. Algum tempo depois da recuperação, pode ainda sofrer perturbações psicológicas, inclusive alucinações e sonhos extremamente vívidos. (Observar que algumas pessoas usaram esta mesma palavra — "dissociação" — para caracterizar suas sensações enquanto no estado fora do corpo.)

Além disso, eu próprio coletei alguns relatos de pessoas que, enquanto anestesiadas, tiveram o que identificaram claramente como visões da morte de tipo alucinatório. Deixem-me dar um exemplo.

"Aconteceu há algum tempo, no começo da minha adolescência. Fui ao consultório do dentista para fazer uma obturação e fui anestesiada com gás. Eu estava com medo de inspirar porque achava que não ia acordar. Quando a anestesia começou a fazer efeito, senti que estava dando voltas em uma espiral. Não era como se eu estivesse girando, mas como se a cadeira do dentista estivesse subindo em espiral, cada vez mais alto.

"Tudo estava muito claro e brilhante e, quando cheguei no topo da espiral, anjos desceram para me encontrar e me levar para o céu. Uso o plural, 'anjos', porque, ainda que tudo tenha sido um tanto vago, tenho certeza de que havia mais de um. Mas não sei dizer quantos.

"Em dado momento o dentista e a enfermeira estavam conversando sobre uma terceira pessoa, e eu escutava, mas quando eles acabavam uma frase eu já não lembrava como tinha começado. Mas sabia que eles estavam falando, pois as palavras ficavam ecoando em volta. Era um eco que parecia ir se afastando, cada vez mais longe, como nas montanhas. Lembro mesmo que eu parecia estar por cima, porque sentia que estava bem alto, indo para o céu.

"Isto é tudo que lembro, exceto que não tinha medo, nem fiquei em pânico ao pensar que estava morrendo. Fiquei muito surpresa depois, com o fato de que pensar na morte não me tivesse perturbado, mas finalmente compreendi

que no meu estado de anestesiada nada me incomodava. Foi tudo até que bem feliz, pois estou certa de que o gás me deixou completamente despreocupada. Ponho a culpa no gás. Foi uma coisa muito vaga. Não fiquei remoendo depois."

É preciso observar que existem alguns pontos de similaridade entre essa experiência e outras que foram tomadas como reais por aqueles a quem aconteceram. Esta mulher descreve uma luz clara brilhante, o encontro com outros que lá estavam para levá-la ao outro lado, e falta de preocupação quanto a estar morta. Há também dois aspectos que sugerem uma experiência fora do corpo: a impressão dela de que ouvia as vozes do dentista e da enfermeira de uma posição acima da deles, e a sensação de "flutuar".

De outro lado, os outros detalhes dessa história são bastante atípicos de experiências de quase morte que são relatadas como tendo ocorrido na realidade. A luz brilhante não foi personificada e não ocorreram sensações inefáveis de paz e felicidade. A descrição do mundo pós-morte é muito literal e, diz ela, em concordância com a educação religiosa que recebeu. Os seres que ela encontrou são identificados como "anjos", e ela fala em ir para um "céu" que está localizado na direção "para cima", para onde ela está indo. Ela nega ter visto o próprio corpo ou ter estado em qualquer outra espécie de corpo, e fica claro que o movimento que percebeu é o da cadeira do dentista e não o seu próprio. A cadeira do dentista era a fonte do movimento rotatório. Repetidamente acentua que foi uma experiência vaga, e aparentemente não teve efeito em sua crença na vida depois da morte. (Na verdade, ela agora tem dúvidas sobre a sobrevivência depois da morte corporal.)

Ao comparar relatos em que a experiência é claramente atribuída a uma droga com as experiências de quase morte que foram relatadas como reais, vários pontos precisam ser mencionados. Em primeiro lugar, as poucas pessoas que descreveram tais experiências de "drogas" não são nem mais nem menos românticas, imaginativas ou estáveis do que as pessoas que relatam experiências de quase morte. Em segundo lugar, essas experiências induzidas por drogas são extremamente vagas. Em terceiro lugar, as histórias variam entre si e também notavelmente das visões de quase morte "reais". Devo dizer que, ao escolher o exemplo específico de um caso do tipo "anestésico", escolhi de propósito o que *mais de perto se assemelha* ao grupo de experiências "reais". Por isso, sou de opinião que existem, em geral, diferenças muito grandes entre esses dois tipos de experiências.

Além disso, existem muitos fatores adicionais que pesam contra a explicação farmacológica do fenômeno de quase morte. O mais significativo é que em muitos casos simplesmente não houve administração de nenhuma droga antes da experiência nem, em alguns casos, depois da experiência. De

fato, muitas pessoas fizeram questão de insistir em que a experiência claramente ocorreu antes que fosse dado qualquer medicamento, em alguns casos muito antes que qualquer tipo de assistência médica fosse obtida. Mesmo nos casos em que foram administradas drogas terapêuticas mais ou menos na ocasião do evento de quase morte, a variedade de drogas empregadas é enorme. Vão desde substâncias como a aspirina, passando por antibióticos, adrenalina, até anestésicos locais e gasosos. A maioria dessas drogas não está associada com o sistema nervoso central nem com efeitos psíquicos. Deve ser também notado que não há diferenças entre o grupo de relatos feitos por aqueles que não tomaram nenhuma droga e as experiências relatadas por aqueles que sofreram medicação de vários tipos.

Finalmente, quero mencionar, sem comentários, que uma mulher que "morreu" duas vezes, em ocasiões separadas por anos, atribuiu a *falta* de uma experiência da primeira vez ao fato de que estava anestesiada. Da segunda vez, quando não estava sob o efeito de nenhuma droga, teve uma experiência muito complexa.

Um dos pressupostos da moderna farmacologia médica é a noção, que também parece ter ganho aceitação entre grande massa de leigos em nossa sociedade, de que as drogas psicoativas *causam* os episódios psíquicos com os quais seu uso está associado. Esses eventos psíquicos são, em consequência, considerados "irreais", "alucinatórios", "delirantes" ou "só na mente". É preciso lembrar, entretanto, que esse ponto de vista não é de modo algum aceito universalmente; há um outro ponto de vista sobre a relação entre drogas e as experiências esperadas pelo uso delas. Refiro-me ao uso iniciatório e exploratório do que chamamos drogas "alucinógenas". Através dos tempos os homens voltaram-se para esses compostos psicoativos em sua tentativa de chegar a outros estados de consciência e alcançar outros planos da realidade. (Para uma exposição contemporânea viva e fascinante deste lado do uso de drogas, ver o livro recente *The natural mind*, de Andrew Weil, doutor em medicina.) Assim, o uso de drogas tem sido historicamente associado não só com a medicina e o tratamento de doenças, mas também com a religião e com o alcançar a iluminação. Por exemplo, no muito difundido ritual do culto do peiote encontrado entre os índios americanos no oeste dos Estados Unidos, a planta *Cactus peiote* (que contém a substância mescalina) é ingerida para se conseguir obter visões religiosas e iluminação. Existem cultos similares em todas as partes do mundo, e seus membros participam da crença de que a droga que eles empregam provê um meio de passagem para uma outra dimensão da realidade. Assumindo que esse ponto de vista seja válido, pode-se levantar a hipótese de que o uso de drogas seja um caminho entre os muitos que podem conduzir à iluminação e à descoberta de outros reinos da existência.

A experiência de morrer pode, pois, ser outro desses caminhos, e tudo isso ajudaria a explicar a semelhança das experiências induzidas por drogas, como a citada acima, com as experiências de quase morte.

2. Explicações fisiológicas

A fisiologia é o ramo da biologia que trata das funções das células, órgãos e corpos inteiros dos seres vivos, e das inter-relações entre essas funções. Uma explicação fisiológica do fenômeno de quase morte que tenho ouvido ser frequentemente proposta é que, uma vez que o suprimento de oxigênio ao cérebro fica interrompido durante a morte clínica ou outro tipo de *stress* corporal severo, os fenômenos percebidos devem representar uma espécie de último hausto compensatório do cérebro que morre.

A principal coisa errada com esta hipótese é simplesmente o seguinte: como se pode facilmente depreender do levantamento das experiências de morrer relatadas antes, muitas das experiências de quase morte ocorreram antes que o referido *stress* fisiológico tenha ocorrido. Com efeito, em alguns casos não houve mesmo nem injúria física durante o encontro. No entanto, cada elemento singular que aparece nos casos de injúria severa pode ser observado em outros exemplos onde não houve qualquer injúria.

3. Explicações neurológicas

A neurologia é a especialidade médica que cuida das causas, diagnóstico e tratamento de doenças do sistema nervoso (isto é, do cérebro, espinha e nervos). Fenômenos semelhantes aos relatados por pessoas que quase morreram aparecem também em certas condições neurológicas. Assim, alguém pode propor explicações neurológicas das experiências de quase morte em termos de supostas disfunções do sistema nervoso das pessoas que estão morrendo. Consideremos os paralelos de casos neurológicos para dois dos mais notáveis eventos da experiência de morrer: a "recapitulação" instantânea dos eventos da vida do moribundo e o fenômeno estar fora do corpo.

Encontrei um paciente de uma enfermaria de neurologia de hospital que descreveu uma forma peculiar de ataques nos quais via *flashbacks* de eventos de sua vida pregressa.

"A primeira vez que aconteceu, eu estava olhando para um amigo no outro lado do quarto. O lado direito da face dele como que começou a ficar distorcido. De repente, houve uma intrusão na minha consciência de cenas de coisas que tinham decorrido no passado. Eram exatamente como tinham sido quando aconteceram realmente — vívidas, coloridas e tridimensionais. Me senti enjoado, e fiquei tão assustado que tentei evitar as imagens. De lá para cá, tenho tido muitos desses ataques, e aprendi a deixar que sigam seu curso até o fim. A comparação mais próxima que posso fazer é com os filmes que passam na

televisão no Ano Novo. Cenas de coisas que aconteceram durante o ano são projetadas tão rapidamente, que quando se tenta pensar sobre uma delas, já desapareceu. É assim que acontece com esses ataques. Vejo alguma coisa e penso: 'Ah, eu me lembro disso'. E tento estabilizá-la na minha mente, mas qual nada, aparece imediatamente outra.

"As imagens são coisas que realmente aconteceram. Nada foi modificado. Quando acabam, no entanto, é muito difícil lembrar quais foram as imagens que eu vi. Algumas vezes são as mesmas imagens, outras vezes, não. Quando aparecem eu lembro: 'Oh, estas são as mesmas que eu já vi antes', mas quando desaparecem é impossível lembrar quais eram. Não parecem ser eventos particularmente significativos na minha vida. De fato, nenhum deles é. Todos parecem ser muito triviais. Não aparecem em nenhuma ordem, nem mesmo na ordem em que aconteceram. Chegam como que ao acaso.

"Quando as imagens vêm, ainda posso perceber o que está acontecendo em volta, mas a consciência fica diminuída. Não é exata. É quase como se metade da minha mente ficasse tomada pelas imagens, e a outra metade com o que estou fazendo. Pessoas que já me viram durante esses ataques me dizem que duram cerca de um minuto, mas para mim parece que foi um tempão."

Existem certas semelhanças óbvias entre esses ataques, sem dúvida causados por um foco de irritação no cérebro, e as lembranças panorâmicas relatadas por alguns dos meus pacientes de quase morte. Por exemplo, os ataques deste homem tomam a forma de imagens visuais que eram incrivelmente vívidas e também tridimensionais. Além disso, as imagens parece que vinham a ele de forma totalmente independente de qualquer evocação voluntária. Relata também que as imagens chegavam e iam embora com grande rapidez e acentua a distorção do sentido do tempo que acompanhava os ataques.

De outro lado, há também notáveis diferenças. Diversamente das imagens vistas nas experiências de quase morte, as cenas da memória não ocorrem na ordem em que foram vividas, nem foram vistas todas de uma vez, numa visão unificada. Não eram pontos altos, nem mesmo eventos significativos de sua vida; ele acentua a trivialidade delas. Assim, não parecem ter sido apresentadas com propósitos de avaliação ou educativos. Enquanto muitos pacientes de experiências de quase morte indicam que depois da "recapitulação" podiam lembrar os eventos de suas vidas com maior clareza e mais detalhes do que antes, este homem declara que não podia lembrar quais eram as imagens depois dos ataques terem passado.

As experiências fora do corpo têm uma analogia neurológica nas assim chamadas "alucinações autoscópicas" (ver a si mesmo), que são assunto de um excelente artigo do Dr. N. Lukianowicz na revista especializada *Archives of Neurology and Psychiatry*. Nestas estranhas visões, o paciente vê uma projeção dele mesmo no seu próprio campo visual. Esta estranha "cópia" imita as

expressões faciais e os outros movimentos corporais do original, que fica completamente aturdido e confuso quando de repente vê uma imagem de si próprio a certa distância, em geral bem na frente.

Embora essa experiência seja algo análoga com as visões fora do corpo antes descritas, as diferenças são muito maiores que as semelhanças. O fantasma autoscópico é sempre percebido como vivo — algumas vezes o paciente pensa que é até mais vivo e consciente que ele próprio —, enquanto nas experiências fora do corpo o corpo é visto como algo sem vida, como uma concha. O sujeito autoscópico pode "ouvir" sua cópia falando com ele, dando instruções, provocando-o, etc. Enquanto nas experiências fora do corpo o corpo todo é visto (a menos que esteja parcialmente coberto ou de outra forma oculto), a cópia autoscópica é bem mais frequentemente vista só do peito ou do pescoço para cima.

De fato, cópias autoscópicas têm muito mais aspectos em comum com o que chamei corpo espiritual do que com o corpo físico que é visto pela pessoa que está morrendo. Cópias autoscópicas, embora sejam algumas vezes vistas em cor, são mais frequentemente descritas como transparentes, vaporosas e incolores. O paciente pode mesmo ver sua imagem passar através de portas fechadas ou outros obstáculos, sem dificuldade aparente.

Apresento aqui um relato de aparente alucinação autoscópica que me foi descrita. É o único a envolver duas pessoas simultaneamente.

"Cerca das onze horas da noite, há dois anos, no verão, antes de minha mulher e eu nos termos casado, eu a estava levando para casa no meu carro conversível. Parei o carro na rua mal-iluminada defronte à casa dela, e ambos ficamos estarecidos quando, ao olhar ao mesmo tempo para cima, vimos enormes imagens de nós mesmos, da cintura para cima e sentados uma ao lado da outra, nas grandes árvores que sombreavam a rua, cerca de trinta metros bem na frente da gente. As imagens eram escuras, quase que silhuetas, e não se podia ver através delas, mas eram, de qualquer modo, réplicas exatas. Nenhum de nós teve dificuldade em reconhecê-las imediatamente. Elas se moviam, mas não imitando nossos movimentos, pois só estávamos sentados quietos olhando para elas. Faziam coisas assim: minha imagem apanhou um livro e mostrou algo nele à imagem da minha mulher, que se inclinou e o olhou mais de perto.

"Sentados ali, durante algum tempo eu ia narrando a cena — dizendo a minha mulher as coisas que eu via as imagens fazendo —, e o que eu estava dizendo correspondia exatamente ao que ela também estava vendo as imagens fazerem. Aí trocávamos. Ela me contava o que estava vendo as imagens fazerem, e era exatamente o que eu estava vendo.

"Ficamos sentados ali bastante tempo — pelo menos meia hora —, olhando e falando acerca do que estávamos vendo. Acho que poderíamos ter continuado a noite toda. Mas minha mulher tinha que entrar, assim finalmente subimos juntos os degraus que levavam à casa dela. Quando voltei, vi as imagens outra vez, e ainda estavam lá quando dei a partida e me afastei.

"Não há nenhuma chance de que tenha sido uma espécie de reflexo no

para-brisa porque o carro estava com a capota levantada e estávamos olhando o tempo todo por cima do para-brisa. Nenhum de nós bebeu — somos abstmios até hoje —, e isso aconteceu muitos anos antes que tivéssemos ouvido falar em LSD ou coisa assim. Também não estávamos cansados, ainda que fosse bem tarde, e por isso não estávamos dormindo, nem sonhando. Estávamos bem acordados, alerta, espantados e excitados enquanto víamos as imagens e conversávamos sobre elas."

Concedo que as alucinações autoscópicas são, sob muitos aspectos, como o fenômeno fora do corpo nas experiências de quase morte. Entretanto, mesmo que só focalizássemos as semelhanças, negligenciando completamente as diferenças, a existência de alucinações autoscópicas não nos daria uma explicação para a ocorrência de experiências fora do corpo. Pela simples razão de que também não existem explicações para as alucinações autoscópicas.

Muitas explicações conflitantes têm sido propostas por diferentes neurologistas e psiquiatras, mas ainda estão sendo debatidas, e nenhuma teoria ganhou ainda aceitação geral. Assim, tentar explicar todas as experiências fora do corpo como sendo alucinações autoscópicas seria apenas substituir a perplexidade pelo enigma.

Finalmente, há um outro ponto que é relevante para a discussão das explicações fisiológicas das experiências de quase morte. Em um dos casos encontrei um paciente que tinha um problema neurológico residual derivado de um quase encontro com a morte. O problema consistia em uma ligeira deficiência causando paralisia parcial em um pequeno grupo de músculos de um lado do corpo. Embora eu tenha frequentemente perguntado se havia qualquer deficiência residual, esse foi o único exemplo que encontrei de dano neurológico posterior a um encontro quase mortal.

Explicações psicológicas

A psicologia ainda não alcançou nada que se pareça com o grau de rigor e precisão conseguido por algumas outras ciências nos tempos modernos. Os psicólogos ainda estão divididos em escolas de pensamento que contestam mutuamente pontos de vista em conflito, abordagens metodológicas e a compreensão fundamental da existência e da natureza da mente. As explicações psicológicas das experiências de quase morte, em consequência, variam enormemente segundo a escola de pensamento à qual o explicador pertença. Em vez de considerar cada um dos tipos de explicação psicológica que possa ser conceberivelmente proposto, ficarei só com alguns que tenho com mais frequência ouvido de membros das minhas audiências, e me deterei em um que me parece de certo modo o mais tentador.

Já abordei anteriormente duas explicações de tipo psicológico mais comumente propostas — as que formulam a hipótese de que pode ter ocorrido quer a mentira consciente, quer a inconsciente elaboração fabulosa. No presente capítulo quero considerar duas outras.

1. Pesquisas de isolamento

Em todas as conferências públicas em que apresentei meus estudos, ninguém nunca adiantou uma explicação das experiências de quase morte nos termos dos resultados das pesquisas de isolamento. No entanto, é precisamente nessa área relativamente nova e em grande crescimento das ciências do comportamento que têm sido estudados e produzidos, em condições de laboratório, fenômenos que mais estreitamente se assemelham a estágios da experiência de quase morte.

A pesquisa de isolamento é o estudo do que acontece na mente e no corpo de uma pessoa que de um modo ou de outro fica isolada; por exemplo, ao ser afastada de todo contato social com outros seres humanos, ou ao ser submetida por longos períodos a uma tarefa repetitiva e monótona.

Dados sobre situações deste tipo podem ser obtidos de várias maneiras. Relatos escritos das experiências de exploradores solitários dos polos ou desertos, ou de sobreviventes de desastres e naufrágios, contêm muita informação. Durante as últimas décadas, pesquisadores têm tentado investigar fenômenos semelhantes em condições de laboratório. Uma técnica muito divulgada é suspender voluntários em um tanque de água que está com a mesma temperatura que o corpo. Isso faz com que as sensações de peso e temperatura sejam reduzidas ao mínimo. O voluntário tem também os olhos vendados, as orelhas tapadas para intensificar o efeito do tanque escuro e à prova de som. Os braços são enfiados em tubos, para que o voluntário não possa movê-los, ficando assim privado de muitas das sensações normais de movimento e posição. Nestas e em outras condições de solidão, algumas pessoas têm experimentado fenômenos psicológicos desusados, muitos dos quais se assemelham muito aos que esbocei no segundo capítulo.

Uma mulher que passou longos períodos sozinha na desolação do polo norte relata uma visão panorâmica dos acontecimentos de sua vida. Marinheiros naufragos, perdidos e solitários durante muitas semanas em pequenos botes, descrevem alucinações nas quais estão sendo salvos, algumas vezes por seres paranormais, como fantasmas ou espíritos. Isso guarda certa analogia cega com o ser de luz ou os espíritos dos mortos que muitos dos meus informantes encontraram. Outros fenômenos do tipo quase morte que repetidamente ocorrem nos relatos de isolamento incluem: distorções do sentido do tempo, sensações de estar parcialmente dissociado do corpo,

resistência em voltar para a civilização ou deixar o isolamento, e sensações de ser "uno" com o universo. Além disso, muitos dos que estiveram isolados em naufrágios ou outros eventos tais dizem que, depois de estar nessas condições por algumas semanas, voltaram à civilização com uma modificação profunda em seus valores. Podem relatar que se sentem mais seguros interiormente. É bastante claro que essa reintegração da personalidade é semelhante à descrita por muitos dos que voltaram da morte.

Da mesma forma, há certos aspectos das situações dos moribundos que são muito parecidos com experiências características dos estados de isolamento. Os pacientes que chegam às proximidades da morte ficam com frequência isolados e imóveis em salas de recuperação nos hospitais, muitas vezes em condições de luz atenuada, som reduzido e sem visitas. Pode-se mesmo imaginar se as modificações fisiológicas com a morte do corpo não poderiam produzir uma espécie de isolamento radical resultante da quase total interrupção dos impulsos sensoriais para o cérebro. Além disso, como foi antes discutido longamente, muitos pacientes de quase morte me contaram de sentimentos perturbadores de isolamento, solidão, e de estarem completamente separados do contato humano, sentimentos que os acometeram quando estiveram fora do corpo.

Com efeito, é sem dúvida possível encontrar casos que não podem ser nitidamente classificados, quer como experiências de quase morte, quer como experiências de isolamento.

"Eu fiquei extremamente doente no hospital, e enquanto ficava lá deitado apareciam cenas para eu ver, como se estivessem em uma tela de televisão. As cenas eram de gente, e eu podia ver uma pessoa, como se estivesse no espaço a distância, e ela começava a se aproximar de mim, aí passava e uma outra aparecia. Eu tinha plena consciência de que estava no hospital e que estava doente, mas comecei a me preocupar com o que estava acontecendo. Bem, algumas dessas pessoas eu conhecia pessoalmente — eram meus amigos ou parentes —, mas a outras não conhecia. De repente compreendi que todos os que eu conhecia eram pessoas que tinham morrido."

Pode-se bem perguntar como classificar essa experiência, uma vez que tem pontos de semelhança tanto com as experiências de quase morte como com as de isolamento. Parece algo análoga com as experiências de quase morte nas quais houve encontro com os espíritos de indivíduos desaparecidos, e no entanto é diferente em não ter ocorrido nenhum outro fenômeno de quase morte. É interessante que, em um estudo de isolamento ou privação sensorial, o sujeito que estava sozinho em um cubículo já por algum tempo descreveu alucinações em que via imagens de homens famosos passando por ele. Assim, o exemplo que acabamos de citar deve ser classificado como uma experiência de

quase morte, ou como uma experiência de isolamento acarretada pelas condições de confinamento provocadas pelo seu estado de saúde? Pode bem ser o caso de que não haja nenhum critério que possa ser estabelecido para permitir a classificação de cada uma de tais experiências em uma das duas categorias independentes. Talvez haja sempre casos de indecisão.

Apesar dessa sobreposição, entretanto, os resultados das pesquisas de privação sensorial não constituem uma explicação satisfatória para as experiências de quase morte. Em primeiro lugar, os diversos fenômenos mentais que ocorrem em condições de isolamento não podem eles próprios ser explicados por nenhuma teoria atual.

Recorrer aos estudos de isolamento para explicar as experiências de quase morte seria, como no caso de "explicar" as experiências fora do corpo recorrendo às alucinações autoscópicas, meramente substituir um mistério por outro. Pois há duas correntes de pensamento em conflito acerca da natureza das visões que ocorrem em condições de isolamento. Alguns sem dúvida as tomam como "irreais" e "alucinatórias", mas, no entanto, através de toda a história, místicos e xamãs procuraram a solidão dos desertos para encontrar iluminação e revelação. A ideia de que um renascimento espiritual possa ser alcançado pelo isolamento é parte integral dos sistemas de crenças de muitas culturas e se reflete em muitas escrituras religiosas, inclusive a Bíblia.

Embora essa ideia seja algo estranha à estrutura de crenças do Ocidente contemporâneo, há ainda muitos defensores dela, mesmo na nossa sociedade. Um dos pioneiros e mais influentes pesquisadores do isolamento, Dr. John Lilly, escreveu recentemente um livro, uma autobiografia espiritual, chamada *The center of the cyclone*. Nesse livro ele deixa claro que considera as experiências pelas quais passou em condições de isolamento como experiências reais de iluminação e compreensão, de modo algum "irreais" ou "ilusórias". E também interessante notar que relata uma experiência própria de quase morte que é muito parecida com aquelas de que tratei e que ele coloca a sua experiência de quase morte na mesma categoria que suas experiências de isolamento. O isolamento pode, por isso, ser muito bem, ao lado das drogas alucinatórias e da proximidade da morte, um dos vários caminhos para alcançar novos reinos da consciência.

2. Sonhos, alucinações e ilusões

Talvez, de certo modo, as experiências de quase morte sejam só sonhos que realizam desejos, fantasias ou alucinações que são postos em ação por diferentes fatores — em um caso, drogas, em outro, anorexia cerebral, em um terceiro, isolamento, e assim por diante. Assim, as experiências de quase morte poderiam ser explicadas como ilusões.

Penso que vários fatores pesam em contrário. Em primeiro lugar, considere-se a grande semelhança do conteúdo e progressão que encontramos entre as descrições, apesar do fato de que o que é mais comumente relatado não é obviamente o que no nosso meio cultural se imagina mais frequentemente como o que acontece com os mortos. Além disso, descobrimos que o quadro de eventos do morrer que emerge desses relatos corresponde de maneira notável ao que é pintado nas escrituras muito antigas e esotéricas totalmente desconhecidas dos meus informantes.

Em segundo lugar, permanece o fato de que as pessoas com as quais tenho falado não são vítimas de psicoses. Elas me deram a impressão de ser pessoas emocionalmente estáveis, gente normal que funciona em sociedade. Mantêm empregos e posições de importância e se conduzem responsabilmente. Têm casamentos estáveis e estão envolvidas com suas famílias e amigos. Quase ninguém com quem conversei teve mais do que uma dessas experiências estranhas em toda a sua vida. E, o que é ainda mais significativo, esses entrevistados são pessoas que sabem distinguir entre sonhos e experiências de quando se está acordado.

No entanto, são pessoas que relatam o que passaram quando estiveram nas proximidades da morte, não como sonhos, mas como eventos que aconteceram com elas. Quase invariavelmente, no decurso de suas narrativas, me asseguraram que suas experiências não foram sonhos, mas sim, definitivamente, enfaticamente reais.

Finalmente, há o fato de que existe certa corroboração independente para alguns dos relatos de episódios fora do corpo. Embora compromissos assumidos com outrem me impeçam de fornecer nomes e detalhes identificadores, vi e ouvi o suficiente para dizer que continuo perplexo e estarecido. É minha opinião que qualquer um que encare as experiências de quase morte de maneira organizada provavelmente irá descobrir essas corroborações aparentemente estranhas. Pelo menos, creio que descobrirá fatos suficientes para fazê-lo suspeitar que as experiências de quase morte, longe de ser sonhos, podem bem pertencer a uma categoria bastante diferente.

Como nota final, deixem-me indicar aqui que "explicações" são apenas sistemas intelectuais abstratos. São também, sob certos aspectos, projeções dos egos das pessoas que as defendem. As pessoas tornam-se emocionalmente casadas, por assim dizer, com as normas de explicação científica que elaboram ou que adotam.

Nas numerosas conferências sobre minha coleção de narrativas sobre acontecimentos de quase morte, encontrei proponentes de muitos tipos de explicação. Pessoas que pensam fisiológica, farmacológica ou neurologicamente encaram as suas próprias orientações como fontes de explicação que são

intuitivamente óbvias, mesmo que os casos trazidos à baila pareçam contrariar aquela particular explicação. Aqueles que esposam as teorias de Freud agradam-se por ver no ser de luz uma projeção do pai do paciente, enquanto os adeptos de Jung veem arquétipos do inconsciente coletivo, e assim por diante, *ad injinitum*.

Embora eu queira afirmar mais uma vez que não estou propondo nenhuma nova explicação pessoal para tudo isso, tentei dar algumas razões do porquê de as explicações que com frequência são propostas me parecerem pelo menos discutíveis. Com efeito, tudo o que quero realmente sugerir é isto: deixemos pelo menos aberta a possibilidade de que as experiências de quase morte representem um fenômeno novo para o qual talvez seja preciso elaborar novos modos de explicação e interpretação.

VI

Impressões

Ao escrever este livro tinha plena consciência de que meu propósito e minhas perspectivas poderiam ser facilmente mal entendidos. Em particular, gostaria de dizer aos leitores que pensam cientificamente que estou ciente, de maneira cabal, que o que fiz não constitui um estudo científico. E, aos meus colegas filósofos, gostaria de insistir que não estou tendo a ilusão de ter *provado* que existe vida depois da morte. Tratar dessa questão de maneira cabal acarretaria à discussão de detalhes técnicos que estão além do escopo deste livro, e por isso limitar-me-ei às seguintes e breves observações.

Em áreas de estudo especializadas, tais como a lógica, o direito e a ciência, as palavras "conclusão", "prova" e "testemunho" são termos técnicos e têm um significado mais refinado do que no uso vulgar. Um passar de olhos por qualquer revista popular de notícias sensacionais mostrará que qualquer conto impossível pode ser apresentado como "prova" de alguma alegação inverossímil.

Na lógica, o que pode e o que não pode ser dito a partir de um conjunto de premissas não é de modo algum uma questão arbitrária. Ao contrário, é precisa e vigorosamente definido por regras, convenções e leis. Quando alguém diz que tira certas "conclusões", está implicitamente afirmando que qualquer um que parta das mesmas premissas deve chegar às mesmas conclusões, a menos que tenha cometido um erro de lógica.

Essas observações indicam por que me recuso a tirar qualquer "conclusão" de meu estudo e por que não estou tentando construir uma prova da doutrina antiga da sobrevivência depois da morte corporal. No entanto, penso que estes relatos de experiências de quase morte são muito significativos. O que quero fazer é encontrar um jeito de interpretá-los que nem as rejeite na base de que estas experiências não constituem prova científica ou lógica, nem faça delas sensacionalismo apelando para argumentos vagamente emocionais dizendo que "provam" que há vida depois da morte.

Ao mesmo tempo, parece-me ser uma possibilidade aberta a de que nossa inabilidade atual de construir uma "prova" possa não representar uma limitação imposta pela natureza dos dados (as próprias experiências de quase

morte). Talvez, em vez disso, a limitação seja dos modos correntemente aceitos de pensamento científico e lógico. Pode bem acontecer que a perspectiva dos cientistas e lógicos do futuro seja bem diferente. (É preciso lembrar que historicamente a metodologia científica e a lógica não foram sistemas estáticos e fixos, mas sim processos dinâmicos.)

Assim, o que me resta não são conclusões, provas ou testemunhos, mas algo muito menos definido — sentimentos, questões, analogias e fatos intrigantes a serem explicados. Na verdade, pode ser mais apropriado perguntar, não quais as conclusões a que cheguei na base desse estudo, mas, ao invés, como o estudo me afetou pessoalmente. Como resposta só posso dizer: há algo extremamente convincente no *ouvir* alguém descrever sua experiência que não pode ser facilmente posto por escrito. As experiências de quase morte foram acontecimentos reais para essas pessoas, e, através da minha associação com elas, essas experiências tornaram-se para mim também eventos reais.

Compreendo, no entanto, que esta é uma consideração psicológica e não lógica. A lógica é um assunto público e as considerações psicológicas não são públicas da mesma maneira. O mesmo conjunto de circunstâncias pode afetar ou modificar de um certo modo dada pessoa, e de outro, completamente diferente, outra pessoa. É uma questão de disposição e temperamento, e não quero sugerir que as minhas próprias reações a este estudo devam se tornar um paradigma de pensamento para todo o mundo. Em vista disso, alguém pode perguntar: "Se a interpretação dessas experiências é, no fim das contas, uma questão tão subjetiva, por que estudá-las?"

Não posso pensar em nenhuma outra resposta senão mais uma vez indicar a preocupação humana universal com a natureza da morte. Acredito que qualquer luz que possa ser lançada sobre a natureza da morte é para o bem.

Membros de muitas profissões e campos acadêmicos necessitam esclarecimentos sobre este assunto. São necessários para o médico que tem de lidar com o medo e as esperanças do moribundo e para os que ministram ajuda a outros diante da morte. São necessários também aos psicólogos e psiquiatras, porque para elaborar métodos válidos e úteis para a terapia dos distúrbios emocionais precisam saber o que a mente *é* e se pode ou não existir independentemente do corpo. Se não pode, então a ênfase da terapia psicológica irá mudando gradativamente na direção dos métodos físicos — drogas, choque elétrico, cirurgia do cérebro e outros que tais. De outro lado, se existirem indicações de que a mente pode existir à parte do corpo e de que é alguma coisa por direito próprio, então a terapia das desordens mentais acabará por ser algo muito diferente.

Entretanto, a questão diz respeito a mais do que problemas acadêmicos

e profissionais. Refere-se também a assuntos profundamente pessoais, pois o que aprendemos sobre a morte pode fazer uma diferença importante em como vivemos nossas vidas. Se experiências do tipo que venho discutindo são reais, elas têm implicações muito profundas para o que cada um de nós está fazendo com sua vida. Pois será então verdade que não podemos compreender inteiramente esta vida enquanto não vislumbrarmos o que jaz além.

Posfácio

Cerca de um ano decorreu entre a conclusão do manuscrito deste livro e sua publicação. Nesse ínterim, muitos dados adicionais chegaram ao meu conhecimento. De particular importância foram os relatos de fenômenos de quase morte que ocorreram associados com tentativas de suicídio. Creio que são suficientemente significativos para serem incluídos no presente volume. Essas experiências foram uniformemente caracterizadas como desagradáveis. Como disse uma mulher: "Se você deixa aqui um espírito atormentado, também lá você será um espírito atormentado". Em resumo, essas pessoas relatam que os conflitos dos quais quiseram escapar tentando o suicídio ainda estavam presentes depois que elas morreram, mas com complicações adicionais.

No seu estado fora do corpo não eram capazes de fazer nada com relação aos seus problemas, e ainda tinham que ver as consequências infelizes que resultaram de seus atos. Um homem, desalentado com a morte de sua esposa, deu um tiro em si mesmo, "morreu" em consequência disso e foi ressuscitado.

Ele conta:

"Não fui para onde estava minha esposa. Fui para um lugar terrível. . . Imediatamente, vi o engano que tinha cometido... Pensei: 'Gostaria de não ter feito isso'".

Outros que experimentaram esse desagradável estágio no "limbo" contam que tiveram a sensação de que permaneceriam lá por muito tempo. Seria esse o seu castigo por terem "quebrado as regras", tentando libertar-se prematuramente daquilo que era, com efeito, uma "atribuição" para cumprir um certo propósito na vida.

Tais observações coincidem com o que tem sido dito por diversas pessoas que "morreram" de outras causas; disseram que, enquanto estavam nesse estado, foi-lhes dado a entender que o suicídio era um ato muito infeliz, punido com uma severa penalidade. Um homem que "morreu" após um acidente disse:

"Enquanto estava lá tive a sensação de que as duas coisas que me eram completamente vedadas fazer seriam matar-me ou matar outra pessoa. (...) Se

estivesse para cometer suicídio, estaria lançando a dádiva de Deus diretamente de volta à sua face. (...) Matando outra pessoa, estaria interferindo nos propósitos de Deus para com aquele indivíduo".

Sentimentos como esse, que agora têm sido expressos a mim em muitos relatos separados, são semelhantes àqueles incorporados à maior parte da antiga argumentação moral e teológica a respeito do suicídio — e que aparece sob várias formas nos escritos de pensadores tão diferenciados como São Tomás de Aquino, Locke e Kant. Do ponto de vista de Kant, um suicida está agindo em oposição aos propósitos de Deus e, chegando ao outro lado, é visto como alguém que se rebelou contra o seu criador.

Dr. Raymond A. Moody, Jr.

